



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA I: RELAÇÕES ECONÔMICO-SOCIAIS E PRODUÇÃO
DOS ESPAÇOS

FREDERICO AUGUSTO LUNA TAVARES

"NO TEMPO DOS BROTOS: juventude e diversão
em Petrópolis e no Tirol (1945-1960)"

NATAL

2011

FREDERICO AUGUSTO LUNA TAVARES

"NO TEMPO DOS BROTOS: juventude e diversão
em Petrópolis e no Tirol (1945-1960)"

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa I - Relações Econômico-Sociais e Produção dos Espaços, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Prof. Dr. Helder do Nascimento Viana.

NATAL

2011

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Tavares, Frederico Augusto Luna.

“No tempo dos brotos: juventude e diversão em Petrópolis e no Tirol (1945-1960)”. – 2011.

150 f.: il. -

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Natal, 2011.

Orientador: Prof. Dr. Helder do Nascimento Viana.

1. Crescimento urbano. 2. Indústria do lazer. 3. Juventude – Tirol (Natal, RN) 4. Juventude – Petrópolis (Natal, RN). I. Viana, Helder do Nascimento. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 711.4(813.2)

FREDERICO AUGUSTO LUNA TAVARES

**"NO TEMPO DOS BROTOS: juventude e diversão
em Petrópolis e no Tirol (1945-1960)"**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no
Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
pela comissão formada pelos seguintes professores:

Dr. Raimundo Perreira Alencar Arrais

(Membro interno)

Dra. Kênia Sousa Rios

(Membro externo)

Dr. Helder do Nascimento Viana

(Orientador)

Dr. Raimundo Nonato de Araújo Rocha

(Suplente)

*Aos meus entrevistados,
eternos adolescentes na alegria de viver,
síntese de uma Natal mais feliz e poética,
a minha admiração, emoção e o meu apreço.*

AGRADECIMENTOS

Este talvez seja o momento mais feliz – e “difícil” - desta etapa da dissertação de Mestrado. Os significados são muitos, e superlativos. Uma experiência que eu não tinha idéia de como se desenvolveria e como terminaria anos depois de ter concluído o curso de Comunicação Social no início dos 1990. Voltar à Universidade mais maduro, mais objetivo e, porque não afirmar, mais sensível, fez-me perceber com outra intensidade quão importantes são as Ciências Humanas. Em especial, e muito mais aprofundadamente, ter (con)vivido com a História aguçou – e me exigiu, também – uma nova postura diante dos fatos do presente e do passado.

Devo reconhecer que trilhar este caminho não foi uma tarefa fácil. Os momentos de solidão, a angústia, as muitas noites em claro, ansiedade de querer abraçar as fontes enquanto o tempo nos chama “à realidade”, foram constantes. Longe de ser uma reclamação, faço destas palavras uma constatação, porém, com um adendo: há muito, muito mais a valorizar, e é justamente por causa deste reconhecimento que me sinto no conforto de exprimir em poucas palavras a convivência acadêmica pela qual passei de 2009 até hoje.

Gostaria imensamente de ser justo e de ter uma memória juvenil para lembrar de tudo e de todas as pessoas que cruzei. Os queridos amigos novos que chegaram, outros que quase se foram devido à minha ausência em momentos importantes de nossas vidas, o respeito e a admiração pelos professores que tanto admiro e são fundamentais nesta etapa que finda. Tenho certeza de que, se voltasse no tempo, até àquele dia da entrevista para a seleção do Mestrado, jamais saberia conjecturar sobre o que se descortinaria dali pra frente.

Como aluno especial da graduação em História, tive meu primeiro contato com os professores Durval Muniz e Henrique Alonso. Com eles, abriram-se parte desta experiência marcante. O primeiro, inclusive, já como meu professor do componente curricular da pós-graduação, uma alegria de poder *compartilhar* do seu brilhantismo e bom-humor. Com Fátima Martins, fui aluno especial antes (e depois) de ser efetivado. Com ela, minhas melhores lembranças, quando eu insistia em ver o “lado ‘B’” dos textos. Sua paixão em lecionar está na minha memória e vai continuar ainda por muito tempo.

A professora Flávia Pedreira, sempre amiga, solícita, com um sorriso no rosto, incentiva às novas descobertas, a outras visões cinematográficas que vão além do lugar-comum, o meu obrigado.

Aos professores Raimundo Arrais e Luciana Chianca, a quem tanto admiro e que tive a felicidade de tê-los na minha Qualificação. A rigidez de ambos me fortaleceu e norteou brilhantemente o meu trabalho.

Não posso esquecer da professora de Arquitetura e Urbanismo, Ângela Ferreira, pelo seu comprometimento, pela rigidez nas aulas, pela disponibilidade de sempre e pela sua paixão pelas cidades, meu reconhecimento.

Não posso esquecer os meus colegas e amigos de turma, pessoas ímpares, cuja amizade, carinho e admiração, misturados à saudade que sinto deles, irei levar para o resto da vida.

A Diego e Gabriel, pela consideração, respeito intelectual, disponibilidade, aos jogos de vôlei e às “cervejadas” e guaraná, um fraterno abraço.

A Adriana, maranhense que é um doce de pessoa e sua sensibilidade...

A Saul e Marlécio, velhos-novos-amigos, pela presença de sempre, pela beleza que é vê-los encarar a vida profissional de forma tão digna.

Arthur Luís, outro companheiro sempre disposto a ajudar, sempre com um sorriso no rosto, típico *cara* que faz da tempestade um copo d’água.

A Ana Elvira, pessoa incomum no seu jeito de ser e ver a vida, amizade desde os tempos do Azulão, meu carinho; e a Jana Cabocla, por quem tive a oportunidade de dividir ótimos momentos intelectuais e sociais, tipo de pessoa que compartilha conosco as dores e os amores das caminhadas.

A Jailma Lima pelas ótimas dicas.

Márcia Pinheiro, pelo eterno carinho e pelos “puxões de orelha” nos momentos certos.

A Renatinha pelo “monitoramento” virtual e real, seja em Natal ou Ribeirão Preto, e às cervejinhas “rápidas”.

A Hugo pela amizade de 31 anos e pelas fotos de Mr. Altman, e assim como ele, não posso esquecer de Carlinhos e seu pai, Carlos de Miranda Gomes, por serem provas de que o tempo não apaga a história. A Alexandre *Alumão*, as corridas noturnas para desestressar e as dicas valiosas dos personagens.

A Inês e Belle pelas pessoas importantes que são na minha vida.

À querida Ângela Dieb, sempre presente quando eu acabei ficando ausente em nossos encontros, e também por disponibilizar o lindo cartão-postal da Lagoa Manoel Felipe.

Ao meu amigo da natação, companheiro para o que der e vier, Márcio, o Grande, um abraço mais forte do que os que ele costuma dar.

Também agradeço a Vicente Neto, da Tribuna do Norte, pelo interesse em colaborar.

Ao pessoal do Nehad e da Cúria Metropolitana, meu apreço.

Não poderia faltar aqui a presença de Isabelle Sousa, secretária do PPGH, pela sua competência e disponibilidade em nos ajudar, sempre.

A Fernandinho, pela empolgação e incentivo que vem lá de Recife.

A Diva por acompanhar-me desde a tenra infância.

Aos meus queridos irmãos – os de Natal e Campina Grande -, em especial a Angelina por ter conseguido o título de Doutora passando por cima de tantas adversidades, e por se disponibilizar a fazer a revisão, mesmo que na correria, deste trabalho.

Ao Programa REUNI por ter contribuído nos últimos meses para que esta Dissertação tomasse fôlego.

Por último, mas que poderia ser o primeiro, eu devo este trabalho e esta experiência ao meu orientador Helder Viana. Agradeço imensamente a ele, que confiou em mim e me guiou durante toda esta jornada com a sua sapiência e, porque não dizer, paciência também. Termino este ciclo reconhecendo-o e admirando-o cada vez mais, como amigo e como orientando. Parafraseando Hermann Hesse, “os detalhes são a vida”, e Helder conduziu nossa convivência acadêmica – e amigável – baseadas neste preceito. A ele, a minha admiração e o meu mais sincero agradecimento.

Ser jovem

Ser jovem é não perder o encanto e o susto de qualquer espera. É, sobretudo, não ficar fixado nos padrões da própria formação. Ser jovem é ter abertura para o novo na mesma medida do respeito ao imutável. É acreditar um pouco na imortalidade em vida, é querer a festa, o jogo, a brincadeira, a lua, o impossível, o distante. Ser jovem é ser bêbado de infinitos que terminam logo ali. É só pensar na morte de vez em quando. É não saber de nada e poder tudo.

Artur da Távola

RESUMO

O crescimento urbano da capital do Rio Grande do Norte deu o seu passo mais arrojado nas três primeiras décadas do século XX, buscando equiparar-se às metrópoles estrangeiras como também às cidades brasileiras mais desenvolvidas, como por exemplo, o Rio de Janeiro. A vultuosidade das novidades era tanta que podemos perceber o surgimento de uma nova urbe que, em muitos aspectos, se sobrepunha àquela considerada como provinciana pela intelectualidade local. Essas interferências urbanas riscaram o solo da cidade, deixando marcas indeléveis até os dias atuais. O crescimento exacerbado da cidade relacionado aos anos 1940, quando Natal passa a sediar a maior base militar aliada fora dos Estados Unidos no advento da Segunda Guerra Mundial é importante, num momento em que o número de habitantes da cidade é duplicado. O surgimento de novas instituições de diversão, em meio já existentes, continuou marcando os lugares, como se revelam as sociabilidades e a diversão permeadas de significados e representações. Este trabalho buscou conhecer as sociabilidade dos bairros de Tirol e Petrópolis em Natal, no período de 1945 à 1960, quando a cidade vê consolidar-se um mercado cada vez mais voltado para a diversão, e a juventude passa a ter uma participação especial nesse processo.

Palavras-chave: Natal; Tirol, Petrópolis, sociabilidade; elite; planos urbanísticos; diversão.

SUMMARY

The urban growth of Rio Grande do Norte capital gave his boldest step in the three earlier decades of the twentieth century seeking to catch up with foreign metropolis and also most developed Brazilian cities, for example, Rio de Janeiro. Novelties were such bulky that we can notice the rise of a new city which in many aspects superseded that one considered provincial by local intelligentsia. These urban interferences scratched city ground leaving indelible marks until the present day. The exacerbated growth of the city related to the 1940s, when Natal begins hosting the largest allied military base outside United States in the advent of World War II is important at a time when the city's population doubled. The emergence of new leisure institutions, amidst already existing ones, continued marking the places as sociabilities and leisure permeated with meanings and representations are revealed. This work sought to know the sociability of Tirol and Petrópolis neighborhoods in Natal, in the period from 1945 to 1960, when the city witnesses the consolidation of a market increasingly focused on leisure and young people start to have a special participation in this process.

Keywords: Natal; Tirol, Petrópolis, sociability; elite; urban plans; leisure.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 Bonde da linha Alecrim	40
Foto 2 Bonde da linha Tirol	40
Foto 3 Casa de Nilda Cunha Lima	50
Foto 4 Crinaura Cavalcanti	51
Foto 5 Casa de João Maurício Fernandes de Miranda	52
Foto 6 Lagoa Manoel Felipe	58
Foto 7 Luiza Dantas e amigas na Praça Pedro Velho	66
Foto 8 Nilda Cunha Lima na Praça Pedro Velho	66
Foto 9 Praça Pedro Velho	66
Foto 10 Praça Pio X	71
Foto 11 Aero Clube do Rio Grande do Norte	76
Foto 12 João Maurício Miranda, Jaeci Emerenciano e amigos	80
Foto 13 Desfile Jogos Olímpicos Escolares	86
Foto 14 Estádio Juvenal Lamartine	87
Foto 15 Colégio Estadual Atheneu Norte-Riograndense, Ginásio Sylvio Pedroza e Estádio Maria Lamas Farache	91
Foto 16 Sede Social do ABC Futebol Clube	91
Foto 17 Futebol-Mirim	93
Foto 18 Cine Rio Grande	98
Foto 19 Retiro espiritual	113
Foto 20 Deliciosos na Folia	116
Foto 21 Carnaval no Aero Clube	119
Foto 22 Os “sujos”	121
Fotos 23 e 24 Candidatas a Rainha do Carnaval	123
Foto 25 Miss Natal 1957	126
Foto 26 Nilda Cunha Lima no 7 de Setembro	133
Foto 27 Lagoa Manoel Felipe	149

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: A CONFIGURAÇÃO DO BAIRRO E SUA GENTE.....	24
1.1. Retratos dos Planos: a cidade pensada cresce	28
1.1.1. Bairros planejados, ruas esquecidas.....	33
1.2. A precariedade do transporte	37
1.2.1. Ônibus e lotações: demanda crescente, serviço insuficiente	41
1.3. A diversão ocupa (novos) espaços.....	43
1.4. As relações sociais no espaço privilegiado	46
CAPÍTULO 2: VIVENDO AS SOCIABILIDADES NO BAIRRO	55
2.1. A praça pública como centro da diversão.....	64
2.2. A praça e o povo.....	69
2.3. E chega o fim de semana	73
2.4. Esportes: da praça à quadra	83
2.4.1. Os esportes ocupam as ruas.....	83
2.4.2. Futebol – a organização e o sucesso do principal esporte masculino	87
2.4.3. O esporte branco	93
2.5. A juventude vai ao cinema	94
CAPÍTULO 3: BROTOS E JUVENTUDES - Lugar e espaço na sociedade local	100
3.1. Abram alas para o Carnaval.....	101
3.1.1. Carnaval – Festa Viguada.....	107
3.1.2. Música e lança-perfume no rastro da festa	109
3.1.3. A fé avessa à festa: religiosidade e salvação	112
3.1.4. O profissionalismo dos blocos	114
3.1.5. Os clubes investem na folia.....	117
3.1.6. Obrigações de uma Rainha do Carnaval.....	122
3.2. Beleza feminina e representação social	124
3.2.1. A pluralidade dos concursos.....	126
3.2.2. A menina-moça é apresentada à sociedade	127
3.3. As celebrações cívico-militares.....	131
3.4. Vivo São João	134

3.5. O templo, a festa, rua	137
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
BIBLIOGRAFIA.....	144
ANEXOS.....	147

INTRODUÇÃO

O crescimento urbano da capital do Rio Grande do Norte deu o seu passo mais arrojado nas três primeiras décadas do século XX, buscando equiparar-se às metrópoles estrangeiras como também às cidades brasileiras mais desenvolvidas, como por exemplo, o Rio de Janeiro. A vultuosidade das novidades era tanta que podemos perceber o surgimento de uma nova urbe que, em muitos aspectos, se sobrepunha àquela considerada como provinciana pela intelectualidade local. As interferências urbanas riscaram o solo da cidade, deixando marcas visíveis, indeléveis até os dias atuais.

Um centro urbano não é feito somente de pedras, de ruas estreitas e oblíquas, resumidamente desenhadas pela mão do mais perfeccionista e minimalista arquiteto. Não somente. A cidade precisa de outro par. E este é o seu habitante. É ele quem vai lhe dar significado, irá ocupar o seu espaço, eleger lugares apazíveis e rejeitar outros que não o serão. Natal tem instituições que duram décadas, séculos. Identificam a cidade, fazem parte da vida dos cidadãos; outras, porém, parecem carregar uma singularidade apenas momentânea, marcando época, cumprindo seu papel solene para cair no ocaso. Neste entrementes, a urbe mutante cresce, vive e tem vida, sugere novas sociabilidades e mantém-se as antigas. A cidade amplia suas sociabilidades e se abre para um público crescente, como a juventude estudantil, que passa a participar cada vez mais do dia-a-dia social, elegendo lugares e momentos específicos para as suas práticas.

Para entendermos as práticas de sociabilidade em Natal, especificamente nos dois bairros mais elitizados, Tirol e Petrópolis, devemos compreender como se deu o crescimento da cidade no início do século XX. As primeiras décadas dos 1900 em Natal são um período emblemático no que se refere ao planejamento urbano local. O Estado contratou profissionais estrangeiros para pensar, traçar, planejar um novo bairro - a Cidade Nova. Delimitou ruas, criou novos espaços, instituiu dispositivos jurídicos que deveriam ser obedecidos pelos moradores. Enfim, preparou a cidade racionalmente para o futuro que já se fazia presente em diversas capitais do mundo, aqui sendo desejado por suas elites.

O crescimento exacerbado da cidade, relacionado aos anos 1940, quando a capital passa a sediar a maior base militar aliada fora dos Estados Unidos no advento da Segunda Guerra Mundial, nos é importante. A chegada de milhares de novos moradores que aqui vieram nesse período em busca de trabalho e dinheiro, contribuiu de maneira significativa para a expansão da cidade, para a economia da época e outras particularidades, período em que o número de habitantes praticamente dobrou. Entre 1940 e 1950, a população residente em Natal pulou de 55 mil para 104 mil habitantes. O folclorista e historiador Câmara Cascudo sugere que na cidade, entre os períodos mais movimentados e marcantes (1942 a 1944), circulavam entre 10 e 15 mil pracinhas americanos, por dia, o que significava um percentual cerca de 20% de toda a população local¹.

Símbolos deste planejamento urbano, os bairros de Tirol e Petrópolis, nascidos ainda no início do século XX como Cidade Nova, é a testemunha maior de como um espaço criado para atrair um público abastado, e que ainda não contava com a infraestrutura necessária enquanto passava a atrair moradores. Frutos dessa ocupação, os palacetes e as casas residenciais iam aos poucos ocupando terrenos que chegavam a ter a dimensão de um quarteirão. Nesse período gestacional, o bairro da Cidade Nova foi marcado pela implementação de diversos planos urbanísticos: 1901-1904 – Plano Cidade Nova ou Plano Polidrelli; 1929 – Plano Geral de Sistematização ou Plano Palumbo e o Plano de Expansão Saturnino de Brito em 1935. Época em que as novidades trazidas pelas intervenções técnicas como a pavimentação das ruas, o saneamento, a eletrificação pública e privada, dentre outros melhoramentos, contribuíram para surgir novos espaços, projetados para receber as elites natalenses.

Neste recorte geográfico específico, composto por ruas, avenidas, praças, casas, clubes, cinema, lagoa, igrejas - emergiram grupos e assim, novas sociabilidades somaram-se a outras mais antigas, tendo o pós-Guerra em Natal se firmado como um período em que a cidade vê consolidar-se um mercado cada vez mais voltado para a diversão, e a juventude passa a ser uma participante essencial nesse processo. Público e privado, sagrado e profano, proibido e liberado, se revelam nestas relações sociais permeadas de significados e representações, o que nos motivou a conhecer as

¹ CASCUDO, Luís. da C. **História da Cidade do Natal**. 3.ed. Natal: RN/Econômico, 1999.

sociabilidades e diversão no espaço desta “nova cidade” que passou a apresentar-se entre os anos de 1945 e 1960.

Reconstruir a história desse período recente da cidade nos permite perceber um processo, cada vez mais acentuado, de apropriação desse espaço, Cidade Nova, por parcelas da sociedade pertencente às classes mais altas, nos revela fragmentos de como a sociedade local, em especial a parte mais jovem, contribuiu para que práticas sociais antigas, surgidas desde o século XIX², perdurassem e fossem ficando cada vez mais sólidas, sobretudo, no período que compreende a primeira metade do século XX. Dessa maneira, é possível perceber a consolidação de um mercado que se voltava cada vez mais para a diversão e o entretenimento, como, por exemplo, a ida ao cinema, aos bailes nos clubes, a participação cada vez mais efetiva no Carnaval, nos eventos cívicos, entre outros. Veremos os lugares para a prática de esportes continuando a acontecer na rua, na praça, nas quadras e a crescente profissionalização destes; a confirmação de um mercado voltado para a beleza feminina, enquanto que a cidade via os eventos sagrados, cada vez mais, perdendo espaço para os profanos.

Podemos ampliar a compreensão sobre o crescimento da cidade observando como as mudanças propostas ocorreram concomitantemente ao processo evolutivo que desvinculava da Igreja à demarcação da cidade, dando ao Estado o poder de decisão quando do planejamento da urbe. Outrossim, este fato estava intrinsecamente relacionado com a laicização deste Estado e da sociedade - cada vez mais “livre” e “profana”. Esta relação entre a Igreja, o Estado e a urbanização, no referido momento, nos remete ao que o professor Rubenilson Brazão Teixeira tratou sobre a secularização nas cidades do Rio Grande do Norte. De acordo com ele, o uso do espaço urbano é que vai definir se o mesmo é “sagrado” ou “profano”; a finalidade religiosa, por sua vez, perderia o poder, sendo gradativamente suplantada pelas econômica e administrativa. Numa analogia, a cidade republicana do Rio Grande do Norte seria a “Cidade dos Homens, que se moderniza segundo valores laicos”³.

²MARINHO, Márcia M. F. **Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense (1900-1930)**. UFRN, Dissertação. Natal, RN, 2008, p.82.

³TEIXEIRA, Rubenilson B. **Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana**. Natal, RN: EDUFRN, 2009, p.54.

Percebemos que Natal vivenciou uma racionalização de seu espaço urbano e foi se modernizando sobre o ponto de vista da secularização, se preparando para as décadas seguintes. Este crescimento urbano proposto e aplicado pelo poder público no início do século XX até o primeiro quarto de século dos 1900, aconteceu simultaneamente com o processo de secularização e modernização em ascensão nas cidades brasileiras. Para nós, estas hipóteses não são excludentes, mas antes servem de base para as sociabilidades que buscamos conhecer.

Tais mudanças se concretizaram com a chegada da energia e do bonde elétricos, surgiam divertimentos como o cinema, a vitrola e o rádio massificando a música; a ciência fazia novas descobertas, a medicina aumentava a chance de cura de doenças, estimulava-se o consumo de bens materiais. Do início do século passado até os anos 1960, a cidade cresceu e mudou sua geografia. Fazemos referência ao espaço⁴ comparando Natal a um sistema de signos, cuja urbanização se concretizou num crescente, ora lenta, com a ocupação da Cidade Nova, ora acelerada, com a Segunda Guerra Mundial. A população fez o uso do espaço sob diversos aspectos: nas festas de rua, pegando o bonde – e posteriormente o ônibus, para irem às concorridas sessões de cinema ou à praia, passeando pelas ruas largas de Tirol e Petrópolis, enfim, vivendo a cidade, desbravando novos caminhos, lugares articulados, de transformações, de práticas cotidianas e estabelecendo com esse espaço novas relações.

É nesta cidade que determinados grupos vão se tornando cada vez mais organizados, mantendo costumes sociais já existentes ou criando os seus próprios, com códigos e regras que confirmavam o tipo de público que passava a morar nestes dois bairros, construídos, justamente, para receber as ricas famílias. Por outro lado, o período posterior ao conflito bélico na capital do estado nos deixa lacunas esfaceladas sobre as sociabilidades, os seus espaços de lazer, a sua relação com os moradores e o crescimento de Tirol e Petrópolis. Após a Guerra, a diversão passa a ocupar a parte alta da cidade, a que receberia mais investimentos em detrimento do bairro da Ribeira, que caminhava para o seu ocaso festivo após a volta dos militares para seus lugares de origem.

⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.202.

Edmilson Lopes Júnior, em sua tese de doutorado, antecipa informações acerca de parte dos nossos objetivos. Este autor avalia que

Desde a perspectiva da espacialização social, ou seja, do conjunto articulado de práticas espaciais e de suas representações sociais, Natal começa, no período mesmo da Segunda Guerra Mundial, a ser construída socialmente como a cidade do prazer. A forte presença militar, paradoxalmente liberadora, no que diz respeito aos costumes e aos valores, não apenas constrói os alicerces do desenvolvimento urbano de Natal, mas impõem relações sociais destradicionalizadoras, apropriações espaciais que subvertem a geografia cultural tradicional da cidade (dentre elas, a produção das praias como “espaços do descontrole descontrolado”) e a produção de lugares para o consumo do prazer (as boates e as casas noturnas mais importantes da cidade, surgiram para atender à demanda das Forças Aéreas norte-americanas)⁵.

Dessa forma, o encontrar e se encontrar, traçar rotas, as narrativas das ações que compõem, como diz Michel de Certeau⁶, “uma ordem espacial”, são representadas, numa perspectiva relacional, na escolha dos cidadãos dos bairros estudados à confirmação do uso de seus espaços. As práticas cotidianas estabelecem códigos sublevados que são apropriados por esses sujeitos. Encaramos estas possibilidades múltiplas defendidas por este autor por acreditarmos na imbricação entre espaço e lugar como uma tradução que se sucede, se mantém e se renova.

Com a apropriação dos cidadãos ressignificando os lugares de sociabilidades e elegendo aqueles que mais os convém, testemunhamos experiências acentuadas pelos relatos desses sujeitos históricos que, como diz Certeau, “incessantemente transforma lugares em espaços e espaços em lugares”. As narrativas se apresentam essenciais neste momento de reconstrução.

A cronologia aqui proposta tem sido documentada multidisciplinarmente, conforme registros em publicações voltadas para as Ciências Sociais, História, Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Economia, por exemplo. A pesquisa com os jornais locais *Tribuna do Norte* e *A Ordem* (publicado pela Arquidiocese de Natal)

⁵ JR. Edmilson L. **A Construção Social da Cidade do Prazer**. Urbanização turística, cultura e Meio Ambiente em Natal (RN). Natal: EDUFRN, 1997, p.31.

⁶ CERTEAU, Michel de. Id. p. 177.

privilegiou o fim de semana, de sexta à domingo (excetuando-se o Carnaval, quando também incluíamos a semana após o evento), possibilitando-nos uma descrição de uma história urbana recente da cidade do Natal, porém em vias de desaparecer por falta de mais trabalhos voltados ao tema.

Para corroborar com nossa proposta, valemo-nos da imprensa local como fonte, a saber: os jornais Tribuna do Norte (fundado pelo político Aluísio Alves – importante membro da UDN - em 1950, e tinha a maior distribuição do Estado) e A Ordem (pertencente à Igreja católica, fundada em 1935, com um hiato entre 1954 e 1960, cujo direcionamento político se direcionava contrário ao comunismo), que foram pesquisados no recorte temporal que vai de 1945 até o final de 1959. Entretanto, no caso dos dois periódicos, não tivemos acesso a totalidade das edições, especificamente, a todas as sextas-feiras, sábados e domingos, por não existirem todos os arquivos.

Tivemos a preocupação de incluir os fatos neles registrados durante o recorte temporal com a certeza de que estes veículos de comunicação não primavam pela imparcialidade jornalística, justamente por terem vínculos diretos com a política e também com a religiosidade local. A objetividade, uma das marcas do fazer como, ainda não era primordial na imprensa local. Profissionais liberais de outras áreas também faziam às vezes de jornalistas. Eles assinavam colunas e matérias, escreviam poemas, artigos, geralmente opinando sobre assuntos diversos. Ressalvamos, entretanto, que o trabalho nos exigiu um olhar mais atento às divergências entre eles, justificado, principalmente, por tais imbricações principalmente políticas e de cunho religioso que os caracterizam.

Outro problema encontrado foi a má conservação das edições, dificultando a análise das páginas, tanto nos exemplares originais quanto nos digitalizados, além do que, muitas páginas se apresentaram sem paginação ou com a numeração e a data inexistentes e incorretas. Ademais, muitas matérias não seguiam uma sequência para a leitura, terminando nas primeiras páginas e começando nas últimas, o que nos obrigava a compreender primeiramente o texto de trás para a frente, para em seguida, contextualizá-lo e procurar seu início.

Neste trabalho, colhemos relatos de um grupo de cidadãos que moram ou moraram em Tirol e Petrópolis no período estudado. A participação deles foi essencial

para corroborar as informações que obtivemos com as fontes impressas. Tivemos a preocupação de ponderar o material colhido das entrevistas orais. A saudade, a relação com o corpo e a cidade, o “meu tempo”, “tempo bom” que, para os personagens, não voltam mais, não foram descartados, porém, sabendo que nos seria possível, buscamos trabalhar os relatos ao nível da informação, sem danos para a sua construção, justamente por sabermos estar incutida toda uma intencionalidade que, vez ou outra, tentava influenciar a veracidade dos fatos.

Para nos ajudar na compreensão destes depoimentos, remetemos ao pensamento de Ecléa Bosi:

Ao perdermos uma paisagem sonora sempre poderemos evocá-la através de sons que subsistem ou na conversa com testemunhas que a viveram. Nós nos adaptamos longamente ao nosso meio, é preciso que algo dele permaneça para que reconheçamos nosso esforço e sejamos recompensados com estabilidade e equilíbrio. A vida do grupo se liga estreitamente à morfologia da cidade: esta ligação se desarticula quando a expansão industrial causa um grau intolerável de desenraizamento⁷

No nosso caso, este grupo de pessoas, muitos deles profissionais liberais, eram filhos de antigas famílias locais, imbricadas com a política, o comércio e o jurídico. Constituíram-se, assim, na juventude aqui retratada, pertencente a um conceito novo, protagonista de uma realidade histórica ligada às questões sociais que perpassam suas experiências de vida, não atendo-se somente aos vieses comportamentais. Estes jovens estudavam no Atheneu Norte Rio-Grandense, no Colégio Imaculada Conceição, na Escola Doméstica ou faziam faculdade de Direito em Recife, por exemplo. Era um grupo de jovens que freqüentava as mesmas reuniões sociais, festas, clubes, iam à praia, ao cinema e ao teatro; muitas vezes, praticavam esportes juntos. Tinham as mesmas relações, sempre freqüentavam as páginas dos jornais. Desabrochavam para uma vida adulta mais liberta, sem a onipresença familiar tão em voga nas gerações anteriores. Davam rumo às suas vidas galgando conquistas importantes, abraçando o novo que

⁷ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade** – Lembranças de velhos. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 447.

chegava, principalmente, através da arte. São, assim, os nossos brotos retratados nesta pesquisa.

Percebemos que esta juventude – e as fontes bem nos dizem – está inserida numa sociedade que permite uma maior participação no dia-a-dia da cidade. Além disto, ela já direciona sua mobilidade, conquistando espaços antes restritos às gerações anteriores, cujas sanções sociais e/ou familiares regiam com mais afinco sua vivência cidadã em evolução.

A *minha* juventude participa destes meandros que se apresentam além do comportamental. É um grupo proativo, cuja diversão vai ser uma das características principais, fundamentais, até. Para se entender este grupo, deveremos olhar para seus hobbies, os interesses por festas, pelo seu poder de escolha. Mais: ver que já existe todo um cenário focado em suas preferências, seja no cinema, na música, na moda, nos esportes, enfim, numa conjuntura que assim os reconhece. E a estes, então, também chamaremos de elite.

As entrevistas foram fundamentais para conhecermos as sociabilidades naquele recorte geográfico e as relações que se desdobraram entre si e com os dois bairros. A identificação dos locais de divertimento público e privado no recorte cronológico sugerido contribuiu para se compor uma recente história social. Respeitamos e assumimos a importância que a História Oral tem numa pesquisa como a nossa, entretanto, justamente por reconhecermos sua complexidade e pela falta de tempo hábil para pô-la em prática, fizemos o uso das entrevistas de forma livre, sem nos atermos à metodologia singular. Por outro lado, entendemos que não poderíamos desperdiçar os momentos com as testemunhas desta história recente de Natal, uma feliz oportunidade ainda disponível e acessível, fundamentais para a montarmos este quadro histórico-social.

Tivemos a ousadia de incluirmos os relatos orais por entendermos serem indissociáveis à compreensão do cotidiano recente da cidade, numa região criada para atender às demandas de uma elite político-financeira e intelectual, fato que se confirmou na coleta de dados. Conversamos com sete pessoas que moram ou viveram em Petrópolis e Tirol, que nos retrataram, mesmo num universo de amostragem reduzida, a vida social da época e nos mostram como esta fatia do solo urbano de Natal ia sendo

gradativamente ocupada. Desta totalidade, cinco tiveram suas casas construídas pela própria família; lugares privilegiados, fosse pela localização ou pelo tamanho do terreno (alguns ocupando um lote inteiro).

Surgem, assim, os bairros como mediadores desta relação entre o público e o privado, contribuindo para entrecruzar as relações sociais que cada vez mais se mostravam expostas, ao mesmo tempo em que o anonimato perdia sua força. Na arte, no esporte, na festa, no desfile, a ordem era manter uma (boa) convivência, mesmo que, na maioria das vezes, se seguissem as regras sociais em voga na época.

As narrativas contidas aqui não correspondem à totalidade que o tema exige, mas é uma proposta de se apresentar uma elite social – bastante representada pela juventude local - que adentra a metade do século XX estabelecendo suas relações sociais entre espaços e lugares, com seus códigos e preferências. Tirol e Petrópolis, por sua vez, vêm se configurando desde a década de 1980 como bairros cada vez mais adensados. A especulação imobiliária contribui para mudar sua feição urbana, cujas casas e palacetes dão lugar a serviços médicos, como clínicas, hospitais, restaurantes e lojas voltadas para o mercado de luxo, como as butikues.

Esperamos contribuir para que se conheça um pouco mais de uma Natal que pode parecer ser a mesma de 60, 75 anos atrás, acesa na memória de um grupo social que viveu nos dois bairros, cuja história sempre se refaz, porém, apagando suas marcas. Enquanto a cidade envelhece, a sociedade se reinventa e com ela, suas práticas. E assim, se apresenta este quebra-cabeça que nada mais é do que uma amostra da Natal do presente vista pelas janelas do passado, saindo da memória para entender a história.

CAPÍTULO 1

A configuração do bairro e sua gente

Saudades de Natal
 Natal de minha infância, Natal de minha infância,
 Onde estão teus folguedos populares,
 A chegada, o fandango, o boi-calemba?
 Quem mais hoje te lembra os pastoris,
 As lapinhas alegres?
 Tudo isso morreu como as tuas serenatas?
 Natal de minha infância, Natal de minha infância,
 Que saudade da que foste, ingênua e simples,
 Quando tinhas a Limpa, o Refoles, o Oitizeiro,
 E havia a pitoresca feira do Passo,
 E a praia do Morcego ainda quase selvagem,
 E as matas da Lagôa Seca e de Petrópolis,
 Do Barro Vermelho e da Usina,
 Que te faziam crer um bosque maravilhoso!
 Natal de minha infância, Natal de minha infância,
 Por que te civilizaram barbaramente,
 Mutilando-te em nome de um progresso sem piedade,
 Monstruoso de barulho e egoísmo?
 Natal de minha infância, Natal de minha infância,
 Nunca mais te reveremos a Potiguarânia
 Onde brilharam tantos bêbados ilustres...
 Nunca mais comeremos as cocadas de Heronides
 No Café A B C, de tão grata memória...
 Nunca mais o Roial Cinema nos abrirá as suas portas,
 Para os filmes de Eddie Pólo, Chico Bóia,
 Francis Ford, Tom Mix, Waldemar Psilander,
 Teda Bara, Pola Negri, Francisca Bertini...
 Adeus, Roial Cinema dos Mistérios de New York...
 Da Herança Fatal, da Bala de Bronze...
 Adeus, Natal de minha infância!⁸

Os versos acima nos apresentam quase que prontamente um atlas de costumes e lugares existentes na cidade de Natal que envelheceram e aos poucos foram ficando na lembrança do seu autor. Parecem também, em muitos aspectos, anunciar a chegada de novos tempos, em que antigos hábitos relacionados a práticas de divertimentos iam cedendo espaço a novas formas de passar o tempo livre. Mais do que velhas recordações tragadas pelo progresso, estes versos demonstram o ressentimento de não mais existir aquela Natal dos folguedos populares, repleta de personagens que deixavam suas marcas impressas na memória das pessoas num tempo em que ainda eram conhecidas pela propaganda de seus serviços à base do pregão. Um novo cenário se mostrava, sem bosques, sem tranquilidade - *impiedoso até* - dividia os momentos idílicos partilhados

⁸ **Tribuna do Norte**, 14.10.1951.

num Royal Cinema que fechava suas cortinas, para melancolia do colunista Esmeraldo Siqueira, poeta saudoso cuja temática, vez por outra, versava sobre uma Natal mais social.

Entretanto, por trás de tantas perdas e lamentações, o autor revela que a sua cidade vivenciava vários e diversificados momentos sociais e outros tantos lugares que marcavam fortemente as relações das pessoas consigo próprias e com a urbe. Ou seja, a diversão, que era parte do dia-a-dia dos cidadãos, reluzia, e continuava acontecendo de novas maneiras no século XX na capital potiguar.

A cidade do Natal nas primeiras décadas dos 1900 passou a receber uma série de novos investimentos que mudariam e ampliariam o seu traçado urbano. O fato já vinha acontecendo em diversas cidades mundo afora, e aqui, no Brasil, se fazia presente mais contundentemente no Rio de Janeiro – Capital Federal.

Para fazer parte dessa tendência, estes melhoramentos visavam atuar em diversas frentes na cidade de Natal:

O projeto consistiu equipá-la com os elementos idealizados para uma cidade moderna, regular e higiênica: modernizar, investir em novos serviços, calçamento, ruas largas e limpas, áreas verdes, embelezamento das fachadas, asseio e higiene⁹

Três grandes intervenções planejadas marcaram a cidade no período que antecedeu a Segunda Guerra Mundial. Duas delas, as primeiras, notadamente se direcionaram para a parte da população mais rica, a elite, formada por representantes ligados à política, economia e intelectualidade do estado. O primeiro deles, datado de 1901-1904, o Plano Cidade Nova ou Plano Polidrelli; em 1929, o segundo, com o Plano Geral de Sistematização ou Plano Palumbo e o terceiro, Plano de Expansão Saturnino de Brito em 1935.

No início do século XX, Natal estava sob a administração de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, membro de família tradicional local que permaneceu no poder do Estado entre os anos de 1889 até 1914. É importante ressaltar que durante esse período o governo do Estado oscilou entre as mãos de vários membros pertencentes a essa família, fosse na figura de Pedro Velho, ou de seu irmão – Alberto Maranhão.

⁹ SANTOS, Pedro A. de L. A questão sanitária e o disciplinamento de Natal: 1850 – 1935. In: FERREIRA, Ângela L. de A; OLIVEIRA, George P. de (Org.). **Natal: intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade.** In: Natal, RN: EDUFRN, 2006, p.40.

Nesse momento, a economia do Rio Grande do Norte se sustentava da pecuária e da produção do algodão.

Aos poucos, alguns locais da cidade foram se especializando em determinadas atividades. A Ribeira, por exemplo, se constituía gradualmente como um bairro ligado ao comércio e ao mercado de diversão, assim como a Cidade Alta. Excetuando-se esses dois bairros (que são os mais antigos), de caráter mais organizado, existiam ainda outros povoados e comunidades que constituíam a cidade, como as Rocas, o Passo da Pátria e o ainda distante bairro do Alecrim.

Nessa época, Natal, já estava se consolidando como a cidade mais importante do estado, especialmente pela implementação de diversas intervenções urbanísticas no município. Essas execuções visavam promover reformas de alguns bairros já existentes, como também criar espaços habitacionais e de uso comum na área central da cidade. Além da criação de novos bairros, dava ênfase em aterros, construção de praças, alargamento de ruas, e outras melhorias urbanas, que seguiam os preceitos de saúde e higiene em voga já desde o século XIX na Europa. Ao mesmo tempo, outras interferências intermediadas por uma elite republicana passaram a se concretizar à luz das invenções tecnológicas e científicas, como já aconteciam em outras cidades da Europa, dos Estados Unidos, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

No desabrochar do século XX, a chegada da energia elétrica em Natal contribuiu para mudar os costumes locais, assim como os bondes movidos à eletricidade também, no mesmo período o foram. Até então, a iluminação artificial dos postes era feita através de lampiões, tendo como combustível-motor o querosene. Em 1905, o gás acetileno passava a iluminar as ruas, dando um novo estímulo para os habitantes ficarem por mais tempo fora de suas casas. À época, contavam-se 18 mil habitantes no núcleo urbano. A primeira década do século XX significou para os cidadãos uma grande mudança na forma administrativa da capital, quando as novas tecnologias contribuíram decisivamente para dar novos usos ao espaço urbano da pequena Natal.

Em 1911, outra novidade luminosa transformou de vez os costumes e a economia local: a energia elétrica, inaugurada no aniversário do governador Alberto Maranhão. A eletricidade foi um marco para a cidade, estimulando ainda mais a população a ficar mais tempo na rua, nas calçadas, instigando-a ao passeio noturno, contribuindo para novas relações, agora, entre a vida privada e a vida pública.

Com a energia elétrica, também veio o bonde elétrico em 1911¹⁰, para substituir a tração animal, feita por burros. Esse meio de transporte não só contribuiu para a diminuição do tempo de deslocamento entre os bairros, como também possibilitou uma nova reconfiguração urbana, visto que seu trajeto não só passava pelos bairros mais ricos. Assim, o bonde ia aos poucos valorizando os espaços por onde percorria, e dava a cidade um caráter de unidade.

No caso de Natal, a ação do poder público e da iniciativa privada estendendo linhas de bondes e abrindo e pavimentando avenidas em toda a área da Cidade Nova, valorizou aquela parte da cidade e contribuiu para definir, historicamente, o espaço de moradia das elites e, conseqüentemente, os territórios periféricos, onde ainda hoje habitam as classes de menor poder aquisitivo¹¹

Além dos bairros antigos - como a Ribeira e a Cidade Alta - novos caminhos apontavam para a Cidade Nova e o Alecrim. Em 1912, uma linha da companhia de bondes Ferro Carril fazia o percurso até a praia de Areia Preta. Marinho chama atenção para um fato interessante: o bonde passava a fazer esse percurso durante o fim de semana e feriados, considerando que a praia passava a funcionar para os natalenses como sendo também uma oportunidade de lazer¹².

Em 1913, a malha viária dos trilhos dava a dimensão do percurso de seus principais destinos. Uma das linhas dos *tramways* saía da Avenida Rio Branco e chegava até o extremo do Tirol, que juntamente com Petrópolis formavam o bairro residencial nomeado de Cidade Nova, perfazendo no total 2.400 metros¹³. Como ponto final da linha do bonde fora escolhida a moradia do então governador do Estado - Alberto Maranhão. Essa residência seria, alguns anos depois, transformada num dos mais famosos locais de divertimento da cidade: o Aero Clube, fundado em 1928 na Avenida Hermes da Fonseca, criada em 1911, mas que naquela época se constituía ainda em um areal, repleto de sítios e granjas.

Em 1915, os trilhos seguiam pela Avenida Getúlio Vargas e se estendiam até as dunas da praia de Areia Preta, onde foi instalada uma estação balneária - Estação Balnear, local em que se pagavam taxas únicas ou mensais para se usar sanitários, trocar

¹⁰ ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenusca; MARINHO, Marcia. **O corpo e a alma da cidade**: Natal entre 1900 e 1930. Natal, RN: EDUFRRN, 2008.

¹¹ SANTOS, Pedro A. de L. **Natal século XX, do urbanismo ao planejamento urbano**. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, p.50.

¹² MARINHO, Id, *ibid.* p. 48

¹³ CASCUDO, Luís da C. **História da cidade do Natal**. Editora RN/Econômico: Natal, 1980, p. 292.

a roupa e tomar banho¹⁴. Do outro lado do rio Potengi, a praia da Redinha era reduto da elite durante o verão. Nela, os veranistas assíduos fundaram, em 1924, o Redinha Clube. De acordo com Márcia Marinho, o uso desses lugares, incluindo o jardim público, passava exigir de seus frequentadores, novos códigos de condutas sociais.

1.1. Retratos dos Planos: a cidade pensada cresce

A primeira grande intervenção planejada do espaço urbano local foi o Plano Polidrelli. Criado segundo propostas higienistas tinha em projeto a construção de novos logradouros e praças, e fez nascer o terceiro bairro, já mencionado anteriormente, a Cidade Nova, e que nos dias atuais corresponde aos bairros do Tirol e Petrópolis, e viria a ser o mais ordenado do ponto de vista urbanístico.

O alinhamento e a demarcação do Plano Cidade Nova tiveram início em 1901. Sua conclusão sucedeu no ano 1904 pelo agrimensor italiano Antônio Polidrelli, então funcionário da Intendência Municipal, a quem coube sua autoria.

O projeto incluía o quadrilátero formado pelas avenidas Deodoro da Fonseca e Hermes da Fonseca, mais as ruas Seridó e Ceará-Mirim. Também conhecido como *Master Plan*, iniciou-se ali o primeiro registro pensado para o ordenamento e crescimento urbano da capital, composto por 48 quarteirões em formato de grelha, sem respeitar as irregularidades do terreno (Miranda, 1999). Foi o primeiro registro oficial de transformação de áreas rurais em residenciais-comerciais¹⁵.

A demarcação do bairro descortinou uma situação já existente: a desigualdade social. A cidade, que em 1900 possuía 16.506 habitantes (havia um alto índice de mortalidade causado pela varíola), recebeu em 1904 cerca de 15 mil migrantes que fugiam da “Grande Seca”, passando a ocupar as ruas mais distantes, vivendo em condições mínimas de saúde e higiene (Souza, 1989). Na região escolhida para edificar a Cidade Nova, havia 300 cabanas e choupanas¹⁶. Sua retirada confirmou o destino daquelas terras como posse das elites e futuro mercado imobiliário.

¹⁴ MARINHO, Id., *ibid.*, p. 48.

¹⁵ Foi a Resolução de nº. 118 que passou o nome para Petrópolis em 15 de fev. de 1908 (Santos, 1998). Os limites do bairro foram definidos pelo decreto-lei 251, de 30 set. 1947 (estes limites vigoraram até que a Lei 4.330, de 5 de abril de 1993, alterou o decreto anterior e redefiniu os limites do bairro).

¹⁶ ARRAIS, Raimundo; ANDRADE, Alenusca; MARINHO, Marcia. Id., p. 113.

A urbanização (con)firmou as intenções de uma elite moradora da Cidade Alta, que “passou a se interessar pela área, não como lugar de moradia, mas para construir chácaras e sítios a serem usados de modo esporádico nos fins de semana”¹⁷, o que denotou um crescimento lento e gradual da nova área, que num futuro próximo teria importante participação no crescimento imobiliário local através da venda dos seus lotes. A trama do Plano Cidade Nova não estabelecia quaisquer metas acerca do uso dos quarteirões. Das tentativas de se ordenar a cidade, o Polidrelli conseguiu atingir completamente seus objetivos de parcelamento e arruamento a que se propunha, atraindo novos moradores e preenchendo espaços vazios ainda existentes.

Este Plano efetivou os lotes como produto de compra e venda, mesmo que não tivessem sido deliberadamente criados para este fim. Além disto, conforme atestam trabalhos acadêmicos sobre Natal, houve uma valorização deles, fato que passou a ocorrer com mais intensidade nos anos 1920, quando as famílias ilustres começaram a deixar para trás suas casas estreitas na Cidade Alta passando a ocupar os terrenos do novo empreendimento.

No final dos anos 1910 e o Plano Polidrelli dando um novo formato à cidade, se somava a outras melhorias tecnológicas, econômicas e culturais. Vivia-se uma *Belle Époque* tardia, uma vez que Paris ou o Rio de Janeiro, capitais, eram as cidades mais representativas. De acordo com Costa, “Na década de 1920 houve um impulso no desenvolvimento urbano e econômico da cidade. Muitos estavam impressionados com as mudanças trazidas pelo progresso”¹⁸.

Eram transformações contínuas, que buscavam os avanços tecnológicos os quais já se faziam acontecer no estrangeiro. Entretanto, ainda sob o argumento do autor, tais mudanças também estavam atreladas ao contínuo desenvolvimento do capitalismo e aqui em Natal elas não aconteceram somente através da interferência governamental. Conforme vimos, estavam estreitamente ligadas às elites, seus “ideais e modelos” que nasciam nas metrópoles européias e norte-americanas, cujas informações serviam “como parâmetros ideais e modelos de organização citadina”, emblemáticos para ressignificar a vida nas urbes, cada vez mais voltadas para os conceitos de embelezamento, ordenamento e, principalmente, saúde e higiene.

¹⁷ NOBRE, Paulo J. L. **Entre o cartão-postal e a cidade real**: um estudo sobre paisagem e produção imobiliária em Natal/RN. Tese. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFRN, Natal, 2001, p.63.

¹⁸ COSTA, Ricardo J. V. da. **Habitação e Modernização**: Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX. Dissertação. Natal/RN, 2008, p. 63.

Ao mesmo tempo em que os planos eram implementados, outros bairros e outras localidades da cidade também iam se desenvolvendo: o Alecrim, como o bairro operário e de migrantes do interior do estado, as comunidades das Rocas (pesqueira), Santos Reis, Barro Vermelho (Lagoa Seca) e Quintas. Misto de topografia e geografia médica, Petrópolis e Tirol foram consideradas as zonas mais saudáveis, tidos com “os melhores ares da cidade”, justificados por suas avenidas largas voltadas para a direção dos ventos dominantes, que permitiam que seus 3.231 habitantes (num total de 647 casas) usufruíssem de benefícios nunca dantes alcançados noutras áreas de Natal¹⁹.

Para se compreender o espaço da cidade, notadamente no que se refere à continuidade de seu planejamento aplicado no Plano Polidrelli, é necessário registrar a efetivação do Plano Geral de Obras de Saneamento de Natal, datado de 1924²⁰. A este empreendimento, foi dada ênfase não somente da engenharia sanitária (levantamento de fontes de abastecimento e reconhecimento da topografia da Ribeira, mais a construção de reservatórios de água). Visando ao melhor aproveitamento da malha viária, incluiu-se o traçado e o calçamento de novas ruas.

O segundo momento marcante para o desenvolvimento ordenado da cidade, no que se refere à sua configuração urbana, foi o Plano de Sistematização de Natal ou o Plano Palumbo. Giácomo Palumbo, arquiteto greco-italiano, aproveitou as diretrizes implementadas pelo Plano Polidrelli e otimizou os resultados verificados na planta topográfica confeccionada por Henrique Novaes, dando especial atenção para a delimitação das zonas urbana²¹ e suburbana, incluindo a necessidade de se aumentar a arborização da cidade e a criação de parques.

O Plano Geral de Sistematização direcionaria o crescimento da cidade, expandindo o traçado poligonal da Cidade Nova e implementando o zoneamento das áreas como controle do espaço. Essas zonas seriam destinadas a determinadas funções.

¹⁹ FERREIRA, Angela L., EDUARDO, Anna R. B., DIAS, A. C. D., DANTAS, George A. F. **Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal - 1850 a 1969**. Natal: IAB/RN; CREA/RN, 2008, p. 86-87.

²⁰ Tal iniciativa aconteceu durante a administração do prefeito Omar O'Grady (de 1924 a 1930, responsável pelo calçamento da avenida Junqueira Aires, ligando a Cidade Alta à Ribeira) e contou com projeto e execução do engenheiro Henrique de Novaes.

²¹ De acordo com João Maurício Miranda, a zona urbana de Natal em 1929 compreendia “área entre a zona Central e a Avenida Sylvio Pelico, rua Amaro Barretto, Avenida Dois, Estrada São José, Rua C, Avenida Prudente de Moraes, Avenida Alexandrino de Alencar até a Avenida Hermes, por esta até a rua Areia Preta e daí por uma recta em direção à Ponta do Pinto, estendendo-se dentro destes limites entre o Oceano Atlântico e o rio Potengy”. MIRANDA, João M. F. de. **Evolução Urbana de Natal em 400 Anos: 1599 – 1999**. Natal, RN. Prefeitura do Natal: Natal, 1999, p. 67.

Assim, a proposta era de que o bairro da Ribeira se especializasse em funções comerciais, local de embarque e desembarque dos barcos, navios e hidroaviões, com a Cidade Alta se configurando como zona administrativa.

Os bairros residenciais seriam Petrópolis e Tirol. A área situada entre o rio Potengi e o Oceano, o qual Cascudo chamou de “Cidade das Dunas” - local no qual se encontravam os arruados das Rocas, Areal, Limpa, Canto do mangue e Chama-Maré - seria um bairro-jardim de influência européia (hoje, os bairros de Brasília Teimosa e de Santos Reis), com um grande parque público, formando um eixo central de dez avenidas radiais ligando-o a um *Boulevard*: e por fim, o Alecrim se configuraria como bairro operário. Desta feita, optou-se por uma divisão que se voltava para suas finalidades: bairros comercial e residencial, bairro jardim, operário e zona administrativa, assim como uma segmentação voltada para as atividades de grupo das classes sociais.

O Plano Palumbo contribuiu como diretriz para o Plano Geral de Obras, executado na capital pelo Escritório Saturnino de Brito - especializado em engenharia sanitária e ambiental, no período que compreende os anos de 1935 a 1938. Na capital, os estudos foram monitorados na sede do escritório no Rio de Janeiro, por Saturnino de Brito Filho, que fez diversas viagens a Natal para coordenar as instruções iniciais com vistas à concretização dos projetos de saneamento, assim como ao acerto de detalhes técnicos para a efetivação do Escritório.

Para Giovana Oliveira, as transformações urbanas ocorridas em Natal, com foco no período da Segunda Guerra Mundial, aconteceram através de projetos de modernização em contínuo. A própria cidade assim se mostrava nas formas dos edifícios bem desenhados, na boa convivência com a novidade, nos novos hábitos citadinos, nos usos dos bairros, com o diferencial de quem deixava de ser apenas o centro político-administrativo do Rio Grande do Norte para assumir a função militar-estratégica.

O acontecimento produziu marcas fundas com reflexos que são testemunhados pelo presente, seja na cultura, no espaço urbano e na configuração espacial. O momento provocou um rearranjo na organização das relações sociais, políticas e econômicas e a cidade mudou com a implantação de uma estrutura urbana militarizada e a manifestação de inúmeras novidades que, ao contrário de momentos anteriores, não dependeram da iniciativa dos grupos dirigentes locais. Trata-se de uma experiência específica e única, se comparada com as

demais cidades brasileiras que abrigaram bases e outras atividades militares diante da ameaça beligerante.²²

Todavia, nem tudo na cidade seguia conforme o planejado - seu crescimento também trouxe consigo alguns problemas, como o medo, a insegurança, os altos preços de aluguéis, a falta de moradia, tanto para os migrantes quanto para os passantes, que foram obrigados a viver sob racionamento de água, de gêneros alimentícios e de gasolina, aumento do trânsito, falta de infra-estrutura urbana, alto custo de vida, especulação imobiliária, *blackout*.

Entretanto, a cidade não parou, e seus moradores foram aos poucos se adaptando às circunstâncias que se lhe apresentavam. Porém, dois setores continuavam não acompanhando a expansão física e populacional dos bairros de Tirol e Petrópolis: o de infra-estrutura e o de transportes.

1.1.1. Bairros planejados, ruas esquecidas

As Mungubeiras do Tirol
(Esmeraldo Siqueira)

Elas me viram passar mil vezes
Quando garôto vadio, criado em plena liberdade
Descalço, a cabeça ao sol, á chuva, aos ventos,
Eu ía, em companhia de outros vadios como eu,
Vagabundear por aquêles êrmos,
Arrumando a baladeira,
Os bôlsos carregados de seixos meúdos,
Para caçar míseros calangos e lagartixas...

²² OLIVEIRA, Giovana P. de. **A Cidade e a Guerra**: As transformações urbanas e a militarização da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial. Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008. Resumo.

Altas, enormes, silenciosas,
Agitando a folhagem sombria,
Elas meditam tristemente, longamente,
Sôbre a sua velha história
Os invernos e verões transcorridos.
Assim que me viram ir crescendo,
Enquanto as suas raízes nodosas, colossais
Cada vez se afundavam mais no solo,
Como o meu próprio coração²³
Nas entranhas da terra onde nasceu

Esses bairros, no início do século XX, nasceram como uma utopia de uma cidade moderna, enfrentaram, depois da II Guerra Mundial, um crescimento urbano que não foi acompanhado pela expansão dos serviços públicos e da infra-estrutura que se faziam necessários para receber novos moradores, mais notadamente a elite local.

O desenvolvimento da cidade e em especial, o de Tirol, foram alvos constantes dos colunistas do jornal local A Tribuna do Norte, que ressaltavam de forma contundente as diversas deficiências estruturais que a capital do Rio Grande do Norte apresentava.

Reclamações quanto à organização espacial, vez por outra, voltavam às páginas do jornal, reunindo problemas relacionados às faltas constantes de energia, de pavimentação de ruas, de segurança, das opções de transportes, dentre outros protestos que traduziam, algumas vezes, a omissão dos administradores locais:

Certas ruas do Tirol estão a necessitar de maiores atenções dos poderes municipais. Dentre estas, a rua Maxaranguape, onde além da deficiência da iluminação pública, a respeito da qual os seus moradores nos podem formular apêlo ao governo do Estado, acontece que não passa senão a longos intervalos de três, quatro dias o caminhão incumbido da coleta de lixo familiar²⁴.

O crescimento da cidade era visível. A população, que beirava os 70 mil habitantes nos anos 1940, atingiu nos dez anos seguintes a marca de 100 mil moradores. E isto não se limitava apenas aos números. À medida que a cidade crescia, sua configuração urbana também era modificada:

Há dez anos atrás, havia ainda, num dos seus recantos hoje coberto de casario denso e moderno, a famosa 'mata de Petrópolis'. O Aéreo Clube era então um prédio tosco perdido nos fins de um bairro apenas planejado. (...) os bondes antiquados cederam lugar aos ônibus, que

²³ **Tribuna do Norte**, 28.12.1951.

²⁴ **Tribuna do Norte**, 14.07.1950.

estenderam as velhas e abriram novas linhas através de zonas há dez anos deshabitadas (...) ²⁵.

Uma das principais artérias da cidade, a Avenida Deodoro da Fonseca, em meados da década de 1950, continuava com trechos a serem pavimentados. Mesmo após as melhorias feitas na citada avenida, como o calçamento até a localidade da Rádio Poti, a companhia Força e Luz continuava a não fornecer energia para que as lâmpadas, já existentes, pudessem ser acesas. Com a inauguração do auditório para shows desta mesma rádio, ocorrido no final de 1950, a movimentação de pessoas naquele trecho à noite aumentou, porém o público continuava cumprindo o trajeto às escuras ²⁶.

A falta de sintonia entre os serviços de infraestrutura não contribuía para estimular as idas e as vindas dos moradores na cidade, quer fossem esses trajetos realizados a pé, de carro ou em um transporte público como o ônibus. Grandes trechos dessa avenida e outras ruas de Tirol e Petrópolis ainda continuavam à espera dos postes de energia em 1952.

As relações entre a elite econômica e a política muitas vezes se confundiam em Natal. Quando se queria implantar serviços básicos como a pavimentação, descortinava-se uma relação corriqueira na capital potiguar: a estreita ligação entre o Poder Público e os comerciantes locais. Essa condição poderia se desdobrar de diversas maneiras. O clientelismo era moeda-de-troca, e mesmo que “velado”, acabava por sugerir vantagens pessoais para ambos os lados envolvidos.

A colocação dos paralelepípedos nos 1.200 metros de extensão da Rua Apodi, somados a construção de mais canteiros e arborização, que passava em frente ao colégio Santo Antônio Marista e desembocava na Avenida Hermes da Fonseca, em Tirol, foi comemorada com celebração e prestígio. Um lauto churrasco foi ofertado para as autoridades e imprensa na residência do comerciante Luiz de Barros, residente naquela artéria ²⁷. O prefeito Creso Bezerra e o governador Silvio Pedroza compareceram e a banda de música da Polícia Militar animou os convidados, numa demonstração clara da relação imbricada da burguesia local com o poder.

O calçamento da cidade era fato, até certo ponto, “inédito”, tratado como novidade e, por isso mesmo, motivo de evento tanto por parte da administração local

²⁵ **Tribuna do Norte**, 15.08.1950.

²⁶ **Tribuna do Norte**, 04.11.1950.

²⁷ **A Ordem**, 29.08.1953.

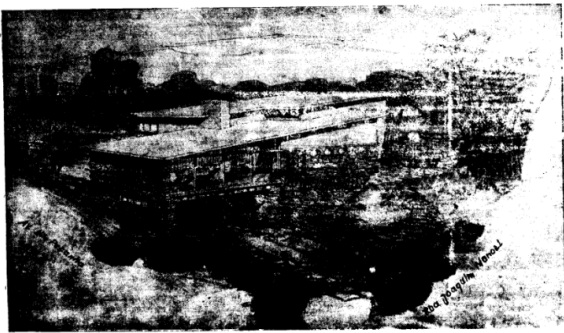
quanto pelo Estado²⁸. Essa prática foi uma continuidade na capital do estado, a exemplo do caráter inaugural para marcar o assentamento da primeira pedra que daria início à pavimentação das Ruas Mossoró e Mipibu²⁹.

A falta d'água nos dois bairros era outro problema recorrente. Em outubro de 1951, a quebra do fornecimento ia de Petrópolis até o Tirol, compreendendo as ruas Seridó, Potengi e Trairi até o Aero Clube³⁰. Em 1953, o problema continuava. De acordo com o jornal, as avenidas Floriano Peixoto e Prudente de Moraes estavam, há dois dias, sem receber uma gota sequer. Neste início dos anos 1950, os dois bairros ainda careciam não somente de problemas com a infra-estrutura. Em 1954³¹, faltava água há mais de dois meses em um trecho da Deodoro; reclamações também chegavam de quem morava na Praça Pedro Velho e em outros locais de Tirol e Petrópolis.

Muitos dos novos habitantes começavam a construir suas casas grandes em terrenos que ocupavam um quarteirão inteiro, embora a precariedade dos serviços básicos não impedisse a chegada desta elite. Os moradores de Petrópolis e Tirol tiveram de conviver por muito tempo neste ambiente onde as ruas eram cobertas com gramíneas que seguravam as dunas no amplo chão arenoso.

**ADQUIRA SUA CASA PROPRIA EM
- PETROPOLIS -**

**APENAS
QUINZE
RESIDENCIAS**



O MAIS APREZIVEL BAIRRO DA CAPITAL

INFORMACOES

Construtora, Comercio & Industria Ltda.
RUA FREI MIGUELINHO, 112/116
Tel. 23102 — Teleg.: CONCIL. — Natal — R. G. N.

Pedroza, Irmão & Cia.
RUA CEL. BONIFACIO, 195
Tel.: 10-99 — Teleg.: PEDROZA — Natal — R. G. N.

**O MELHOR IN-
VESTIMENTO
DE CAPITAL**

²⁸ Os melhoramentos viários da cidade eram feitos pela Diretoria de Obras da prefeitura local. Em 1952, estava em execução o Plano de Pavimentação da Cidade, tendo sido concluídos os primeiros trechos de calçamento das ruas Mipibu, Mossoró e Princesa Isabel (esta, na Cidade Alta). Os moradores colaboravam financeiramente através de apólices que eram revertidas em investimentos na pavimentação das ruas da cidade.

²⁹ **A Ordem**, 23.08.1952.

³⁰ **Tribuna do Norte**, 06.12.1951.

³¹ **Tribuna do Norte**, 19.02.1954.

Apesar das deficiências estruturais, Petrópolis atraía investimentos e investidores. Fonte: Tribuna do Norte, 09.08.1953.

Entretanto, Tirol e Petrópolis continuavam recebendo novos moradores, mas a deficiência no fornecimento dos serviços permanecia, sendo sua oferta muitas vezes incerta, até. Da falta de água na Avenida Rodrigues Alves à energia na *Square* Pedro Velho - que se achava às escuras, ideal para os casais mais assanhados -, era a prova de que a proposta de se criar uma Cidade realmente Nova não se concretizou rápida e completamente.³²

Apesar de passar pela pavimentação, ruas e avenidas de Tirol continuavam sem a coleta regular de lixo; quando o serviço falhava, os moradores jogavam-no na rua. As gramíneas encontravam terreno fértil para se desenvolver. O mato crescido tornara-se comum no bairro. A imprensa ironizava a falta de cuidados por parte da Prefeitura:

(...) que a turma da limpeza apareça nas avenidas do Tirol para cortar o matagal que cresce, viçosa e diariamente, embora os burrinhos e cavalos achem ruim a medida, pois o pasto por lá é franco e sossegado...³³

As deficiências estruturais dos dois bairros ficavam evidentes com a falta dos serviços ou o mau fornecimento deles, principalmente nas áreas mais distantes, aquelas onde os lotes ainda eram comercializados e as residências iam sendo edificadas. Este ritmo não era acompanhado a contento por outro serviço essencial ao desenvolvimento da cidade como um todo e um dos responsáveis pelo crescimento da região estudada no nosso recorte geográfico: os transportes.

1.2. A precariedade do transporte

Símbolo do desenvolvimento da cidade e caracterizado por um período áureo no início do século XX, o bonde, por muito tempo, foi responsável por contribuir para as sociabilidades locais, sendo parte essencial do dia-a-dia do bairro, levando e trazendo os moradores para o trabalho, lazer ou afazeres outros. As constatações do serviço

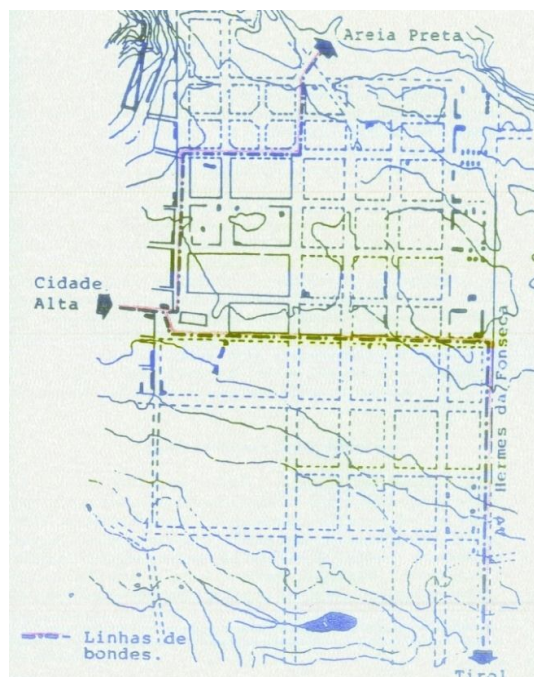
³² Nossa pesquisa esquadrinhou informações que mostraram que as deficiências do serviço público, como os relacionados ao fornecimento de água, energia e pavimentação, continuaram durante todo o início da década de 1950.

³³ **A Ordem**, 28.08.1953.

deficiente eram recorrentes nas páginas dos jornais, contrariando o bem-estar proporcionado pelo ir e vir de quem fora morar nesses dois bairros nobres e necessitavam usar os transportes urbanos.

Símbolo moderno de uma cidade em crescimento, os bondes tiveram importância fundamental para a preferência da parcela elitizada de Natal em ocupar a nova área habitacional, conforme nos lembra Pedro de Lima Santos:

De acordo com Santos e Queiroz, as linhas de bondes se anteciparam e estimularam a ocupação da Cidade Nova, cujos lotes foram distribuídos entre as famílias ilustres da cidade, que ali estabeleceram granjas e casas de campo. Mas, ainda segundo aqueles autores, a realização de lucros só viria a efetivar-se mais tarde, com a constituição de um mercado imobiliário³⁴.



³⁴ SANTOS, Id, p.49. [Sobre o traçado das linhas Tirol e Petrópolis, cruzamos algumas informações que se nos apresentaram conflitantes. Autores como o próprio Pedro de Lima, João Maurício Fernandes de Miranda, Ângela Lúcia Ferreira, George Dantas, Ary Guerra Cunha Lima, Raimundo Arrais, Alenuska Andrade e Márcia Marinho – estes últimos três em uma única publicação - defendendo a linha Centro-Petrópolis no trecho que compreendia a Avenida Deodoro até a Rua Trairi. Para corroborar com a informação, existem fotos nos CD-Rom Natal-400 anos que mostram o traçado da linha destes veículos. Preferimos utilizar a informação da maioria, em detrimento do traçado a princípio usado como modelo por nós, publicado em **“Natal Também Civiliza-se: sociedade, lazer e esporte na Belle Époque natalense (1900-1930)**, dissertação de Márcia Marinho apresentada no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ano 2008, cuja linha do bonde segue pela Rua Açu e continua pela Avenida Floriano Peixoto, o que não corresponde à original].

Diversos problemas foram surgindo com o passar dos anos, a ponto de, pouco a pouco, os bondes sumirem das principais ruas de Tirol e Petrópolis. A despeito da importância que tiveram, não acompanharam o crescimento e a demanda dos dois bairros. Mas, além destes, outros problemas se apresentariam, revelando uma realidade que ia além do desaparecimento deste meio de transporte.

Um dos mais significativos problemas relacionados com os transportes públicos de Natal foi a desativação dos bondes. A companhia Força e Luz, responsável pelos serviços, alegava que o mesmo não dava lucro. A própria empresa, sob a aprovação do governo, arrancava os trilhos das linhas, como fez com uma das mais antigas da cidade, a que fazia o percurso Grande Ponto – Aero Clube, cujos trilhos foram arrancados em fins de dezembro de 1951. Enquanto as linhas jaziam, evidenciavam a importância deste sistema de transporte e deixava à mostra uma mistura crescente entre as classes sociais além-Tirol.

Principalmente para aquele bairro, no qual, apesar de habitar muita gente que possui automóvel, há, no mesmo tempo, uma considerável percentagem dos que não o possuem. E para além do Aero Clube, existe uma numerosa população espalhada pelo Morro Branco e por algumas ruas e avenidas, que vem á cidade a pé ou em transportes coletivos³⁶.

O Tirol era tido como bairro residencial, mas nem a quantidade de moradores nem a crescente, e também lenta, pavimentação de suas ruas e avenidas melhoravam o serviço de transporte. Acreditava-se que o público ali residente era “diferenciado”, e por isto mesmo, não precisava usufruir do serviço. Havia, em determinados setores da sociedade local, a interpretação de que este tipo de transporte era “de pobre”, visto que era gratuito, andava carregado de passageiros e tinha aparência “feia”. Porém, em uma data especial do ano o bonde saía dos trilhos, dia 11 de agosto, quando se comemorava o Dia do Estudante. Turmas de alunos “enchiam os bondes, viajando sem pagar as passagens e, às vezes, obrigavam o motorneiro a mudar o itinerário da linha”³⁷.

³⁵ SANTOS, Id. *ibid*.

³⁶ **Tribuna do Norte**, 21.12.1951.

³⁷ Relatos de Ary Lima, ex-professor do Colégio Atheneu Norte-Rio-Grandense, irmão de Nilda Cunha Lima, retratados no período de 1942 a 2000, a maioria deles vivenciados em Natal. In: LIMA, Ary Guerra Cunha Lima. **Histórias que Vivi**, p. 29.

Um tom de protesto vinha da coluna “A nota da manhã”, da Tribuna do Norte. Para Rômulo C. Wanderley, jornalista titular do espaço na publicação, o desinteresse do governo se alinhava com os da Força e Luz e não justificava o intento, informando que a prefeitura da cidade de São Paulo, na mesma época, havia comprado 300 motores para sua frota de bondes.

Em Natal, já foram suprimidas as linhas de Petrópolis e Tirol. Os trilhos foram despregados do solo onde jaziam há mais de trinta anos. Despregados criminosamente, com atentado contra a pobreza quem nem sempre dispõe de outro meio de transporte (...)³⁸.

A Força e Luz era *acusada* de não cumprir o contrato e, em vez de aumentar o número de bondes, diminuía-os gradativamente. Com o desaparecimento das linhas de Tirol e Petrópolis, os últimos bondes restantes em Natal faziam o percurso Alecrim-Ribeira, com dois veículos, e outro que ia do Alecrim para a localidade de Lagoa Seca.

Apesar de vagarosos e de trafegarem quase sempre cheios, os bondes foram por muito tempo o meio de transporte oficial da cidade. O conforto inexistia na condução: os bancos eram de madeira, não havia portas e os passageiros que não conseguiam espaço para sentar tinham como opção um estrado de madeira nas laterais para viajarem em pé.



FOTO 01 – Bonde da linha Alecrim, época da II Guerra Mundial. Foto do ex-combatente Altman, já falecido, quando morou em Natal a serviço das Forças Armadas Americanas. Acervo de Hugo Soliz, funcionário do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte, que manteve contato com o autor do registro durante a década de 2000.

Os trilhos serviam de linha divisória imaginária para os dois bairros, influenciando a percepção geográfica que se tinha sobre os seus limites. O traçado era

³⁸ **Tribuna do Norte**, 31.07.1953.

tão importante quanto os trechos onde houvesse mais casas construídas. Quanto mais habitado fosse, mais convicção acerca de sua abrangência territorial.



FOTO 02 – Bonde da linha Tirol (trecho não identificado) durante a II Guerra Mundial: vagaroso, trafegando por uma região do bairro com poucas edificações e ausência de pavimentação. Presença de muitos militares utilizando o veículo. Acervo: Altman.

Em uma série de matérias sobre a administração da cidade, o periódico A Tribuna do Norte fez críticas positivas e negativas ao Executivo local. O terceiro número de reportagens questionava a retirada dos bondes e a falta de compromisso com o término do fornecimento do serviço, sob a responsabilidade da Companhia Força e Luz. Ao que parece, o convênio com o Estado fora cancelado com a conivência deste. A população nada fazia, assistia calada à retirada dos últimos trilhos e dormentes, às últimas picaretadas sobre aquele que era considerado o mais cômodo e mais barato transporte urbano daquele século³⁹.

Gradativamente, os bondes iam desaparecendo da paisagem dos dois bairros planejados, o transporte público local passava assim por mudanças – entravam em cena os ônibus e as lotações. O sistema de transporte público da capital adentrava a década de 1950, deficiente em diversos aspectos, não preenchendo a lacuna deixada com a extinção do serviço de transporte oferecido pelos bondes.

Os poucos pontos de parada, as linhas limitadas e os veículos insuficientes e mal conservados que serviam a Tirol e Petrópolis foram apenas alguns fatos que contribuíram para aglomerar os passageiros à espera de uma condução.

³⁹ De acordo com a coluna “A Nota da Cidade”, os primeiros trilhos a serem arrancados pela Companhia Força e Luz foram os de Tirol, antes que os operários continuassem o serviço em Petrópolis. **Tribuna do Norte**, 16.06.1953.

1.2.1. Ônibus e lotações: demanda crescente, serviço insuficiente

Com o fornecimento do serviço de transportes feito pelos bondes não cumprindo a demanda e nenhuma intervenção sendo efetivada, foi escolhida como solução, para sanar os problemas nessa área, uma substituição gradativa destes últimos pelos ônibus. Inicialmente, apenas duas linhas faziam o percurso que ia do Grande Ponto até Petrópolis - uma, com trajeto um pouco mais extenso, passando pela Rádio Poti, o que gerava mais reclamação por parte dos usuários devido à demora na espera imposta aqueles que dependiam do transporte.

Se os bondes tinham seus horários para cumprir durante o dia, e se isto ajudava no cumprimento dos compromissos da população e até influenciava nas idas e vindas da juventude aos seus momentos de lazer, com os ônibus e suas mudanças em horários e percursos, houve um primeiro impacto na rotina dos moradores da Cidade Nova, o que, em certa medida, justificava as recorrentes reclamações feitas por seus usuários.

Em Tirol, o sistema de transporte contava com duas empresas que forneciam os serviços através de cinco ônibus. Além da distribuição desigual e da redução do número de veículos, do estado de conservação ruim, do excesso de velocidade e do não-cumprimento dos horários, havia, inclusive, reclamações de linhas que privilegiavam determinada região do bairro, mesmo o percurso sendo considerado pequeno, o que denotava a falta de fiscalização do serviço e uma estratificação da própria população elitizada.

Contudo, assim como os bondes, os ônibus eram conhecidos como “carro de pobre”, embora neles se misturassem passageiros, de burocratas aos operários, que usavam as linhas superlotadas.

Nem todas as opções de transportes que serviam aos dois bairros eram regulamentadas. As auto-lotações concorriam com o ineficiente serviço prestado pelos ônibus, mas eram uma opção a ser *considerada*, especialmente no horário de pico. Ademais, a espera por um veículo chegava a 40 longos minutos em longa fila. O problema era tido como sem solução, tão repetitivas eram as reclamações. A linha

Grande Ponto – Tirol possuía de dois a três ônibus que “arrastavam-se demoradamente o que torna a viagem um verdadeiro tormento”⁴⁰.

Já na metade da década de 1950, havia apenas um ônibus que fazia a linha Petrópolis-Ribeira, quando a estimativa do que seriam necessários três ou quatro veículos para dar conta da população de Petrópolis e Tirol, que nesse momento, crescia inversamente à qualidade do serviço de transporte oferecido para estes bairros.

Entretanto, a falta de investimentos em estrutura física e em serviços presentes nesses bairros, não tirou um dos principais motivos que os fizeram surgir: a sensação e o sentimento de vivenciar um lugar aprazível, qualidades ideais para fortalecer o discurso da elite que ali habitava.

Paralelamente a essa instabilidade estrutural, a população local se tornava cada vez mais participante, em especial, uma juventude forte e decidida. Vivenciando as sociabilidades a seu modo, ocupavam definitivamente o solo natalense quando a Cidade Nova se desdobra em Tirol e Petrópolis, elegendo seus espaços de lazer e diversão.

1.3. A diversão ocupa (novos) espaços

A diversão perpassava as relações sociais em Natal. Ao contrário do que se imagina, não fora necessário um conflito bélico, que trouxe para a cidade milhares de novos moradores e muitos costumes até então desconhecidos, para se perceber uma mudança radical no modo de viver dos citadinos:

A cidade de Natal que despontou na segunda década do século XX compunha um cenário moderno, minimamente adequado aos padrões exigidos. Nela, um número sempre crescente de pessoas transitava em bondes elétricos e rápidos, vestia-se com o que existia de mais novo na moda inglesa ou francesa, assistia às projeções das películas mais recentes no cinema da cidade, freqüentava o teatro, ia de bonde à praia ou ao balneário localizado às margens do rio Potengi. Enfim, eram bastante expressivas as oportunidades que a cidade oferecia aos natalenses⁴¹.

⁴⁰ **Tribuna do Norte**, 27.01.1952.

⁴¹ SANTOS, Id. *ibid.*, p.60.

Com o crescimento da cidade e da população jovem, novas opções de diversão foram surgindo. Entretanto, se antes era voltada principalmente para eventos religiosos, faziam-se novos usos de espaços públicos e elegiam lugares privados para a diversão, dando novos significados às sociabilidades. Essa *cultura da diversão* tomou fôlego no início do século passado em Natal. Os investimentos na infra-estrutura da cidade e a chegada das novidades como a energia elétrica deram novos significados às sociabilidades, aumentando a oferta de lugares de diversão fossem estes públicos ou privados, contribuindo para incentivar e desenvolver no natalense uma preferência, que aos poucos se voltava para a diversão, como uma forma profícua de aproveitar o tempo livre.

Na década de 1910, os cidadãos tinham como opção de lazer assistir às apresentações noturnas de bandas militares na Praça da República, construída em 1904, no bairro da Ribeira. Da mesma forma, o Teatro Carlos Gomes, que foi a primeira casa de espetáculos oficial de Natal, também inaugurada no mesmo ano e construída em frente a este mesmo espaço público, constituíam a oferta de lugares de lazer públicos e privados (o fato de o espaço ser fechado não significa dizer que eram privados, na realidade esse conceito está ligado ao ambiente familiar) na cidade e o crescente costume do natalense em usufruir deles.

A cidade de Natal que despontou na segunda década do século XX compunha um cenário moderno, minimamente adequado aos padrões exigidos. Nela, um número sempre crescente de pessoas transitava em bondes elétricos e rápidos, vestia-se com o que existia de mais novo na moda inglesa ou francesa, assistia às projeções das películas mais recentes no cinema da cidade, freqüentava o teatro, ia de bonde à praia ou ao balneário localizado às margens do rio Potengi. Enfim, eram bastante expressivas as oportunidades que a cidade oferecia aos natalenses⁴².

Apesar de os eventos populares reunirem pessoas de todas as classes sociais, é preciso ressaltar que um fato novo começava a ser percebido nestes encontros: a presença de uma platéia composta por moradores dos bairros de Tirol e Petrópolis se fazia cada vez mais assídua.

Entretanto, essa busca pelo prazer de bem-viver e de aproveitar o tempo livre reorganizava, reordenava e dava nova significação ao espaço da capital. Era como se

⁴² FERREIRA, Id. p.60.

Natal deixasse de ser inerte e sonolenta para enfim despertar. Nas palavras do historiador Ricardo José Vilar da Costa,

(...) ao contrário do rápido crescimento dos anos 40, as modificações ocorridas no primeiro período republicano levaram mais tempo para acontecer, mas, mesmo assim, implicaram na mudança da percepção e da experimentação de maneiras de viver na cidade e nas residências. Um momento de alterações importantes dentro da história urbana de Natal no século XX⁴³

A partir dos anos 1920, novas sociabilidades são consolidadas em Natal. A cidade, que já havia se acostumado com os festejos religiosos, com as retretas na Ribeira, tinha o cinema, os bares e os cafés locais em franco desenvolvimento. Esse processo de laicização contribuía para se caracterizar uma sociedade cada vez mais “livre” e “profana”, quando a função religiosa já vinha perdendo gradativamente o seu poder de influência passando a ser expressivamente suplantada pelas práticas econômicas e administrativas.

Estas vivências foram analisadas por Rubenilson Santos, que chegou a constatação de que essas práticas tinham relação direta com o crescimento da cidade. Por isso, há de se levar em conta que esses costumes estavam diretamente ligados à “descoberta” e à relação com os “novos” espaços de Natal o que acontecia concomitante à modernização das sociedades. Santos considera que há pouca separação entre esta modernização social e o processo de secularização, mesmo se tratando de dimensões distintas de um único processo, quando afirma: “(...) partimos do pressuposto de que tal relação não somente existe, mas que ela constitui uma proposta válida da apreensão da evolução da urbe.”⁴⁴

Essa Natal, em que os hábitos sociais passaram a se diversificar cada vez mais e cuja frequência não mais se limitava à ida à Igreja e ao passeio de domingo na praça matriz, cedia espaços a novos costumes que iam se consolidando, revelando uma cidade que oferecia um leque de opções parecidas com as que aconteciam em capitais consideradas desenvolvidas. O que não quer dizer que a cidade já se poderia considerar como tal, porém, para uma parte de seus moradores, aqueles que elegiam e praticavam esses “novos” hábitos, não havia diferença.

⁴³COSTA, Ricardo J. V. da. Id. p.139.

⁴⁴ TEIXEIRA, Rubenilson B. A agonia do velho Natal face ao novo – Secularização e modernidade urbana. In: FERREIRA, Ângela L., DANTAS, George. **Surge et ambula:** a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940). EDUFRN: Natal, 2006, p. 71.

Entre as décadas de 1910 e 1920, algumas instituições traduziam o anseio desta elite, cujas ideias também se refletiam no esporte. As competições aconteciam em alguns estabelecimentos, como o Natal-Club, Club de Tiro de Guerra de Natal, Velo-Club-Natal, o Derby-Club-Natalense, Sport-Club-Natalense, Natal-foot-ball-Club, Liga dos Desportos Terrestres, Centro Náutico Feminino, Natal Tennis Club, Jundiahy, Jóquei-Club, Centro Náutico Potengy, Stadium Juvenal Lamartine; corridas de cavalos, tiro ao alvo davam um panorama desportivo local⁴⁵. A diversidade esportiva encontrada na cidade era um espelho da saúde e da diversão, quase sempre representada pelos hábitos dos cidadãos mais opulentos, justamente àqueles que mais tinham acesso à informação, cientes dos benefícios saudáveis, do cuidado com o corpo, pela simples diversão ou espírito competitivo. Notadamente, os sócios dos clubes faziam parte do estrato endinheirado da sociedade:

(...) os mesmos membros das elites que compunham os clubes esportivos eram sócios de outros grêmios e associações, como o Natal-Club e, também, freqüentadores dos espaços de sociabilidades das elites, restaurantes, praças, teatros e cafés⁴⁶.

Entretanto, além destas, outras opções se somariam: o rio, a praia, o *footing*, ampliando um leque cada vez mais crescente de uma vida pública que se contrapunha à privada, à criação dos pais, à rigidez da educação familiar em paralelo ao crescimento da cidade. Ou seja, a educação e a vida familiar, os bons modos, regiam o comportamento dos filhos, mas estes encontravam nos grupos e nos locais de lazer uma oportunidade de compartilhar novas ideias e ideais. Na prática, uma visão de mundo que ia além da educação defendida pelo pai e pela mãe, cujas conquistas se abriam num novo cenário, mais natural e coletivo, à parte do universo familiar.

Admirar o horizonte já não mais preencheria a alma do natalense. Assim como o rio Potengi, em cujas águas calmas convidavam para o passeio dominical em barcos e botes e palco de acirradas competições de remo. Ir à praia em Natal nos anos 1920 tornava-se um entretenimento comum; essa preferência ia além do simples passeio de bonde para admirar a paisagem do alto do Morro Petrópolis. Entrementes, a cidade passava cada vez mais a valorizar este meio de transporte, que se firmava como um dos símbolos dos tempos modernos da capital, assim como a luz elétrica.

⁴⁵ MARINHO, Id. *ibid.*, p. 79-80.

⁴⁶ MARINHO, Id. *ibid.*, p. 113.

Com o prolongamento da linha de bonde para além da Avenida Getúlio Vargas até a praia de Areia Preta ainda repleta de dunas, os habitantes elegeram os banhos de mar como um de seus passatempos preferidos. Tanto que fora montada uma infra-estrutura para as trocas de roupas na praia do Morcego – hoje Areia Preta: a Estação Balnear⁴⁷, contribuindo para ir à praia ser uma atitude carregada de significados.

1.4. As relações sociais no espaço privilegiado

A Natal durante a Guerra também teve seus expoentes de divertimento, entretanto, diferentemente da Cidade Alta e da Ribeira, que concentravam os bares, os cinemas, a zona de meretrício, o teatro e o rio Potengi, outras opções e lugares compunham este novo cenário. De acordo com Pedro de Lima, a cidade se distanciava do rótulo de pacata capital do Nordeste para avocar voos cosmopolitas:

Agora as ruas centrais fervilhavam de pessoas e com o tráfego de veículos. O comércio apresentava os melhores resultados de todos os tempos. Inauguravam-se novos bares, restaurantes, prostíbulos clubes e hotéis. Pela primeira vez em sua história, a cidade vivia o burburinho da multidão, como nas metrópoles⁴⁸.

Os novos bairros projetados, Tirol e Petrópolis, não possuíam tantos referenciais privados para as tertúlias dos moradores. Havia dois clubes esportivos - o Aero Clube e a Associação Feminina de Atletismo, as quadras de esportes da Pracinha (Praça Pedro Velho), o Clube Hípico e um parquinho infantil. Entretanto, o Carnaval e o desfile de 7 de Setembro continuavam acontecendo anualmente, sem interferência e sem modificação.

⁴⁷ MARINHO, Id. *ibid*, p. 48.

⁴⁸ SANTOS, Pedro A. de L. Id. *ibid*, p.98.



Planta de Natal em 1958, encartada no “**Guia da Cidade do Natal-1958/59**”, arquivo O Potiguar. Fonte: EMERENCIANO, João Gothardo Dantas (Org). **Natal Não-Há-Tal: Aspectos da História da Cidade do Natal/** Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo, Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007.

Na esteira das intervenções urbanas acontecidas na cidade, desenrolaram-se relações sociais, apropriaram-se novos usos para equipamentos públicos, firmaram-se instituições privadas, originaram-se manifestações artístico-culturais, ao mesmo tempo em que solidificaram outras já existentes nas praças, nos clubes, nos esportes, nas danças, no cinema, nas associações recreativas, nas andanças, numa nova Natal do pós-Guerra.

Esta configuração relacional se confirma com o passar dos anos. Muitos habitantes eram profissionais liberais, filhos de antigas famílias locais, imbricadas com a política e o comércio, cujos filhos estudavam no Atheneu, no Colégio Imaculada Conceição, na Escola Doméstica ou faziam faculdade de Direito em Recife, por exemplo. Era um grupo de jovens que freqüentava as mesmas reuniões sociais, as festas, os mesmos clubes, iam à praia, ao cinema e ao teatro; muitas vezes, praticavam esportes juntos. Tinham as mesmas relações, sempre frequentavam as páginas sociais dos jornais. A estes, que vivenciaram uma condição diferenciada, se comparada ao resto da população da cidade, continuaremos a identificar como a juventude da elite.

As sociabilidades em Tirol e Petrópolis confirmavam a estreita relação que a classe mais rica estabelecia com a escolha por estes bairros como locais de privilégio, desde o início de sua gênese.

(...) Em lugar dessas gentes, na medida em que as ruas e avenidas iam sendo abertas, vieram residir na Cidade Nova personagens como o governador Alberto Maranhão e o futuro governador Ferreira Chaves. Também fazia parte deste seletto grupo de moradores o, então, Presidente da Intendência de Natal, Joaquim Manoel Teixeira de Moura, que havia baixado a resolução criando a Cidade Nova⁴⁹.

Alguns anos depois, foram morar no bairro pessoas como Dorian Gray Caldas⁵⁰, artista plástico, que nasceu em Natal, mais precisamente na Avenida Deodoro da Fonseca. Quando tinha cerca de 20 anos, mudou-se para o logradouro Ana Neri, nas proximidades da Praça Pedro Velho. A casa, construída pelo seu pai, embora não tivesse um pavimento superior como muitos palacetes do entorno, seguia os moldes dos chalés franceses que iam sendo edificadas na redondeza. Com pé-direito alto, medindo cerca de 3,50 m., contava com o recuo obrigatório instituído pela Prefeitura e um quintal, que segundo ele “eram as delícias dos meninos e das donas de casa, porque tinham lugar para cultivar, plantar coisas, colocar roupa no varal”.

A residência passou por algumas modificações, mas o projeto original ainda permanece. O ex-aluno do Colégio Atheneu mora numa casa em meio às suas tapeçarias, quadros, pilhas de livros e móveis antigos. Fomos recepcionados pela sua mulher, dona Vanda, companheira desde que a conheceu numa sessão de filme de terror no Cine Rio Grande em 1962.

Próximo à casa de Dorian Gray, ficava sediada a antiga casa de Luiza Maria Dantas⁵¹, na Rua Seridó, em frente ao ex-colégio 7 de Setembro, um quarteirão atrás da Praça Pedro Velho. Luiza estudou no Colégio Imaculada Conceição, é professora de piano e foi diretora da Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e ex-Miss América F.C. e Natal 1957. Ela nos recebeu longe dali, no bairro de Candelária, onde mora há seis anos.

A casa de Luiza em Petrópolis foi construída pelo seu pai a convite do prefeito Gentil Ferreira de Souza, que, segundo ela nos contou, comprou o terreno e chamou os

⁴⁹ SANTOS, Pedro A. de L. Id. *ibid*, p. 207.

⁵⁰ Dorian Gray nasceu em 16 de fevereiro de 1930. Ele concedeu entrevista no dia 3 de maio de 2011, na casa da Rua Ana Neri, em Petrópolis.

⁵¹ Luiza Dantas nasceu em 1940. A professora de piano nos recebeu no dia 18 de maio do corrente ano no apartamento do bairro Candelária, em Natal.

amigos para construírem. A edificação ficava próxima à Praça Pedro Velho (inaugurada por Ferreira de Souza em 1937), onde ela morou 66 anos atrás; hoje, não mais existe. Luiza Dantas se define uma apaixonada pelo bairro. A relação com o bairro e com uma época que não mais volta ainda permanece em sua memória carregada de um profundo sentimento de perda e nostalgia:

Como tenho saudades de Petrópolis, até dos meus pássaros eu tenho saudade, hoje eu acordei achando que os pássaros daqui cantavam desafinado (...), Eu sou saudosista, quem quiser que me critique, só não tem saudade que teve um passado feio e ruim. Eu tive um bonito.

Na mesma circunscrição mora Nilda Cunha Lima. Assim como Dorian Gray, nasceu na Avenida Deodoro, porém, passou boa parte de sua existência numa casa erguida na Avenida Floriano Peixoto, em frente à Praça Pedro Velho. A residência foi construída ocupando metade de um quarteirão, comprado pela família, que era comerciante de secos e molhados na Rua Chile no bairro da Ribeira. Herdou um dos sobrados que hoje dá lugar a um edifício residencial, na esquina da Avenida Deodoro com a Rua Potengi, onde permutou por uma unidade habitacional. Também foi professora de piano e acordeom.⁵²



FOTO 03 - A casa de Nilda Cunha Lima, na Avenida Floriano Peixoto. Na garagem cabiam seis automóveis, num tempo em que ter veículo de passeio era artigo de luxo. Poucas pessoas na cidade o tinha; o pai de Nilda foi uma dos primeiros proprietários em Natal. A residência ficava em frente à Praça Pedro Velho e fora construída em um terreno que ocupava a metade do quarteirão. Fonte: acervo particular da entrevistada.

⁵² Nilda Cunha Lima nasceu em 1935. Ela nos recebeu no dia 19 de maio de 2011, no edifício residencial construído onde se localizava o chalé de sua propriedade.

Em Petrópolis, mais precisamente na região onde se chamava “Alto do Juruá”, mora Crinaura Cavalcanti⁵³. Ex-professora universitária, de espírito contestador, nasceu em Macaíba, município pertencente à Região Metropolitana de Natal. Assim como Luiza Dantas, estudou no Colégio Imaculada Conceição, conhecido pelo ensino religioso e voltado para o público feminino na época. Morou em diversas casas em Petrópolis, entretanto, focamos as perguntas para o nosso recorte temporal no período em que ela morou na Rua Otávio Lamartine, entre as avenidas Campos Sales e Prudente de Moraes, redondezas da Praça. O encontro com dona Crinaura foi intermediado pelo seu filho Carlos Cavalcanti, arquiteto e músico.



FOTO 04 – Crinaura Cavalcanti quando adolescente, moradora de Petrópolis. Fonte: acervo particular da entrevistada.

João Maurício Miranda⁵⁴ morou na esquina da Avenida Rodrigues Alves com a rua Jundiá, em Tirol, do outro lado da rua onde funcionava o Brasil Clube, que por sua vez, ficava defronte à igreja Santa Terezinha. A casa deu lugar a um posto de gasolina. A família de João Maurício, quando ele tinha quatro anos de idade, comprou uma casa na Avenida Deodoro, nas proximidades da (então) Vila Palatnik e do Hospital Infantil Varela Santiago.

⁵³ Ex-professora universitária, Crinaura Cavalcanti concedeu entrevista no dia 19 de maio de 2011. Ela não revelou a idade.

⁵⁴ João Maurício Fernandes de Miranda é arquiteto, ex-professor universitário e escritor. Ele nos recebeu em casa, na Rua Princesa Isabel, Cidade Alta, no dia 17 de maio de 2011. Ele nasceu no dia 24 de agosto de 1933.



FOTO 05 - A casa onde João Maurício viveu até 1952. Fonte: MIRANDA, João Maurício Fernandes de. **380 anos de história foto-gráfica da cidade de Natal 1599 – 1979**. Natal, UFRN. Ed. Universitária, 1981.

Foi nesta morada que ele viveu até os 19 anos, antes de se mudar para o Rio de Janeiro e estudar Arquitetura. Na Avenida Deodoro da Fonseca, João Maurício assistia ao desfile do corso no Carnaval e à Parada de 7 de Setembro que passavam em frente à sua casa. Quando menino, lembra do bonde e da Avenida sem pavimentação, ainda de areia. Há quarenta anos mora na Rua Princesa Isabel, na Cidade Alta, onde funciona o seu escritório e mantém Museu das Naus, com as embarcações construídas por ele. Foi aluno do Colégio Marista de Natal.

Pery Lamartine⁵⁵ é neto do Ex-Governador Juvenal Lamartine. Nasceu em Caicó, município da Região do Seridó (RN). Após morar em outras cidades do interior do Estado, veio para Natal em 1937, residindo, primeiramente, no bairro do Alecrim. Pery é um exemplo da relação imbricada entre o poder, a elite e o bairro:

Alguns setores da sociedade, como integrantes da velha oligarquia, os comerciantes e os taxistas ganharam muito dinheiro. (Clementino, 1992) Mas, como já disse antes, o setor imobiliário foi um dos que mais cresceram no período. O ex-governador Juvenal Lamartine, por exemplo, comprou e loteou terrenos, nos anos quarenta, no atual bairro de Lagoa Nova, às margens da *Parnamirim Road*, e onde depois foram construídos diversos conjuntos residenciais⁵⁶.

⁵⁵ Pery Lamartine, escritor e ex-aviador, nasceu em 1926 Ele nos recebeu em sua agência de viagens no dia 10 de maio de 2011. Atualmente, mora em um edifício na Avenida Hermes da Fonseca, no Tirol.

⁵⁶ SANTOS, Id. *ibid*, p.101.

Em 1938, os pais de Pery construíram uma casa em um terreno que ocupava um quarteirão, na esquina da Avenida Rodrigues Alves com a Rua Trairi, em Petrópolis, região que naquele tempo ainda era cheia de sítios e granjas, onde o capim segurava a areia da duna. Na época, era a única casa das redondezas.

Meu avô comprou já construída, aí meu avô passou para o meu pai e meu pai passou pra mim (...). [Na época] Já tinha energia na rua; não tinha calçamento, era areia; quando chovia, pra sair tinha que chamar um táxi.

Pery Lamartine

Jaeci Emerenciano⁵⁷ tem um dos principais arquivos fotográficos da cidade, principalmente com registros da década de 1950. Praias, praças, ruas, monumentos, o casario, cinemas, clubes, tudo documentado por ele, mesmo assumindo que não dava importância na época àqueles momentos que serviriam de testemunha da história urbana potiguar anos depois. Foi um dos precursores das fotografias em festas. Morou na Avenida Afonso Pena, em Tirol, numa casa projetada pelo seu amigo, João Maurício Miranda. Esportista, ainda usa uma potente motocicleta, hábito que cultiva desde a juventude.

O país intensificava sua industrialização. A migração Norte-Nordeste tinha como destino os estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Em Natal, grande parte dos militares deixava a cidade, permanecendo aqui as patentes que continuavam a prestar serviços nas suas bases. A cidade teve de readaptar seu crescimento sob vácuo de toda a movimentação promovida pelo conflito militar.

Com o fim do embate, a cidade teve de buscar um novo rumo para o seu desenvolvimento. A retirada das tropas americanas, a falta do dólar tão em voga nas transações comerciais da época, a transferência dos consulados, por exemplo, contribuíram para a capital retomar seu desenvolvimento. Porém, nascia uma Natal que nunca mais seria a mesma, com práticas de sociabilidades cada vez mais definidas. Os bairros de Tirol e Petrópolis se confirmariam como os principais lugares públicos e privados destinados às práticas de diversão de uma elite cada vez mais participativa, contando com a presença de um forte público juvenil que, aos poucos, ia demarcando seus lugares e suas preferências, se encontrando nesta nova cidade, tal qual discutiremos a seguir.

⁵⁷ Natalense, nasceu em 1929. Atualmente reside no bairro de Ponta Negra, na casa onde nos recebeu, no dia 13 de maio de 2011.

Capítulo 2

Vivendo as sociabilidades no bairro

“Com pretensa alegria, percorri as ruas cujo asfalto estava molhado pela chuva: as luzes dos postes, chorosas e veladas, através da úmida e fria obscuridade, projetavam no chão molhado luminosos reflexos de luz como num espelho. Nesse momento desfilaram em minha memória os anos de minha juventude: como admirava, então, aquelas enevoadas tardes de outono ou de inverno, como respirava, ansioso e embevecido, a sensação de isolamento e de melancolia, quando, noite adentro, enrolado em meu capote, atravessava as chuvas e tempestades de uma natureza hostil e revoltada, e caminhava errante, pois naquele tempo já era só, mas de profunda satisfação e de versos, que mais tarde escrevia, em meu quarto, à luz de uma vela, sentado à beira da cama”⁵⁸

O passado longínquo era mais do que uma simples lembrança do Lobo da Estepe, solitário personagem do escritor germano-suíço Hermann Hesse. No livro, escrito em 1927, a figura dramática do cinquentão Harry Haller renega as experiências burguesas como morar bem, ter tranquilidade, seguir as regras comportamentais impostas por essa classe social, e mesmo parecendo não compreendê-las, dá-se conta de quão confortável é usufruir desse ambiente e dos momentos por ele proporcionados. Ao chegar a tal conclusão, não aceitava como subterfúgio o lamento de uma época ou o sentimento de que talvez nunca a tivesse vivido em sua plenitude. Era o presente que não o satisfazia, um hiato temporal saudoso que não mais tinha volta.

O sentimento de Haller, apresentado pelo viés literário do escritor, parece ecoar na prática em alguns jovens moradores de Petrópolis e Tirol, ao menos naqueles que compõem nosso universo de entrevistas e creem no outrora como marcante em suas vidas, por terem sido experiências que trouxeram para si o espaço e que fizeram que eles o usassem a seu favor. Ser ativo nessas descobertas ou assistir ao desenrolar de importantes fatos e eventos da cidade deixou marcas. Mas, além de lembranças, a prática contribuiu para conhecermos como esta relação se desenvolveu e como a cidade e seus espaços se mostravam para a eles.

⁵⁸ HESSE, Hermann. O Lobo da Estepe, p.39-40.

Descobrir o bairro, percorrer grandes distâncias com ou sem destino era um misto de aventura e encantamento. Atravessar sítios e granjas colhendo frutas do pé, deixando a “cidade civilizada” para trás ainda era possível em Natal anos 1940, principalmente quando se resolvia ir aos extremos de Petrópolis. Perder-se no matagal do bairro em direção às imediações da Praça Pedro Velho, quando se voltava de um programa para contemplar o mar, era uma aventura que beirava o desconhecido, temperada por medo. Só o mar para guiar o regresso do passeio proibido da adolescente Crinaura e suas amigas, que começava ao meio-dia pegando o bonde às escondidas no horário de aula no Colégio Imaculada Conceição, na Avenida Deodoro e ia até o final da linha, na Avenida Getúlio Vargas. O trajeto de volta era cumprido a pé: “A gente se perdeu. Teve longe assim... mas chegamos em casa guiadas pelo mar. Eu dizia: num tá vendo a zuada do mar? A gente pode chegar”. A empresa arriscada revela a relação que se tinha com a instituição escolar, o bairro, com seus limites, fazendo da descoberta um misto de encantamento, medo e apropriação.

“Trazer para si o espaço do bairro” era carregado de significados. A experiência relacional com o outro e com a própria urbe estendia-se às descobertas, para depois, ser possível se apropriar dele. Estas práticas passaram a fazer parte de momentos importantes na vida da parcela mais nova da população local, algo que ia além da simples curiosidade, como a vontade de se desbravar os trechos pouco habitados do então longínquo Tirol. A experiência relatada se mostrava. As descrições sobre por onde se passava, tal qual o “fazer”, de Certeau, eram fundamentais para realizar-se o “ver”, quando o itinerário (série discursiva de operações) e o *mapa* (a descrição em si) se mantinham internamente ligados, tal qual um espaço manipulado⁵⁹.

Assim, nos lembra João Maurício Miranda as suas aventuras e desventuras ao desbravar o bairro:

Uma terminada época, eu com 10, 12 anos, no período de férias de julho, a gente vinha com uma turma até a Lagoa de Manoel Felipe tomar banho. Água limpa, cristalina, a gente via as piabas, os peixinhos coisa e tal, e ia atravessando granjas, cercados. Tinham muitas frutas, Ave Maria!: araxá, pitanga, mangueira, a gente ia roubando frutas, levando mordida de cachorro, era um divertimento. (...) tinha um amigo que morava aqui na redondeza, [Av.] Deodoro, [Av.] Floriano [Peixoto], aqui na praça em frente À [Rua] Seridó e ia

⁵⁹ CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis-Rio de Janeiro, Ed. Vozes Ltda, 1990.

andando, uma turma danada. Tomávamos banho na lagoa e voltávamos a pé.

A lagoa Manoel Felipe era uma nascente natural encravada numa depressão entre as Avenidas Prudente de Moraes e Rodrigues Alves. Antes da substituição dos sítios e granjas de Tirolpela chegada dos moradores que lá construíram grandes e confortáveis casas, o manancial era usado para lavar roupas, havendo, inclusive, alguns barracos em seu redor. Nos anos 1940, transformou-se em Parque Municipal através do Plano Geral de Obras, passando a receber apoio de representantes das elites econômicas e lideranças, com os benefícios se revertendo em plantação de árvores, ordenação do espaço, instalação de equipamentos e transferência de animais em consonância com o ambiente⁶⁰. Auditório, *deck*, bancos, passeios e quiosques formavam o conjunto.



FOTO 06 – A Lagoa na década de 1930 ou 1940. Não foi possível identificar o autor e a data precisa do cartão postal. Consta no verso que era local onde se realizavam piqueniques. A foto pertencia a Stela Dieb (*in memoriam*) e foi cedida por sua sobrinha Ângela Dieb.

⁶⁰ OLIVEIRA, Giovana P. de. Id.

Apesar da distância em relação às regiões mais centrais da cidade, tornou-se um recanto idílico para a visita e a prática de piqueniques, reunindo as famílias nos fins de semana. A natureza exuberante fazia do local um oásis em meio a um bairro que, aos poucos, mudava sua feição urbana, quando os lotes iam sendo vendidos e as casas recebiam as famílias abastadas, proporcionando às pessoas com poder econômico a oportunidade de morar confortavelmente, com qualidade.

Tirol ressentia-se de outras áreas de lazer públicas que atraíssem seus moradores e visitantes. Mesmo tendo na lagoa uma referência neste sentido, merecendo, em determinado período, investimentos da Prefeitura, a falta de uma manutenção continuada contribuiu para a deterioração dos equipamentos, da fauna e da flora, e o consequente desinteresse da população em frequentar o lugar, conforme nos mostra um trecho da Tribuna do Norte:

(...) outrora poderíamos citar o Parque Manoel Felipe, uma espécie de jardim zoológico, mantido pelo governo, e para onde acorria diretamente verdadeira multidão de curiosos. Hoje aquele logradouro está delegado ao abandono (...) ⁶¹

Entretanto, havia outros lugares para se divertir em Tirol e Petrópolis. E viver o dia-a-dia elegendo lugares, importando-se com o presente, não era privilégio de poucos. A condição financeira privilegiada permitia uma vida sem maiores preocupações, afinal muitos jovens sequer tinham a obrigação de trabalhar como era de praxe na alta sociedade entre estes grupos.

As relações comerciais na cidade muitas vezes se entrecruzavam com a vida pessoal (e econômica) dos moradores. Em Tirol e Petrópolis esta característica era comum. Nas relações sociais locais não era difícil reconhecer membros da elite, como a jovem Nilda Cunha Lima, cujo pai era sócio de Otacílio Maia, filho de Moacyr Maia, proprietário do Cinema Rio Grande, um dos principais redutos culturais da Sétima Arte na cidade.

Nesse período, a elite de Natal estudava em instituições como o Atheneu Norte-Rio-Grandense, a Escola Doméstica, o Colégio Imaculada Conceição (só para moças) e

⁶¹ **Tribuna do Norte**, 24.03.1952.

o Santo Antônio Marista. Porém, apesar de terem condição financeira diferenciada, nem todos os jovens ricos deram continuidade ao estudo e fizeram curso universitário. Grande parte fez dessa oportunidade um ofício na vida, decisão que influenciou amizades e a formação de grupos. A sociedade local abria espaço para as artes, permitindo que elas fossem estimuladas desde o final da infância. Nessa época o usual era a maioria seguir a carreira profissional logo que concluísse os estudos, principalmente os garotos, enquanto as meninas eram educadas para casar e constituir família.

Até mesmo dentro da minha geração, embora eu fosse uma pessoa muito bem relacionada com o *bom vivant*, porque eu passei muito tempo *flâneur* tipo Baudelaire⁶², sem acesso ao estudo metódico, não é, lendo muito, lia muito, e vivenciando a cidade, os namoros (...)

Dorian Gray

Identificar um tirolês e petropolitano e entre dez e 19 anos de idade poderia ser pela sua habilidade em tocar um instrumento, participar de jogos de basquete e voleibol, frequentar o cinema, ir às animadas *soirées* e *matinées* nos dois clubes mais chiques da cidade - o Aero e o América -, assistir às retretas na Pracinha, vivenciar as primeiras farras com os amigos. Enquanto “às meninas” cabiam as aulas de piano, poesia e acordeon, para muitos rapazes, os esportes, a literatura e as artes plásticas se firmavam como algumas características que se poderiam identificar nessas preferências.

A vinda de músicos renomados a Natal também estreitava o contato com a arte e influenciava as meninas à prática musical. A cidade recebia os artistas de fora e suas apresentações acabavam por deixar rastros culturais na sociedade, passando a inspirar uma ampla participação de crianças e adolescentes, quase como uma obrigação a mais, tão importante quanto o estudo.

Na metade do século passado, ter um dote artístico para as meninas era tão importante quanto sua referência familiar. Em Natal, estas preferências suplantavam a pintura e a literatura, voltando-se para o acordeon e o piano. Havia garotas que praticavam os dois, mas o piano se consolidou como o instrumento mais popular nas

⁶² Charles Baudelaire, poeta francês do século XX que cultivava o hábito de observar e sair às ruas, sem destino, levado pela curiosidade e pelo prazer da descoberta; o “*flâneur*”.

casas da elite. Essa cultura musical quase que institucionalizada acompanhou diversos momentos da vida das meninas, além de ser uma qualidade a mais para a boa-moça de família aos olhos da sociedade. Os dotes artísticos acabavam por mostrar uma relação cultural entre os moradores, tal qual a experiência vivenciada pela adolescente Luiza Dantas:

Era tudo ali, como se fossem uma família. Então a noite era muito interessante porque se escolhia uma casa diariamente, ia chegando Esmeraldo Siqueira, declamar as poesias dele, vinha Jairo Wanderley [poeta], meu irmão era poeta também declamava. Meu pai era poeta e tocava violão; eu tocava piano, quer dizer, era uma festa, um sarau cultural artístico. Para se ter uma idéia como se pensava mais na cultura, na arte (...) Em 3 quadras, da Deodoro até a Confeitaria Atheneu [rua Seridó, em frente à Avenida Campos Sales] tinham 11 pianos...

As meninas tinham aulas no Instituto de Música ou na própria casa. Às vezes, o ofício já vinha de família, com pai e mãe acostumados a alguma prática musical. Elas começavam a executar logo cedo e já se acostumavam com as audições e pequenos recitais em casa de amigos da família, na própria instituição, em escolas, no teatro Carlos Gomes ou em eventos como festas de 15 anos. Era um aprendizado que durava a vida toda, exigia disciplina e dedicação. Algumas, como a própria Luiza e Nilda Cunha Lima, tornaram-se diretoras de importantes escolas de música do Estado, fazendo da carreira uma profissão.

Notáveis habitantes com referência nacional no ramo da música moravam em Petrópolis. O maestro Waldemar de Almeida, pianista e compositor, foi o fundador do Instituto de Música do Rio Grande do Norte e morou na Avenida Deodoro; seu filho Cussy, maestro, compositor e violinista famoso, também. Oriano de Almeida, sobrinho de Waldemar, morou na Rua Seridó. Diplomado pelo Instituto de Música, fez diversas apresentações na Europa e nos Estados Unidos. Oriano participou de um concurso em Paris que o escolheu como melhor intérprete do pianista polonês Frédéric Chopin. O recital aconteceu na Radio Paris e foi transmitido para todo o Brasil⁶³.

Tirol e Petrópolis passam a sediar as mais importantes instituições relacionadas à música, a maioria deles localizada próxima à Praça Pio X, como o Instituto de Música, que passou por diversos endereços na Cidade Alta, vindo a se instalar na Rua Jundiáí.

⁶³ **A Ordem**, 02.01.1947.

Promovia eventos voltados para o desenvolvimento da música local, principalmente incentivando jovens talentos. A Sociedade de Cultura Musical, inaugurada em 1948, oferecia diversos cursos nesta área. Estruturada, tinha um auditório onde aconteciam várias audições. O primeiro curso de balé de Natal teve sua aula inaugural em 1951, reunindo 39 participantes entre crianças, moças e senhoras, sendo ministrado pela bailarina clássica Olga Hipólito⁶⁴, uma das precursoras desta dança na cidade.

A poucos metros dali, atrás do Cinema Rio Grande, na Rua Açu, o salão Centro Social Divina Providência, em cima da Rádio Rural, reunia acontecimentos culturais diversos. A Semana de Arte Moderna, movimento artístico-cultural surgido em 1922 em São Paulo, acontece em Natal cerca de trinta anos depois, com a segunda exposição deste estilo promovida por Dorian Gray, no início dos anos 1950, com as obras de arte. Diferentemente do cinema, cuja distribuição de filmes obedecia a todo um mercado comercial estabelecido e dinâmico, as artes plásticas na cidade dependiam do intercâmbio pessoal do artista, que tinha de ter condições financeiras para se deslocar para centros maiores onde aconteciam os movimentos e as referências culturais e trazê-las para a capital.

O interesse pela música leva centenas de natalenses às rádios da cidade. Nos anos 1950, os palcos das emissoras locais passam a receber artistas renomados, transformando os programas de auditório em grande sucesso de público. Estudantes passaram a ter um lugar para se reunir nas movimentadas manhãs musicais aos sábados no auditório da rádio Poti. A entrada gratuita facilitava o acesso da estudantada, que lotava a platéia em animadas torcidas para assistir a seus colegas de classe ou astros em ascensão. A diversão começava às nove da manhã e terminava ao meio-dia, com transmissão pela emissora.

O novo auditório foi mais uma opção de palco diferente dos cinemas e do teatro Carlos Gomes. O aniversário da rádio trouxe para Natal em 1953, grandes nomes da música nacional e sucessos, inclusive, de fora do país. De acordo com um anúncio publicado na Tribuna do Norte, apresentaram-se Ângela Maria (já reconhecida como um dos maiores nomes do rádio brasileiro), o Trio Marabá (São Paulo), Gilvan Chaves

⁶⁴ **Tribuna do Norte**, 04.11.1951.

(“o cantor das praias do Norte”), Nancy Montez (conhecida como o “broto-sensação” da Argentina) e Mario Campana (intérprete de música espanhola).

Este ambiente favorável às artes também se revela de outras formas. A tranquilidade de Tirol e Petrópolis proporcionava a interação dos grupos, o que acontecia nas residências, na praça, no clube, no cinema ou na rua. Uma época em que os rapazes saíam a pé à noite e visitavam a casa das pretendentes fazendo serenatas, mesmo que o código social da época não permitisse que a mocinha se postasse à janela como a personagem Julieta, do romance Romeu e Julieta, de William Shakespeare. No máximo, era permitida uma olhadinha pela fresta, o que nem sempre era consentido, principalmente, por causa da magnificente presença da figura paterna como a autoridade máxima do lar.

Ave Maria, todo sábado tinha uma serenata e meu pai dizia: ‘Aqui ninguém pode dormir com serenatas...’. Vinham cinco, seis, [com] violão, uns cantavam. Eles se reuniam, iam visitar as casas das moças que eles tinham pretensão de namorar, porque pra chegar junto de uma moça de sociedade naquele tempo era muito difícil. Nem sempre o rapaz que cantava era o rapaz que pretendia a moça; eles chamavam pessoas que tinha vozes bonitas que tocavam violão (...) e então saía aquela turma de rapazes sem bebida, sem algazarra. Eles chegavam num silêncio que quando a gente escutava, já era a música. E saíam em silêncio. Eu sempre fui bem guardada, quando a primeira vez que eu fui olhar pela brecha da fechadura, meu pai *tava* atrás de mim dizendo: ‘Vá pra cama’.

Luiza Dantas

Os códigos estabelecidos pelas regras morais direcionavam o desenrolar das sociabilidades. Entretanto, em alguns momentos, as questões de gênero ficavam evidentes, principalmente quando se confrontavam com o “regimento” do lar, ditado pelo “arranjo” familiar.

Morar a quarteirões de distância uns dos outros nos dois bairros não implicava em *anonimato*. A profissão dos pais e a fácil localização das casas ajudavam na identificação dos moradores. As escolas e os esportes também contribuíam para fortalecer a referência. A partir daí, a formação de grupos e as escolhas dos lugares de diversão completavam o círculo cruzado de se conhecer quando era comum o “conhecer de vista”. Esta relação se construía desde a infância e acompanhava as experiências vivenciadas no bairro, como se fosse uma “técnica de reconhecimento do espaço

social”⁶⁵. Tal conexão carrega consigo um forte sentimento de pertença, de origem, indissociável do espaço vivido, um modelo que se apropria justamente deste espaço para afirmar a vida diária em público.

O convívio permite que o bairro permaneça aberto, público, e que, mesmo assim, a vida privada de cada um encontre aí um prolongamento, um eco, um apoio, e às vezes também uma crítica. O bairro ou a vila organizavam uma transição complexa entre o público e o privado⁶⁶

Caminhar era uma opção corriqueira para os jovens que iam em busca de diversão. Nem sempre se precisava pegar o transporte para se deslocar. As ruas convidavam ao passeio e, no caso dos homens, havia liberdade para ir e vir permitida pelos pais. Para as garotas, os limites dos bairros iam até onde pai e mãe consentia e geralmente coincidiam com as áreas mais próximas do seu reduto familiar.

Sair de casa durante o dia das imediações da Praça Pedro Velho e ir passeando de bicicleta, mesmo em companhia das amigas, até as imediações do Aero Clube, fins de Tirol, era considerado distante. Mais do que experiências, estas oportunidades estavam repletas de simbolismos que tinham na rua sua razão de existir.

A Praça Pedro Velho foi, durante muito tempo, o ponto de encontro da cidade. Pelo seu tamanho, organização e equipamentos, atraía gente de Natal inteira, mais do que a Pio X, também parte do Plano Polidreli.

2.1. A praça pública como centro da diversão

Uma das mudanças mais importantes nesse contexto foram a ascensão e o declínio do caráter elitista de alguns logradouros, como a Praça Pedro Velho, ambiente bastante frequentado pelos habitantes da cidade, em especial pelos moradores de Petrópolis. Seu grande espaço, que tanto valorizava as relações sociais quanto o próprio

⁶⁵ MAYOL, Pierre. Primeira Parte: Morar. Capítulo 1. O Bairro. CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. In: **A Invenção do Cotidiano**. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis,-RJ, Ed. Vozes, 1994.

⁶⁶ PROST, Antoine. Fronteiras e Espaços do Privado. A família e o indivíduo. In: **História da Vida Privada**. Da Primeira Guerra aos nossos dias. PROST, Antoine.; VINCENT, Gérard. (Org). Vol 5. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.121.

bairro, congregava com pompa e simbolismo eventos marcantes da cidade. Durante muitos anos, foi a principal referência pública de lazer da cidade, principalmente de Petrópolis.

Criada em 30 de dezembro de 1901 pelo Presidente da Intendência Municipal, Joaquim Manoel Teixeira de Moura, em homenagem um dos mais importantes líderes do movimento republicano no Estado, Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, foi oficialmente inaugurada pelo prefeito Gentil Ferreira de Souza em 1937⁶⁷.

Às vésperas do final da II Guerra Mundial, que viria a acontecer dia 8 de maio com a capitulação da Alemanha, Natal, ainda repleta de militares dava prosseguimento a outras manifestações artístico-militares que cada vez mais acontecia na parte alta da cidade. E um destes lugares era a Pracinha. Com o final da Guerra, grande festa ocorrera ali, tornando-se um grande palco a céu aberto para as manifestações populares.

O dia do término da guerra... A coisa mais linda do mundo. Todas as forças vieram pra cá. A Marinha tocando, lalalá, lalalá, lalalá, olha, eu ainda me emociono. Quando me lembro disso que eu tinha 10 anos. E exército, aeronáutica, todos vinham pra cá. Então, era de frente pra minha casa.

Nilda Cunha Lima

A Praça tinha diversos equipamentos, por isto mesmo, congregava diferentes públicos que para lá iam em busca de usufruir de seus momentos de lazer. Havia um artístico coreto, quadras de basquete e voleibol, parque infantil, tanques que funcionavam como aquários para aves e quelônios e um bar em formato de avião. Com seus jardins com pés de fícus tosados em formatos de animais, casinhas, bancos, os ladrilhos ideais para o *footing* de fim de tarde ou os passeios de bicicleta, faziam da praça um ponto de encontro dos mais concorridos das famílias e da juventude natalense.

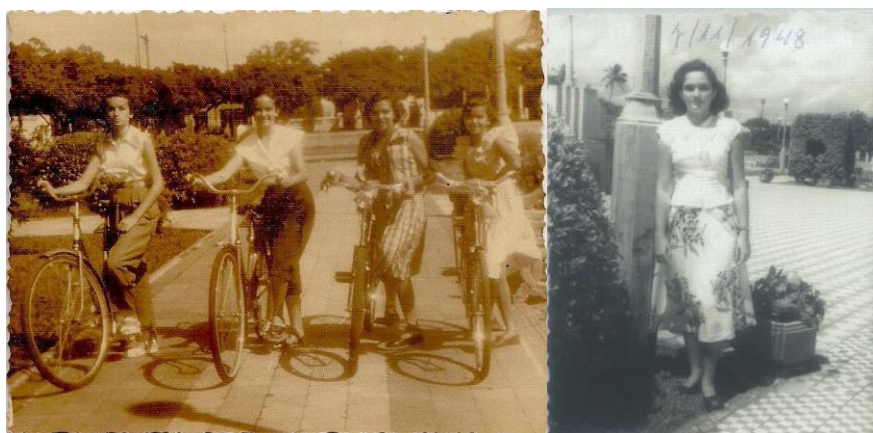
O costume de ir à praça contribuiu para segmentar uma categoria profissional que teve na Pedro Velho um grande cenário, preferido pelas mocinhas que desejavam eternizar os momentos alegres. A crescente demanda de pessoas em busca do serviço tornou oficial, mesmo que informalmente, a profissão de fotógrafo, uma das mais

⁶⁷SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal**. 2. Ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008, p.411.

procuradas no auge da pracinha. Havia poucos fotógrafos na cidade. Usar a praça como cenário coube a José Seabra, a ponto de influenciar a carreira de um rapazote com apenas 14 anos, que se tornaria o preferido da sociedade natalense nos casamentos, aniversários e nos badalados eventos nos clubes da elite:

(...) naquela época foi ele quem inventou fotografia na praça. É tanto que faziam filas para tirar retratos, àquelas arvores feito coelhinhos e cavalinhos... e minha mãe que sabia que eu não era muito chegado às letras, fez eu comprar uma máquina e daí me tornar um fotógrafo seguidor daquele Seabra.

Jaeci Emereciano



FOTOS 07, 08 e 09 – Três momentos da Pracinha e alguns de seus diversos usos. Andar de bicicleta nos anos 1950 (foto acima, à esquerda, de Luiza Dantas). À sua direita, Nilda Cunha Lima aos 13 anos (foto cedida) e, abaixo, o *footing* pelos caminhos ladrilhados e jardins decorados e bem cuidados (fonte: CD Natal 400 anos, autoria de Jaeci). A fotografia posada dava mostra do interesse dos moradores em valorizar o espaço.

Digna de um grande espaço que tanto valorizava as relações sociais quanto o próprio bairro de Petrópolis, era na Pedro Velho que se congregavam, com pompa e simbolismo, eventos marcantes da cidade. Inúmeros jogos foram realizados nas duas quadras da referida praça. Os embates de vôlei e basquete, fossem por pura diversão ou até na realização de campeonatos de clubes da cidade, marcavam o encontro dos jovens que se reuniam semanalmente, à noite ou nos fins de semana, para praticar esporte, quase sempre, sob os olhares femininos que já flertavam com os garbosos rapazes que caprichavam nas cortadas e nas cestas.

Preferência de muitos e referência, na cidade, em beleza e oportunidades de lazer, a praça nem sempre significava o programa ideal para todos. Talvez pelo fato de não existirem novidades no seu uso, a preferência não era unanimidade. Com as relações sociais se entrecruzando e as opções para se aproveitar o tempo livre sendo repetidas e seus códigos (re)conhecidos, a vivência no bairro simbolizava na Praça, justamente por permitir concentrar opções onde a diversão tinha dia, hora e lugar para acontecer. Entretanto, como afirmamos anteriormente, a preferência não era unanimidade, mesmo para quem morava pertinho do maior local de lazer da época:

Só tinha a praça para a gente ver, as mocinhas por um lado, os rapazes por outro. Eu achava aquilo um mostruário e eu não gostava de ser *desfilante*, mas era o que tinha: um coretozinho que servia para tirar retrato. Ali tinha uma coisa, um barzinho; a praça mesmo era muito desanimada.

Crinaura Cavalcanti

Apesar da opinião divergente, com o passar dos anos, a praça parece ter se tornando cada mais vez propensa ao uso de outras clientelas. Porém, nem sempre os seus frequentadores se comportavam como mandavam os preceitos da época. Algumas turmas de “numerosos rapazes desocupados”, por exemplo, aproveitavam o avançar da noite para fugirem das regras da boa convivência – e vizinhança – promovendo

algazarras na *square*, perturbando a tranquilidade das famílias quando era hora do repouso da noite⁶⁸.

Este quadro foi acompanhado por um processo de decadência dos serviços e da manutenção do logradouro. A Praça Pedro Velho testemunhou as transformações que iam modificando Petrópolis, seja pelo passar dos anos ou pela negligência da administração da prefeitura local. Os problemas eram diversos, como a falta de infraestrutura básica relacionada ao fornecimento de energia, chegando a ficar longos períodos às escuras, excedendo um ano inteiro de breu.

Símbolo do planejamento urbano da cidade, entretanto, a Pedro Velho era a única grande praça da cidade. Muitas vezes esquecida, quase abandonada. A interrupção do fornecimento de água, vital para manter vivas as tartarugas nos tanques e regar as plantas e árvores, que formavam um belo conjunto ao lugar, era outra prova do descaso com aquele logradouro, orgulho dos moradores.

A elite natalense, já passou ali, assistiu jogos de Basket e voley em sua quadra, retretas em seu coreto, agora apenas recordação de antanho⁶⁹

Esta mesma elite, a que se refere a publicação, era assídua no bar – que vendia lanches, refrescos e cigarros -, e no coreto, com suas retretas nas noites de quinta-feira e nas tardes de domingo -, “faziam daquele ambiente um convívio sadio e atrativo, para o qual para ali convergia uma sociedade bem seleta”⁷⁰.

O parquinho infantil era um dos mais procurados pelas crianças, principalmente nas tardes dos fins de semana. Tinha balanços, gangorras, escorregos, trapézios, círculos e árvores. As sombras contribuía para se ampliar a utilização dos equipamentos pelas crianças, cuja frequência aumentava bastante nos finais de tarde, principalmente aos sábados e domingos. Mas esta pujança não era contínua. O mato crescia e começava a ocupar a área dos brinquedos. As tartarugas, que faziam a alegria e a curiosidade da criançada, jaziam abandonadas entre lodos, galhos de pés de ficus benjamina e outros rejeitos.

⁶⁸ **A Ordem**, 05.04.1947.

⁶⁹ **Tribuna do Norte**, 06.12.1953.

⁷⁰ **Tribuna do Norte**, Id.

Eleger a praça como uma referência para a diversão era possibilitar relações sociais que variavam de acordo com o que se buscava e o que o equipamento oferecia. Assim como a Pedro Velho, a Praça Pio X, localizada mais próxima ao centro da cidade era ladeada por importantes instituições de lazer de Natal como o Cinema Rio Grande, a Sociedade de Cultura Musical, o Centro Social Divina Providência e ficava defronte a Rua João Pessoa, ligação direta com o Grande Ponto, local de passeio e ponto de encontro da boemia natalense durante muitos anos, vivia situação parecida.

As duas praças de Petrópolis e Tirol tiveram seu apogeu e ocaso ao longo das décadas que se seguiram. De reformas que diminuíram o tamanho de uma, ao completo desaparecimento da outra do mapa da cidade, foram testemunhas da história natalense, configurando-se em locais de manifestações cívicas, políticas, apresentações musicais, esportes, pátio para brincadeiras e passeios.

Além de funcionarem como um espaço de recreação e lazer, eram escolhidas como local de manifestações de caráter político e reivindicatório. Também foram lugar de apresentações culturais e religiosas, passaram a ser usadas para fins cívicos, principalmente depois do término da II Guerra Mundial.

2.2. A praça e o povo

A Praça Pio X, oficialmente inaugurada em 1944, foi construída em um terreno que pertencia à Arquidiocese de Natal; tinha coreto e foi um dos equipamentos públicos que passaram a ter postes com luz elétrica instalados na primeira década do século XX⁷¹. Palco de grandes comícios políticos entre 1945-1955, fora devolvida para dar lugar à Catedral de Natal⁷².

⁷¹ COSTA, Ricardo José V. da. Id., ibid, p.72.

⁷² A primeira reunião “oficial” para definir a construção da nova catedral da cidade fora captaneada pelo Bispo Auxiliar, Dom Eugênio Sales. Para o encontro, foram convidadas diversas personalidades “sociais e financeiras” de Natal. Naquele momento, a cidade tinha 100 mil habitantes. A ideia era levar adiante a “campanha do cruzeiro”, que previa a contribuição de cada morador com o valor unitário da moeda. A Catedral da Cidade só viria a ser inaugurada, de fato, no início dos anos 1980.

Sua amplidão era ideal para eventos de grande porte, quando os cidadãos iam e assistiam aos acontecimentos com conforto, livres do empurra-empurra característicos das ruelas da cidade antiga. A infra-estrutura era formada por um restaurante – a Peixada Noturna, bastante procurada para jantares reunindo a classe política, empresarial, juízes – e por um coreto. O espaço da praça era cenário aberto para retretas, concertos, manifestações políticas e estudantis, comemorações escolares, quermesses, além de servir ponto de encontro agradável quando a noite caía e o calor se dissipava.

O artista plástico Dorian Gray lembra que, quando jovem, frequentava constantemente a praça:

Ia sempre com a turma. Eu andava muito em grupo. A minha geração a gente ia muito pra ali falar sobre livros, literatura.

Estava localizada ao lado do Cine Rio Grande e não muito longe de outro ponto de convergência social da cidade: o Grande Ponto, na Avenida Rio Branco com a Rua João Pessoa. Talvez por se situar mais próxima do centro (e pela própria liberdade concedida à sociedade da época, de sair de casa à noite e ficar até horas mais avançadas), atraísse mais frequentadores do gênero masculino.

A reconstrução da cidade era quase gestual, uma vez que era possível realizar desejos alcançáveis ao caminhar refazendo rumos, traçando rotas, unindo distâncias, concretizando sociabilidades. João Maurício Miranda, juntamente com seu grupo de amigos, era um dos frequentadores assíduos da Pio X:

Cada um que estudava à noite tinha uma namorada, quando davam nove horas, dez horas, se uniam para bater-papo. E às vezes no final de semana a gente sai dali pra fazer ...teatro ...a pé pela rua, fazendo serenata na portas das namoradas, violão, tocando sanfona.

O contexto político no período era marcado pelo retorno do regime democrático, que foi acompanhado pela apropriação política e recreativa desses espaços. Se na Praça Pedro Velho predominava uma série de usos cívico-militares, na Pio X prevalecia uma maior presença de manifestações não oficiais. Os acontecimentos políticos de 1945 confirmaram a importância e a escolha das praças como locais ideais para as manifestações. Amplas, recebiam pessoas de todas as classes sociais, muitas vezes, espremidas umas contra as outras, a depender da importância do evento ali realizado. O povo ia à rua, mesmo sob momentos de tensão política, comparecendo aos desfiles, comícios, comemorações.

Apesar de se caracterizarem como espaços democráticos, por vezes, a praça foi alvo de sanções. Em 1945, a Pio X foi uma das preferidas pelos comunistas, que pretendiam ali realizar um “comício-monstro” em comemoração ao dia da Pátria. Entretanto, com as regras impostas pelo Departamento de Segurança Pública naquele ano, a realização dos comícios deveria seguir uma série de protocolos, desde comunicar à chefia policial o dia, a hora e o local, até se comprometerem em manter a ordem e o respeito às autoridades e partidos políticos, etc. Essas reuniões com fins políticos chegavam a atrair também o público feminino; algumas, com grande número de oradoras que subiam à tribuna⁷³. Naquele ano, a Pio X se firmava como um dos poucos locais públicos liberados para a realização de comícios - e um dos preferidos pelos políticos, visto sua ampla área livre.

A finalidade da manifestação poderia ser política, mas o público promotor – assim como o que comparecia - nem sempre eram os mesmos: a estudantada citadina fez campanha em prol do funcionamento da Faculdade de Direito com grande passeata pelas ruas da cidade. Para finalizar, um grande comício aconteceu às 20 horas na Pio X, com a presença de vários oradores, muitos portando cartazes, quando compareceram cerca de duas mil pessoas que aplaudiram os estudantes, transformando aquele momento em outro “comício monstro”⁷⁴. Candidatos em campanha à Presidência conseguiam reunir grande público; sabiam da importância simbólica da Praça, que funcionava como uma espécie de “termômetro” medidor do “sucesso” de eventos tais. Alguns reuniam oito mil pessoas em comícios na Pio X.

⁷³ LIMA, Jailma M. de. **Partidos, Candidatos e Eleitores**: o Rio Grande do Norte em campanha política (1945-1955). Tese. Universidade Federal Fluminense, Niterói-RN, 2010, p. 75.

⁷⁴ **Tribuna do Norte**, 10.12.1953.



FOTO 10 - A Praça Pio X nos anos 1940. Ampla, ladrilhada, com belos postes, tinha no centro a Peixada e um pequeno restaurante. As poucas árvores em comparação com o terreno faziam-na ficar praticamente deserta durante o dia, com a afluência de cidadãos sendo mais freqüente à noite. À sua frente, a Avenida Deodoro da Fonseca, por onde ainda passavam os bondes. Fonte: Blog Natal de Ontem. <http://nataldeontem.blogspot.com/search?updated-max=2010-03-14T21%3A29%3A00-03%3A00&max-results=5> Acesso em 02.06.2011.

Os grandes espaços vazios das praças eram bastante procurados para sediarem acontecimentos de grande diversidade. A Praça Pio X era ideal para a realização de eventos coletivos e mostras artístico-culturais e econômicas. Muitas exposições foram montadas ali. A economia, por exemplo, era apresentada na Feira de Amostras Praça Pio X que reuniu a exposição dos municípios, mais indústria e comércio do Estado. Todas as noites, grandes shows fechavam a programação diária, com a participação de artistas do rádio e do cinema. Entretanto, o saldo do acontecimento deixou marcas no logradouro, principalmente nas árvores, na grama e nos canteiros arrebetados⁷⁵.

Porém, apesar de ser a preferida para sediar grandiosos eventos reunindo multidões e servindo de lugar para outras manifestações, o aspecto físico do logradouro nem sempre mereceu cuidados da administração pública. A fase de abandono culminava com a efetivação da apropriação do espaço por conta do seu verdadeiro dono. A amplidão da praça, de onde se enxergava de ponta a outra do quarteirão, se viu enclausurada, privada e impedida do seu uso, frustrando a contemplação, tal qual se publicou na época:

Primeiro, mataram suas flores, derrubaram seus jardins (...). Depois, levantaram aquele muro horrível, medonho e sombrio,

⁷⁵ **Tribuna do Norte**, 11.01.1952.

que lhe dava um ar de estranha Sing-Sing*, plantada dentro da cidade.⁷⁶

A Igreja católica buscava reaver um bem que era seu, mas que por muito tempo sua legitimidade foi dada por outros personagens. Da Pio X, o que se salvaram foram as lembranças, as fotografias e as histórias de quem lá viveu momentos importantes da cidade, antecipando o futuro cujo ladrilho voltaria a ser composto por simples quadrados de areia e mosaico.

2.3. E chega o fim de semana

Os compromissos semanais de pais, filhos (e amigos), cada qual com suas obrigações a cumprir e com suas relações sociais com o trabalho e o estudo, arrefeciam no fim de semana, quando, quase que institucionalmente, se assumia o ócio como uma meta a seguir. Era quando as opções de lazer ampliavam o tempo livre em uma sociedade acostumada a se divertir sem culpa, pronta para o consumo de uma felicidade que se moldava de acordo com o código estabelecido pelos lugares escolhidos por ela.

Os clubes continuavam sendo o melhor exemplo dos espaços que primavam tanto pela sua exclusividade de uso pelo público quanto pelas amplas opções de diversão. Em Natal, dois destes estabelecimentos concentravam a elite e resistiam fortemente às mudanças que a cidade sofria ao mesmo tempo em que outros lugares iam surgindo. Diferentemente da maioria dos seus congêneres, as duas maiores referências, tanto nos esportes, quanto nas tertúlias, continuavam sendo o Aero Clube e o América Futebol Clube.

⁷⁶ **Tribuna do Norte**, 18.01.1957.

*Prisão localizada a 50 Km de Nova Iorque, Estados Unidos.

Ir ao clube era legitimar este poder cujo símbolo mais emblemático na cidade era o Aero Clube. Inaugurado em 1928, num longínquo e extenso terreno onde era localizada residência de veraneio do ex-Governador e Deputado Alberto Maranhão, no alto do Tirol, retrata um momento em que a aviação comercial estava em ascensão no país. Um dos emblemas da modernidade, foi apropriado pelas elites locais, que passaram a fazer cursos para adquirir o brevê. Seja praticado como esporte ou profissionalmente, o fato de Natal ter um clube onde “voar” com essas características era um privilégio significativo. Prova de que havia gente suficiente para manter os cursos ministrados e uma oportunidade para se passear pelos céus de Natal. Ser Bravo Piloto do Ar era ter distinção social, fazer parte de um grupo diferenciado. Ser aviador civil era, além de ter boa condição financeira, reunir atributos como masculinidade e tempo livre, pois nem todos constituíam carreira após o curso.

O Aero Clube promovia eventos que trouxeram para Natal diversas aeronaves de vários locais do País. Como forma de fortalecer a instituição, promoviam-se eventos que duravam vários dias e ocupavam diferentes espaços da cidade. Para a Semana de Augusto Severo, homenageando o cinquentenário da morte do ilustre aviador, a programação contou com sobrevoo de aviões dos aero clubes do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Mossoró, Campina Grande, João Pessoa e Fortaleza. Houve homenagens feitas pelos escoteiros, pela Polícia Militar e Forças de Terra e Mar, palestra na rádio Poti, recital, aula na Universidade Popular, sessão solene no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e a inauguração do busto de Augusto Severo em frente à sede do clube⁷⁷. Um baile de Gala fechou a programação em homenagem à aviação brasileira dia 31 de maio deste ano⁷⁸.

De sexta a domingo, livres das obrigações do trabalho e do estudo, os endinheirados marcavam presença nas animadas *matinéés* e *soirées*, bailando ao som das orquestras e shows com atrações locais, nacionais e internacionais. Respeitáveis senhores, senhoras, rapazes e senhorinhas pertencentes ao seleto grupo dos sócios que

⁷⁷ **Tribuna do Norte**, 09.05.1952.

⁷⁸ A escritura do prédio foi assinada durante o encerramento da Semana. O Governo doou os terrenos e o prédio ocupado pelo clube, na Avenida Hermes da Fonseca. A iniciativa mereceu publicação na capa do jornal, cujas notícias eram voltadas quase que em sua totalidade para fatos nacionais e internacionais. **Tribuna do Norte**, 17.05.1952.

tinham acesso às dependências destes clubes denotavam uma crescente prática na diversão, institucionalizada com mais frequência nestes dias da semana.

O prestígio que o clube tinha junto à sociedade mais rica e à classe política local não se resumia apenas às festas, a sua diretoria e aos seus frequentadores. Os contratantes representavam bem qual o público utilizava os serviços oferecidos pelo Aero, como quando o prefeito Claudionor de Andrade distribuiu “numerosos convites entre as autoridades e o mundo social natalense” para um baile oferecido ao comandante e oficiais da Base Aérea de Natal⁷⁹.

O aluguel do salão para festas particulares era um momento em que se abriam as portas para outros grupos. Instituições ligadas a partidos políticos, festas de formaturas e associações estudantis programavam seus encontros no Aero. Era uma forma de facilitar o acesso a outras pessoas. Entretanto, as festas exclusivas para os sócios, em sua grande maioria, comprovavam a seletividade do público, assumidamente nos anúncios publicados em jornal como “a elite natalense”, principalmente moradores de Tirol e Petrópolis.

Tirol era o Aero Clube, tudo girava em torno do Aero Clube, jogava-se tênis, tinha piscina, se dançava, tinha festa semanal. Cada festa de arromba.

Pery Lamartine

As instalações se constituíam num dos maiores diferenciais do clube. Nele, os sócios podiam contar com equipamentos de lazer até então inéditos nos grêmios de Natal, como uma piscina. Durante a fase de construção, comemorou-se a colocação do primeiro azulejo, com jogos de tênis aos quais compareceram os campeões brasileiros, e com mais outras exibições esportivas e apresentações musicais⁸⁰ (quadras de tênis e outra para a prática de basquete e voleibol, e um campo de futebol completavam a estrutura esportiva). Durante a administração da casa pelo ex-Prefeito Gentil Ferreira de Souza (mandatos em 1931-1932, 1935 e 1940), diversas melhorias foram executadas, como a construção de um moderno palco, aeração do salão de festas com a abertura de janelas e arcadas; os dois alpendres laterais, que mediam 230m², passaram por serviços de alvenaria e cobertura, foram construídos muros frontais e o acesso frontal do prédio

⁷⁹ **Tribuna do Norte**, 28.10.1950.

⁸⁰ **Tribuna do Norte**, 20.08.1955.

contou com uma nova entrada para os automóveis. Este item teve a contribuição do prefeito Sylvio Pedrosa, que autorizou a construção do piso feito de paralelepípedos⁸¹.

Para as danças e shows, além do salão, os privilegiados sócios tiveram a oportunidade de testemunhar mais um diferencial: a inauguração da boate. O equipamento valorizou a qualidade das apresentações artístico-culturais que se realizavam no sodalício, como os recitais de instrumentos de cordas.

Saudada como a grande novidade, a boate do Aero, apesar de pequena, selaria a diversão das gerações de 3 mil sócios que se dirigiam ao alto da colina do Tirol para lá se divertir. Era como se a parte elitizada cidade exigisse novidades, pronta para usufruir do conforto que, aos poucos, por aqui chegava. Em nome dos seus seletos moradores que tinham acesso ao clube, recebia-se com pompa mais um equipamento que se constituía em outro diferencial, mantendo costumeiramente os eventos que eram uma das marcas registradas dali⁸². Na vanguarda, o equipamento do clube natalense fora inaugurado antes de o Aero Clube de Recife instalar o dele.

As instalações do clube também contribuía para a pluralidade de acontecimentos artístico-musicais realizados em seu salão, misto de conforto para a platéia e acústica favorável para eventos como recitais de instrumentos acústicos. Quando outras instituições promoviam seus eventos, havia a oportunidade de se assistir às apresentações de artistas como o trovador italiano Enzo Candioni, a artista portuguesa Maria Clara, a cubana Rayito de Sol, a argentina Maria Luiza Anido, cantor francês Domi Spada, cantor cubano Bienvenido Granda, Ademilde Fonseca, já consolidada em carreira na Capital Federal, o tenor brasileiro Rosalvo Giugni. A Festa dos Artistas promovida pela Sociedade Artística Estudantil e o Clube do Cinema trouxeram Alberto Rushell, Milton Carneiro, Trio Marajá, Odete Lara, Ana Maria Nabuco e Malú. Consuelo Leandro, Marlene, Hilda Marques, Nise Brito e a dupla de rádio e televisão Cascatinha & Inhana vieram a Natal participar do aniversário da Rádio

⁸¹ **Tribuna do Norte**, 12.10.1950.

⁸² Após a inauguração da *boite*, o Aero Clube passou a contar com duas opções para a realização de eventos: o primeiro salão - o das grandes festas - e a boate. **Tribuna do Norte**, 19.01.1957.

Nordeste e, em noite especial, fora preparada uma programação gigante para todos eles, à noite, no clube⁸³.



FOTO 11 – O Clube e sua famosa varanda, palco de concorridas *matinéés* quando as meninas só iam acompanhadas do pai ou da mãe. Foto de Jaeci Emerenciano (Fonte: CD Natal 400 Anos)

Os bailes a rigor eram frequentes no sodalício. Este tipo de festa requeria traje especial e significava uma exigência corriqueira para se poder adentrar às dependências do clube. As diretrizes impostas pelo regimento interno eram direcionadas principalmente aos sócios, que deveriam apresentar na entrada o último recibo de pagamento da mensalidade. Exigia-se também determinado tipo de vestimenta (em algumas ocasiões, o traje passeio para uma *matinée* poderia ser mais “relaxado”, permitindo o uso de “*slaks*”, que era o uso da camisa sem o paletó, herança dos soldados norte-americanos na cidade).

As restrições apareciam via anúncio de jornal, e o conteúdo da informação era diretamente direcionado para os associados de ambos os sexos, assinado pela Diretoria. Era terminantemente proibida a entrada às dependências do clube, de senhoritas e senhoras que não fizessem parte da família dos sócios, sendo o acesso das associadas condicionado ao porte da Carteira Social feminina⁸⁴.

O horário para as danças obedecia às diretrizes estabelecidas pela diretoria. Para esse consolidado público consumidor, as festas aconteciam a cada fim de semana e eram plenamente divulgadas na imprensa, seja em colunas sociais, na forma de pequenas

⁸³ **Tribuna do Norte**, 12.10.1953; **Tribuna do Norte**, 11.10.1950; **Tribuna do Norte**, 15.06.1951; **Tribuna do Norte**, 09.1951 (dia não identificado); **Tribuna do Norte**, 12.10.1957, **Tribuna do Norte**, 18.11.1955; **Tribuna do Norte**, 19.10.1952; **Tribuna do Norte**, 14.12.1957, **Tribuna do Norte**, 18.12.1955 e **Tribuna do Norte**, 05.09.1952.

⁸⁴ **Tribuna do Norte**, 05.09.1952.

reportagens ou anúncios. As festas exclusivas para os sócios, em sua grande maioria, tinham em sua concepção a seletividade do público, direcionando seu conteúdo, explicitamente, para a “a elite natalense”.

Os bailes continuavam frequentes e se tornavam as principais atrações dentre várias que eram oferecidas. As *soirrés* começavam às 23 horas e eram voltadas para o público adulto, composto pelas distintas e elegantes famílias tradicionais. Para os mais jovens, a diversão acontecia nas tardes de domingo e tinham hora para começar e terminar. As tardes dançantes geralmente iniciavam entre as 16 e terminavam cerca de 20 horas, já que a segunda-feira era dia do compromisso principal da estudantada, que não podia dormir tarde da noite e comprometer a aula do dia seguinte. Era tempo suficiente para a “brotolândia” se divertir. A qualidade musical oferecida para ambas as faixas-etárias era igual: Jonatas Albuquerque⁸⁵ e sua orquestra estavam sempre presentes, sendo as atrações fixas da casa.

Certa feita, a suntuosidade do clube foi descrita cheia de significados pelo artista Newton Navarro:

(...) sentindo em tudo um surto de vida nova, nas linhas que começam a ser traçadas, nas arcadas novas que se vão abrindo, no traçado caprichoso da remodelação e ampliação dos corredores e sobretudo no bom gosto da construção de uma piscina, com todos os requintes que já se pode sentir nos clubes elegantes das grandes cidades.⁸⁶

Era como se Natal e sua elite tivessem neste templo social uma amostra do que se oferecia fora da capital, sendo plenamente suficiente para o que se destinava. Havia uma segmentação de público e toda uma organização que justificava os investimentos.

Os principais clubes da cidade, que ocupavam o mesmo bairro do Tirol, concorriam em animação e mantinham uma relação amigável entre seus sócios. Entretanto, apesar de ter dimensões arquitetônicas em menor proporção e quantidade de sócios mais reduzida do que o Aero Clube, o América Futebol Clube continuava sendo o segundo reduto privado mais famoso do bairro.

⁸⁵ A orquestra de Jonatas Albuquerque iria integrar o “cast” da Rádio Nordeste, que seria inaugurada brevemente na cidade. A emissora, localizada na Rua João Pessoa, na Cidade Alta, estava sendo considerada como a grande novidade em Natal e seria a concorrente mais próxima da Rádio Poti. **Tribuna do Norte**, 30.05.1954.

⁸⁶ **Tribuna do Norte**, 12.02.1954.

A sede da rua Maxaranguape, inaugurada em 14 de julho de 1945, era uma edificação construída em um terreno que ocupava todo o quarteirão. Seus sócios tinham na sua “*boite*” o espaço principal para as concorridas vesperais para a “brotolândia”, bailes noturnos e os jantares dançantes. Com sua pista de dança arredondada, junto ao palco e ladeada de terraços, era uma versão em menor proporção, do salão do Aero Clube, porém, oferecia uma programação tão diversificada quanto, que incluía desde as festas aos embates esportivos no seu campo de futebol ou na quadra.

A vigilância rígida de pais e mães que acompanhavam os adolescentes nas matinês dançantes não impedia que os romances se concretizassem. A etiqueta da época mandava o rapaz sentar-se à mesa para conversar com as garotas. Apesar de toda a formalidade institucionalizada, namoros e casamentos aconteceram ao som do bailinho no América. A presença de militares reunia muitos casais, com as mocinhas da alta sociedade contraindo matrimônio com os garbosos rapazes da terra de Tio Sam.

Os shows e jantares dançantes eram comuns àquela época, com uma mistura de artistas, ritmos e apresentações diversas e animadas. Assim como o Aero Clube, havia o conjunto musical próprio, comandado por Waldemar Ernesto e seu conjunto. Em algumas ocasiões, a “*boite*” também abria durante a semana, para eventos particulares. Ernesto era o contratado “oficial” para animar os bailes. O som do América era considerado de melhor qualidade do que o do Aero Clube; havia mais instrumento percussivo e menos gente na pista de danças (nos 1950, estima-se em 150 sócios no América).

A boate trazia artistas internacionais para se apresentarem no seu palco. A assistência acompanhava os “deslumbrantes” shows de dança. Na noite natalina de 1950, houve a apresentação do casal de bailarinos franceses Sevil e Lena, contratados exclusivamente para a festa. Outro casal de bailarinos, desta vez húngaro, foi a atração da festa dançante do dia 30 de dezembro do mesmo ano⁸⁷. O clube também ocupava as páginas do jornal para anunciar as festas de maior vulto na sua boate. Artistas notáveis como Dick Farney, Bibi Ferreira, Vicente Celestino, Emilinha Borba, Ângela Maria, Paulo Silva, Rinaldo Calheiros, Glorinha Oliveira, Nelson Gonçalves, Orlando Correia,

⁸⁷ **Tribuna do Norte**, 30.12.1950.

as Irmãs Acyoman, “que formam o mais perfeito duo vocal do norte do país”⁸⁸ dentre outros, foram atrações que por ali se apresentaram.

Para encerrar as comemorações dos 41 anos do Clube, houve um grande show com Nelson Gonçalves, Marion, Badoro, Mirian Marques, Mister Tange e José Renato⁸⁹. Muitos dos artistas visitantes à cidade que vinham se apresentar na Rádio Nordeste, também tinham o compromisso de fazê-lo no América.

João Maurício Miranda recorda com entusiasmo dos seus tempos de freqüentador do Clube:

Ana Maria González, cantora mexicana, Francisco Canaro, que era uma grande orquestras de tango argentino deu um espetáculo no América. A rumbeira Cuquita Carballo, que na época era um escândalo dançar rumba praticamente quase sem nada... Ninguém perdia o espetáculo. Quer dizer, houve uma fase de grande movimento social, entende, de shows, todo sábado tinha um artista de fora.

Numa época em que ter carro particular ainda era privilégio de pequena parcela da população natalense, e quando os transportes públicos eram escassos à medida em que a noite avançava, a freqüência às festas no América se mantinha constante. Apesar de a linha do bonde não passar tão perto como acontecia no Aero, a localização do América ficava mais próxima de áreas do bairro que iam recebendo as famílias que ali construíam suas.



⁸⁸ **Tribuna do Norte**, 29.10.1955.

⁸⁹ **Tribuna do Norte**, 28.07.1956.

FOTO 12 – Na foto, sentados, da esquerda para a direita, João Maurício Miranda, aos 19 anos e Jaci Emerenciano ao seu lado. Amigos e companheiros de boemia, Miranda fez o projeto arquitetônico da casa do fotógrafo na Avenida Afonso Pena. Fonte: Livro “Antes que a Memória se Apague”, de João Maurício.

Os cerca de 150 sócios eram uma pequena amostra da exclusividade do sodalício e, de certa forma, esta característica comprovava um fato já reconhecido pela própria elite, e vivenciada por aqueles que não se encaixavam no perfil. Quando a instituição abria para um público mais heterogêneo como o estudantil, nem sempre conseguia atrair e agradar os freqüentadores, devido ao preço que se cobrava das entradas. O jornal Tribuna do Norte chegou a protestar sobre os preços cobrados:

Jantar dançante dia 5 próximo na ‘boate’ do América em colaboração com o CEP – CLUBE ESTUDANTIL POTIGUAR (...) Meditem bem! Cr\$ 60 é uma verdadeira extorsão ao minguado bolso do estudante”⁹⁰

Não somente pelas dimensões da *boite*, a questão financeira era um dos principais itens da elitização do América e revelava que o público não-sócio não era bem-visto. O indisciplinamento deste público ia de encontro ao que se esperava de pessoas de tão alta estirpe, frequentadoras habituais do América. Por sua vez, as festas nem sempre eram bem aceitas. A liberdade de ir e vir de (algumas) moças e rapazes, altas horas da noite, não condizia com o que se deveria esperar de um bom comportamento social da época, principalmente em quesitos como recato, respeito e educação. Por tabela, era como se, guardadas as devidas proporções, o lugar dos santos fosse na igreja e não no clube, onde eles nunca seriam encontrados:

Há poucos dias, uma senhora respeitável fazia-me comentários sobre coisinhas dessa natureza [sobre os bacanais em bailes], que se haviam passado em a noite de Sábado de Aleluia, no ruidoso baile num dos clubes do Tirol, situado mesmo no centro residencial. Disse-me essa senhora que dificilmente se acreditaria no estado em que aquela gente saiu do baile. Tinha-se a impressão de que se tratava de um bando de loucos e de ébrios, invadindo a rua numa hora calma de madrugada, gritando e cantando *obcenidades* e pornografias a plenos pulmões. E isso, *quasi* no coração da cidade, onde o repouso fôra já impelido a noite inteira à força de orquestra estridulante, de revoadas de batuques e rebates de clarins. (...) ⁹¹

⁹⁰ Tribuna do Norte, 03.11.1953.

⁹¹ A Ordem, 31.03.1951.

A música alta, o consumo de álcool e a proximidade das casas próximas a este clube - que não fora identificado pela nossa pesquisa, mas que poderemos supor ser o Aero Clube, o América ou o Brasil Clube –, apresenta uma outra realidade, nem tão festeira e festiva como se estava acostumado a propagar na cidade. Havia quem não gostasse, principalmente por não se estar acostumado ao barulho e à algazarra de alguns frequentadores.

Polêmicas à parte, o esmero era um diferencial que o sodalício oferecia aos seus associados. O América investia em decoração, que era produzida de acordo com a proposta do evento, como quando aconteceu na suntuosa festa de inverno que marcou para o aniversário do clube dançante e esportivo. O Baile do Perfume demandou uma produção que reuniu decoradoras, ornamentação tropical, aromas e, “no palco, sobre um losango de pétalas de rosa e confetes dourados, derramados na tapeçaria, desfilarão, as fadas do perfume que representará com a graça e o quebranto da mulher brasileira”⁹². Naquele mesmo cenário, uma mulher faria as vezes de “*toilete* simbólica”, naquela que prometia ser a noite de uma “*boite* de estrelas”.

Festas de debutantes e concorridos desfiles de Miss nos anos 1950 foram realizados nas dependências da *boite*, quando abria suas portas para receber uma sociedade cada vez mais voltada para a estética da beleza feminina. O Carnaval do América, assim como acontecia no Aero Clube, era um dos momentos máximos do elitismo em uma festa tida como popular⁹³.

Localizada próximo à AABB, a ASSEN – Associação dos Subtenentes e Sargentos do Exército - mantinha seu público de associados com uma programação semelhante à do América e Aero Clube, também com *matinéés* e *soirées*. O modelo das festas ali realizadas era o mesmo, o que diferenciava era o público, que não fazia parte da elite local.

Fundada em 1947, exigia trajes específicos para se poder ter acesso às festas, tal qual seus congêneres abastados. Investia em atrações artísticas consolidadas nacionalmente, como Linda Batista, que veio animar o 10º aniversário⁹⁴ e Ângela Maria

⁹² **Tribuna do Norte**, 01.07.1953.

⁹³ Trataremos destes assuntos detalhadamente mais adiante no Capítulo 3.

⁹⁴ **Tribuna do Norte**, 24.08.1957.

e Agostinho Santos, em comemoração aos 12 anos da Associação⁹⁵. Enquanto os outros tinham uma *boite*, a ASSEN comportava uma biblioteca. Seus churrascos dançantes movimentavam a sede que ficava na esquina da Avenida Deodoro com a rua Potengi.

Clubes, quadras, praças e campos de futebol passam a ser usados pelos cidadãos que mantinham o costume de praticar esportes, principalmente a juventude. A preferência para a prática consolida diversos locais em Tirol e Petrópolis, que acompanha a evolução de diversas modalidades, seja em qualidade ou na profissionalização.

2.4. Esportes: da praça à quadra

As práticas esportivas na cidade continuaram acontecendo mesmo durante os anos de tensão enquanto durou a Segunda Guerra Mundial. Se os pracinhas americanos praticavam o baseball numa Avenida Deodoro quando ainda era areia, os cidadãos elegiam muito mais do que o campinho de futebol nos amplos terrenos que ainda perdurariam por alguns anos depois.

As sociabilidades estimuladas pelo exercício físico por muito tempo dominou os espaços públicos de Tirol e Petrópolis. As ruas e a Praça Pedro Velho eram responsáveis por testemunhar o desenvolvimento e a popularização de diversas modalidades, algumas delas, migrando do ambiente público para o privado, como foi o caso do basquetebol, mais popular na década de 1950 como “bola ao cesto”.

Esporte e diversão reuniam principalmente jovens na faixa dos 15-20 anos de idade, a maioria realizada por rapazes que se reuniam para praticar esportes com bola, pedalar, ou correr de automóvel pelas largas ruas dos dois bairros, enquanto as garotas aproveitavam o momento de exibição para flertar. Quando se envolviam a praticar exercício, as representantes do belo sexo tinham preferência pelo voleibol, mais delicado, conhecido como “bola ao ar”, e também praticado pelos homens.

Nos anos 1940 e 1950, o rio Potengi não deixou de sediar importantes regatas, quando a diversão da cidade tinha no afluente a sua “praia” oficial, com o Centro Náutico Potengi e o Sport Club Natal sendo as principais referências. O futebol na cidade já era considerado organizado - com os times rivalizando entre si desde seus

⁹⁵ **Tribuna do Norte**, 26.08.1960.

primeiros anos de fundação - como o ABC, que tinha até campo de treinamento próprio. Entretanto, nos anos 1940, a diversão começa a tomar outros espaços, ocupando cada vez mais as ruas dos bairros altos, como as bem traçadas vias de Tirol e Petrópolis.

2.4.1. Os esportes ocupam as ruas

Apesar de os dois bairros terem sido “pensados” à luz das grandes metrópoles estrangeiras e, mais próximas, São Paulo e Rio de Janeiro, então Capital Federal, era notória a lacuna deixada pela falta de espaços públicos para a prática de brincadeiras e também para o esporte. Ademais, estes, quando ocupavam as ruas para estes fins, nem sempre eram permitidos pelos moradores. Crianças e adolescentes soltos nas ruas com uma bola no pé eram, por vezes, sinônimo de desordem, vadiagem e depredação dos imóveis.

Assim, o jornal A Ordem cobrava medidas policiais para as consequências das brincadeiras juvenis.

Famílias residentes na Vila Palatinik [na Avenida Deodoro] pedem, por nosso intermédio, às autoridades policiais, providências no sentido de ser posto termo a desenfreadas práticas de foot-ball naquele logradouro, em plena via pública, danificando as vidraças das casas e molestando as pessoas que ali residem ou que por ali, transitam.⁹⁶

Entretanto, em nível organizacional, era comum as principais ruas de Tirol e Petrópolis servirem de percurso para corridas e modalidades sobre rodas, não importando se o logradouro estava pavimentado ou não. Algumas provas de velocidade física já eram recorrentes nos anos 1940. As mais organizadas, com calendário anual de competição eram a Corrida da Fogueira, que acontecia durante as Festas Juninas⁹⁷ e as preliminares do tradicional certame paulista da “Corrida São Silvestre”. O Aero Clube e a Praça Pio X eram preferidos para marcarem os pontos de saída e chegada, respectivamente.

A infra-estrutura ainda deficiente no quesito pavimentação não diminuía o interesse para a organização desses eventos esportivos. Os trajetos eram distantes; o

⁹⁶ A Ordem, 3.01.1947.

⁹⁷ Sobre as Festas Juninas, trataremos mais adiante em CHIANCA, Luciana de Oliveira. **A Festa do Interior. São João: migração e nostalgia em Natal no século XX.** Natal-RN, EDUFRRN, 2006.

espaço percorrido no começo e fim das provas era simbolizado pelos importantes lugares de sociabilidades das elites, que funcionavam como referência fundamental naquele momento, quando as ruas e avenidas deixavam de ser desbravadas em passeios bucólicos e aventuras para se transformarem em destino a ser vencido por homens e mulheres, numa demonstração de individualidade e força física que não privilegiava gênero. Com um traçado sem tantos desvios, as ruas foram escolhidas para realizar a corrida de bicicletas que reuniu cinco pares, um deles, feminino, que teve a saída na Avenida 15, passando pela Pista até as imediações da Praça Pedro Velho. Motociclistas acompanharam os competidores durante o percurso. A comissão diretora da prova era composta por pessoas como o prefeito Silvio Pedroza⁹⁸, prefeito na época, adepto das práticas esportivas.

Homens e mulheres participavam das corridas de bicicletas. A distância não era empecilho para as jovens atletas, que transformavam “a pista” num grande circuito competitivo com o trajeto sendo o mesmo para ambos os sexos, quando se comemorou a Semana de Economia organizada pela Caixa Econômica Federal. A competição reuniu equipes divididas em três páreos, com grupos masculino (com rapazes de 14 a 18 anos e rapazes acima dos 18) e feminino. O longo percurso em linha reta começava fora dos limites da cidade, na bifurcação para o bairro de Ponta Negra, com a chegada marcada em frente ao estádio Juvenal Lamartine⁹⁹, em Tirol. O esporte veloz tinha público praticante suficiente para ter o seu Clube dos Cliclistas, inaugurado em 1960.

Já se fazia presente o investimento empresarial através de patrocínio, inclusive, de instituições fora deste ramo esportivo. A sociedade de consumo não fazia distinção do que consumia e o mercado se aproveitava desta lacuna para oferecer seus produtos. Não havia a preocupação em aliar a boa saúde aos efeitos nocivos para o corpo e para a mente, do que se consumia. Era comum ver anúncios de bebidas alcoólicas e refrigerantes nos jornais, atraindo consumidores voltados para os ramos esportivos¹⁰⁰.

A pouca quantidade de automóveis de passeio nos anos 1950 em Natal contribuía para a quase inexistência do trânsito da cidade, principalmente no início desta

⁹⁸ **A Ordem**, 18.10.1947.

⁹⁹ **Tribuna do Norte**, 26.10.1952.

¹⁰⁰ **Tribuna do Norte**, 24.06.1960.

década. A tranquilidade de sair às ruas e transformá-las em pista de corrida não causava transtorno, enquanto que a facilidade para empreender tal feito passava ao largo da responsabilidade e dos regimentos das leis de trânsito da época.

Jaeci Emerenciano mostra como esta imagem terminou marcando aquele momento:

Hoje sou tido como um dos mais antigos motociclistas. Tanto eu fiz parte de corrida de automóvel e corrida de bicicleta. A parte de automóvel naquela época (...) Escola Doméstica, até aquela curva da pista, Deodoro, colégio Marista e era o percurso que a gente fazia.

As corridas realizadas durante o dia sem aviso prévio em meio ao incipiente, porém crescente, trânsito, demonstra uma Natal onde a juventude se apoderava da rua para a prática esportiva. A corrida feita em carros particulares de passeio explicitava ainda mais a relação de elite, que se reunia informalmente e ocupava o espaço da rua para realizar seus intentos independentemente das implicações que poderiam ocorrer, pois bastava ter um símbolo de riqueza e exclusividade como o automóvel, juntar os amigos da mesma classe social e fazer e ir às ruas, muitas, naquele tempo, ainda de areia.

As largas e retilíneas ruas e avenidas de Tirol e Petrópolis se consolidaram como ideais para eventos onde as agremiações pudessem desfilar nos seus carros, misto de poder, pompa, exibição, beleza plástica, civismo, educação e esporte. Este último, guardadas as proporções com outros de grande vulto como o Carnaval, levava uma turma jovem e comportada que representava a instituição de ensino nos Jogos Olímpicos Escolares. A Avenida Deodoro, já consolidada para eventos deste porte, era o caminho percorrido. O percurso de 1958 começava na Rádio Poti, indo até o Colégio Marista e voltava; era considerado curto, mas enorme para a época.



FOTO 13 – Desfile dos Jogos Olímpicos Escolares de 1958. O curso e a platéia na Avenida Deodoro. Dirigindo o jeep ornamentado, Henrique Gaspar, futuro presidente do América F. C. Numa hierarquia relacional, aos pobres, cabia compor a assistência. Foto: Luiza Dantas.

A foto acima mostra, além do simbolismo próprio do evento, capaz de levar as pessoas às ruas para verem o cortejo estudantil passar, as relações de uma elite que se entrecruzava durante o decorrer dos anos nos principais espaços sociais da cidade, quando a mulher já usufruía da liberdade de se exibir em público com sua beleza sem, aparentemente, se alvo de sansões pela parcela mais tradicional da cidade.

2.4.2. Futebol – a organização e sucesso do principal esporte masculino

Uma prática social que começou como brincadeira tornou-se o principal esporte masculino praticado em Natal. A década de 1950 consolida o futebol como o maior número de praticantes (oficiais e não-oficiais), a maior quantidade estádios/campos (mais as ruas e a praia), um calendário de competições oficiais e amistosas que traziam para a cidade equipes de outros Estados, as torcidas mais fiéis, e um profissionalismo crescente, que empregava do craque do momento ao massagista.

As partidas mais acirradas, mais frequentes e que recebiam os campeonatos oficiais da cidade aconteciam no Estádio Juvenal Lamartine, na Hermes da Fonseca.

Era lá que ABC F.C. e América F.C. se enfrentaram em diversas finais futebolísticas e onde as principais equipes visitantes exibiam a destreza com a bola no pé.

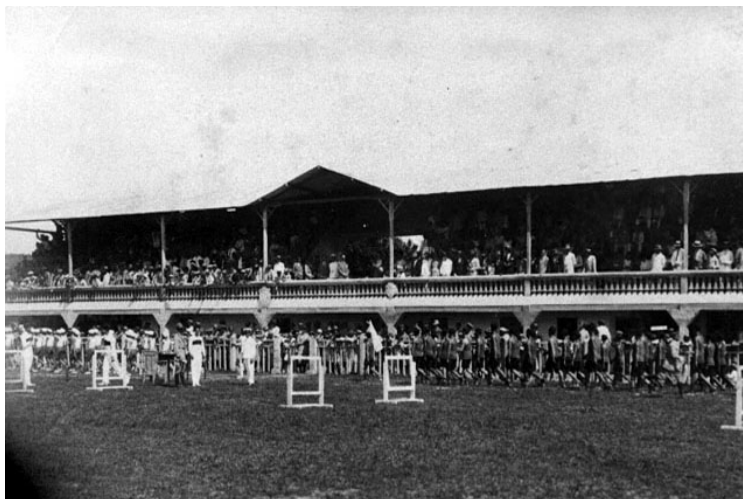


FOTO 14 – O Juvenal Lamartine – um estádio com funções diversas (Fonte: CD - Natal 400 anos)

Em 1945, por exemplo, já era comum haver competições de futebol no Juvenal Lamartine, (e no campo do ABC Futebol Clube, na Rua Potengi em Petrópolis), com a presença, inclusive, de times de outros estados, o que denota uma profissionalização ascendente das equipes locais. Da mesma forma, a vinda de times de fora do Estado mostra que havia interesse de a população prestigiar com sua assistência os embates.

Tido como a principal praça de esportes de Natal, os melhoramentos que recebia eram motivo de comemoração. Um grande investimento ocorrido no estádio em 1946 alterou a rotina e o calendário dos jogos realizados ali. Autoridades, imprensa e convidados do empresário Carlos Lamas testemunharam a primeira experiência – exitosa, conforme comentado à época – com os refletores. A inauguração foi marcada com o Torneio Nordeste de Futebol. Este fato contribuiria, inclusive, para novos costumes locais, pois ampliaria a realização de jogos e outros eventos como mais uma opção de horário, porém, vetando-se a entrada de menores de 10 anos desacompanhados dos pais ou responsáveis nos jogos noturnos.

O investimento representava, também, o fortalecimento da prática esportiva local, contribuindo para haver mais torcida em campo, modificando o uso a cidade

através de um equipamento dos mais significativos daquela época¹⁰¹. Não era incomum a presença de equipes de outros estados em Natal nesta década. Alguns clubes da cidade convidavam representações esportivas de fora, surgindo torneios e amistosos que movimentavam a cena futebolística de Natal.

O futebol atravessa a década de 1940 e chega aos 1960 consolidado no calendário das modalidades esportivas mais prestigiadas, praticadas e organizadas da capital. A grande praça futebolística da cidade continuou sendo o estádio Juvenal Lamartine. Entretanto, Sylvio Pedroza, quando Governador, defendeu por diversos momentos a ideia de se construir um estádio maior e mais equipado na cidade, pois havia quem classificasse o estádio como *ultrapassado*, principalmente pelo crescente e rápido aumento da população, haja vista o aumento demográfico de Natal no pós-Segunda Guerra.

Numa destas oportunidades, aderiu ao projeto do vereador Felizardo Moura, que previa a construção de um estádio no bairro de Mãe Luíza, onde seriam praticadas outras modalidades, principalmente o atletismo, considerado esporte-base¹⁰². A lei que previa a venda de terrenos municipais no referido bairro foi aprovada, e significaria mais arrecadação para os cofres da cidade. Entretanto, o estádio não saiu do papel¹⁰³.

¹⁰¹ A administração municipal de Sylvio Pedroza efetuou melhoramentos em alguns equipamentos esportivos da cidade, como a remodelação das quadras esportivas da Praça Pedro Velho e a construção de um vestuário no mesmo local, Estádium do América F. C., Estádium da Federação Norte-Riograndense de Desportos, sede do Centro Esportivo Feminino, além de reparos e consertos na Praça Pio X, rua Apodi, construção de um paredão de Pedra e de uma cacimba na rua Ceará-Mirim. A Ordem, 17.08.1946.

¹⁰² **Tribuna do Norte**, 31.08.1951.

¹⁰³ Numa reportagem publicada na Tribuna do Norte, dia 19 de agosto de 1953, assinada por Roberval Pinheiro, o Juvenal Lamartine não mais acomodava suficientemente os torcedores (a cidade havia aumentado bastante o número de moradores e, conseqüentemente, dos freqüentadores do estádio; ademais, o equipamento possuía infra-estrutura antiga, tal como as arquibancadas de madeira; era só o campo, sem os demais equipamentos esportivos como pista de corrida, arremesso, dardos, varas, saltos etc). Como alternativa, ele cita o argumento do vereador Felizardo Moura, que informou haver a permuta de um terreno localizado próximo ao Aero Clube doado pelo então Governador Sylvio Pedroza, mais 150 mil cruzeiros doados pela C.B.D., juntamente com um auxílio financeiro do município no valor de 170 mil cruzeiros que, argumentou, juntos sanariam o problema. O prefeito Creso Bezerra vetou a contrapartida do Executivo Municipal. Por sua vez, o então prefeito Wilson Miranda (1954-1956) sinalizou com a ampliação do Juvenal Lamartine; entretanto, devido a um impasse na permuta com outro terreno, de propriedade das freiras salesianas – considerado como mais uma alternativa para a ampliação de 40 metros do estádio, as negociações voltava à estaca-zero (**Tribuna do Norte**, 21.01.1955). Às voltas com a questão de uma nova praça de esportes para a cidade, o governador Sylvio Pedroza, em fim de mandato, no mesmo ano, em entrevista à Tribuna do Norte, afirmou que o estádio seria estadual, construído em Santos Reis, no final da Avenida Circular (também edificada por ele). Financeiramente, era intenção do Governador solicitar crédito à Assembléia Legislativa e propunha usar, em contrapartida, o próprio Juvenal Lamartine ou a renda do loteamento de Mãe Luíza (**Tribuna do Norte**, 15.10.1955). Os

Enquanto as propostas de ampliação do Juvenal Lamartine ou a construção de um novo estádio não saía do papel, a maior praça de esportes de Tirol passou por diversos melhoramentos, feitos pela Federação Norte Riograndense de Desportos. Bebedouros, arquibancada descoberta na lateral do campo, início do calçamento a paralelepípedos, instalação de sanitários na “geral” e reforma dos refletores foram algumas melhorias implementadas em 1955¹⁰⁴. Um completo serviço de alto-falantes atraía diferentes instituições que escolhiam o estádio para a realização de seus eventos, principalmente aquelas que não tinham vínculo com o esporte.

Nos dias de clássico, como um típico ABC e América em 1953, o estádio recebeu uma multidão que lotou suas arquibancadas, cuja assistência foi formada pela presença de senhoritas e das torcidas uniformizadas. O futebol na capital potiguar continuava com o seu calendário a pleno vapor, era um segmento organizado e se constituía, ano após ano, em diversão para ambos os sexos.

Arena com diversos usos, mas principalmente palco para as grandes batalhas do futebol local e interestadual, o Juvenal era uma síntese de como o esporte na capital se profissionalizava, quando o futebol atravessou a década de 1950 como a modalidade que mais movimentava a cidade e requeria infra-estrutura adequada que pudesse sediar os jogos, fez surgir um mercado de contratação de atletas, técnicos e dirigentes. Os jornais locais reservavam páginas fixas dedicadas à editoria de esportes e davam destaque ao futebol citadino e nacional; os atletas potiguares eram tratados como astros pela imprensa local.

O “futebol menor”, espécie de subgrupo que equivalia à segunda-divisão e à rodada suburbana, também tinha seu extenso campeonato anual em Natal. Estas competições também aconteciam no Juvenal Lamartine, do Colégio Marista e do América F.C. Porém, a principal praça era o Estádio Maria Lamas Farache, que era o campo do ABC F.C, na rua Potengi. Este dividia com o Juvenal Lamartine os jogos mais expressivos da cidade.

trabalhos de construção foram iniciados dia 16.10.1955, porém, nossa Pesquisa não encontrou informações sobre a continuidade da edificação, que sabemos não fora concretizada.

¹⁰⁴ **Tribuna do Norte**, 05. 1955.

Além do campo de futebol, a infra-estrutura do Maria Lamas Farache era composta de um local para concentração das equipes e de departamento médico, mais outras seções de apoio. O clube possuía cerca de 300 associados e era considerado como o de maior torcida da cidade, detentor de vários campeonatos futebolísticos e com um patrimônio avaliado em 3 milhões de cruzeiros¹⁰⁵. Entretanto o estádio não oferecia as condições necessárias, para o que se esperava encontrar em uma praça esportiva mais completa, e que pudesse receber jogos mais importantes. Justamente por isto, o clube lançou uma campanha para angariar fundos, em 1951, com vistas à conclusão das obras¹⁰⁶.

A sede social construída em arquitetura com linhas modernistas seria erguida em 1959 e se confirmaria como um dos expoentes das sociabilidades de Petrópolis até o final dos anos 1970, sendo a terceira opção na diversão privada da elite em Tirol e Petrópolis, somando-se o América e o Aero Clube.



FOTO 15 – Três expoentes da educação e do esporte de Natal: em primeiro plano, o Colégio Estadual Atheneu Norte-Riograndense com o ginásio Sylvio Pedroza ao fundo. Na extremidade superior, o estádio Maria Lamas Farache, do ABC F.C. Fonte: CD – Natal 400 anos.

¹⁰⁵ **Tribuna do Norte**, 26.12.1951.

¹⁰⁶ A promoção consistia da venda de cupons para sócios e “simpatizantes”, cujo sorteio era uma “magnífica casa de alvenaria na praia da Redinha”. **Tribuna do Norte**, 04.10.1951.



FOTO 16 – Sede social do ABC F.C. edificada onde funcionou o estádio Maria Lamas Farache. À frente, a Avenida Afonso Pena ainda de barro; ao lado direito do prédio, a Rua Potengi pavimentada. As matinês eram as mais concorridas da cidade. Foto de Jaeci Emerenciano (CD – Natal 400 anos).

Nos 1940, dois esportes eminentemente masculinos passam a ocupar as duas quadras iluminadas da Praça Pedro Velho: o voleibol e basquetebol. Este último começou a progredir quando os rapazes passaram a se reunir com mais frequência para jogar, montando equipes e criando campeonatos informais. A evolução deste costume atraiu times, criando-se um calendário regular com provas que contavam com a presença de equipes da Marinha, Riachuelo, Santa Cruz, e o mais famoso deles: AABB, dos funcionários do Banco do Brasil. Considerado o melhor, levou a prática da praça para sua sede, próxima dali, na Avenida Deodoro da Fonseca, onde os jogos passaram a ser realizados com mais profissionalismo e organização.

Neste período as ruas de Tirol e Petrópolis, da Praça Pedro Velho, do Aero Clube, do América, do Juvenal Lamartine, da AABB e do campo do ABC eram os espaços preferidos para a prática esportiva da cidade, tanto pela quantidade de praticantes, quando de público. A cidade viu se consolidarem novas modalidades e nestas se confirmou a participação de membros da elite – principalmente política – tomando parte das competições - e a oficialização informal dos espaços de suas práticas.

No final da primeira metade da década de 1950, os jogos de basquetebol se transferiram para a primeira grande praça esportiva coberta multiuso da cidade. Construído em Petrópolis, o “*Ginasium*” Governador Sylvio Pedroza, inaugurado no dia 27 de julho de 1954, fazia parte do Instituto de Educação, que reunia o Colégio Estadual

e a Escola Normal de Natal. Fora edificado vizinho ao estádio Maria Lamas Farache e a um quarteirão da Praça Pedro Velho. Na época, a imprensa local classificou-o como um dos equipamentos mais modernos do Norte-Nordeste.

Diversos times de bola ao cesto, tanto locais quanto visitantes, participavam dos principais campeonatos que ali eram realizados. O calendário de competições durava o ano inteiro e firmava o esporte como um dos preferidos da cidade, tendo no Ginásio o principal lugar para a sua prática. O ginásio era utilizado para outros fins, como jantares, festas particulares, concursos de beleza. O palco era outro diferencial da edificação. Entretanto, os esportes atraíam um público numeroso para ver os embates esportivos.

Assim como o basquetebol, outro esporte eminentemente masculino, o futebol-mirim levava para as quadras uma dimensão menor do futebol de campo. A primeira “exibição” na cidade aconteceu na quadra de basquete do América durante as comemorações do seu 38º aniversário. O jogo consistia de duas equipes compostas por cinco componentes, cada. As traves tinham 1.20 metro de comprimento por 80 centímetros de altura, extinguindo oficialmente a figura do goleiro (podendo ser “substituído” por um zagueiro)¹⁰⁷. Logo em seguida, a cidade já contava com um campeonato desta modalidade, com os primeiros jogos sendo realizados no América e depois se estendendo a outros, como o Aero Clube.

¹⁰⁷ **A Ordem**, 10.07.1953.



FOTO 17 – Times de Futebol-Mirim do ABC F.C. e Aero Clube, ano 1954. Na foto, o prefeito Sylvio Pedroza, praticante de diversas modalidades esportivas como voleibol, tênis, esqui no rio Potengi, e aqui, representando o sodalício do Tirol. Fonte: Acervo Arquivo Sylvio Pedroza (ASP), Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza (CDCES) – Fundação José Augusto (FJA).

2.4.3. O esporte branco

Conhecido como “esporte de branco” e “esporte dos reis”, o tênis era praticado individualmente ou em dupla na década de 1940. Configurou-se como uma categoria desportiva restrita às elites, a começar por dois dos seus principais lugares para treinamento e competição, que eram o Aero Clube e o ginásio Sylvio Pedroza (outro era o COBANA, Clube dos Oficiais da Marinha, no bairro do Alecrim). Numa cidade onde o futebol tinha agenda cheia durante a semana e fins de semana, cujos jogos se realizavam em campos e estádios – públicos e privados - da cidade, e o basquete tanto era praticado na praça quanto no ginásio e no clube, o tênis já “nascia” organizado e só era exercitado e praticado nos clubes da elite. As poucas quadras existentes na capital revelavam a exclusividade por um mesmo viés: o número reduzido de praticantes da modalidade em Natal.

Entretanto, foi no pós-Guerra que este esporte de origem européia fez com que os dois principais clubes da cidade investissem em equipamentos esportivos como quadras de tênis. O Aero Clube sediou o Campeonato de Tênis em 1950, que reuniu numerosa e seleta assistência. Quando as duas quadras passaram a ser iluminadas,

ampliou-se a prática do selete esporte e possibilitou uma sociabilidade mais duradoura, principalmente para a platéia, que acompanhavam jogos que duravam até a meia-noite¹⁰⁸. Este investimento feito pelo clube contribuiu para a realização de outros campeonatos da modalidade, que se tornavam cada vez mais frequentes, profissionais e organizados.

Entretanto, há de se fazer uma relação entre os lugares onde se realizavam os campeonatos de outros esportes, considerados violentos. A maioria dos confrontos aconteciam nos ringues de clubes mais populares, com menos rigidez na aceitação dos sócios e mistura de classes sociais menos abastadas. Um dos preferidos na cidade foi o Brasil Clube, em Tirol. Com a entrada franca para os eventos, reunia mocinhas mais “liberais” em seus bailes e era onde se disputava a maioria dos confrontos das artes marciais, em contrapartida às modalidades elitizadas como o tênis e o arco e flecha, que embora acontecessem no mesmo bairro, se realizavam nos clubes da elite.

2.5. A juventude vai ao cinema

Após a tensão que a Segunda Guerra Mundial causou na cidade por conta de prováveis ataques dos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), intensificou-se uma prática social já em voga desde o início do século XX e que se converte um dos maiores sinônimos de diversão em Natal após a saída das forças americanas com o fim do conflito: o cinema. A presença de grandes salas de exibição e o fascínio exercido pelo faroeste e amores impossíveis interpretados pelos galãs e mocinhas de Hollywood, faz da Sétima Arte uma das diversões preferidas pelo natalense.

Com o cinema, um mundo novo se mostrava na tela. Safáris na África, espiões sedutores, piratas, vinganças, heróis, donzelas em apuros, *gângsters*, *thrillers*, temas religiosos, musicais, comédias, quase sua totalidade americanos, exibidos regularmente em Natal. Era diversão e consumo para toda a família, que compartilhava da experiência de vivenciar situações e emoções sob a ótica da ficção. Nos anos 1950, a juventude tinha no cinema uma forma de exercitar a liberdade. No caso do público feminino,

¹⁰⁸ **Tribuna do Norte**, 12.1954.

diferentemente de como ainda acontecia com bailes noturnos nos clubes, já era possível frequentar as salas sem a obrigatoriedade de um acompanhante responsável.

Nesta década, a cidade tinha seis salas de exibições, com programação semanal regular, anúncio em jornais, coluna específica sobre o tema. Em 1950, os natalenses tinham como opções o Rex, o São Luiz, São Pedro, o Cine Alecrim e o Cine Popular. Naquele ano, surgia na cidade o Cine Rio Grande, classificado como uma das mais modernas e importantes construções da América do Sul, segundo o jornal A Ordem.

Inaugurada no dia 11 de fevereiro de 1949, a sala de exibições cinematográficas ocupava um majestoso prédio de esquina entre a Rua Açu e a Avenida Deodoro da Fonseca, bem ao lado da praça Pio X. O edifício era tido como uma mostra do progresso urbanístico que acontecia na cidade atestado pelo projeto arquitetônico e tamanho da edificação. Os equipamentos internos eram outro diferencial do cinema. Além de uma moderna aparelhagem de som e imagem, o conforto da platéia fora levando em conta pelos construtores: um sistema de ventilação que o tornava diferente das outras casas de exibição de Natal e a disposição de 1.600 poltronas estofadas¹⁰⁹.

A importância dessas instituições como opção de lazer da cidade se fazia notar pela frequência dos anúncios e das colunas em jornal, o que denotava haver público suficiente para as salas de exibição. Além disto, havia opções de horários distintos. A matinal, que no Rio Grande começava às 9h30, e as sessões contínuas, a partir das 13h30 horas; as *matinéés* às 15h30 e *soirées* às 20 horas. Era divulgada vasta programação semanal nas páginas da Tribuna do Norte.

A oferta de horários estimulava estudantes como Nilda Cunha Lima, que saía de casa caminhando pela Avenida Deodoro e ia ao Rio Grande sozinha à tarde (à noite, só em companhia do pai). O escurinho do cinema era o lugar ideal para o primeiro beijo, quando os casais ficavam mais à vontade para exprimir um afeto mais íntimo na parte superior da sala, mais reservada e com menos cadeiras. Muitos romances nasceram durante as projeções.

O cinema [Rio Grande] enchia, né? Eu sempre fui um amante do cinema. Conheci minha mulher no Rio Grande... [19]62, por aí, num

¹⁰⁹ **A Ordem**, 11.02.1949.

filme de Vicent Price, de terror... ela sentou atrás de mim... com a colega do Colégio Imaculada Conceição”

Dorian Gray

Assim como as arenas de esportes eram multiuso, o mesmo aconteceu com o Rio Grande. A carência de palcos na cidade transformava-os em cines-teatros e locais para competições esportivas. Entretanto, foi por seu palco que passaram artistas internacionais e nacionais, que desfilaram as mais belas garotas nos concursos de Miss. Diante dele, a elite assistia às sessões, ponto de encontro da juventude endinheirada da cidade - era o mais caro de todas as salas de exibição da cidade em 1952.

Em virtude do alto preço cobrado na bilheteria e por ser uma das diversões prediletas, a classe estudantil ameaçou depredar as salas da cidade devido ao aumento do ingresso, programado para o dia 15 de março de 1952, um sábado. A intenção foi devidamente publicada em nota oficial do delegado da Ordem Social, na Tribuna do Norte, informando que iria advertir energicamente os baderneiros. Entretanto, no dia programado, as arruaças não se concretizaram.

A plateia juvenil, vez por outra, promovia tumultos dentro da sala de cinema. Estas amostras de desordem, vez por outra, entravam em cartaz nos comentários dos jornais. Algumas vezes, era necessária a presença da Delegacia da Ordem Social, a Polícia de Costumes, para coibir os abusos praticados por jovens rapazes da sociedade, inclusive, “imoralidades” proferidas pelos mais “engraçados” durante as exhibições:

(...) Nas sessões vespertinas do Rio Grande e Rex [cinema localizado na avenida Rio Branco, bairro da Cidade Alta], os ‘humoristas’ transformam aquelas casas num ambiente de anarquia, chegando ao ponto de os freqüentadores deixarem a sala de projeção antes do termino.¹¹⁰

O Festival de Cinemascope do Rio Grande do Norte confirmava o Cine da Avenida Deodoro como umas das mais importantes casas de espetáculos da cidade, apresentando à sociedade a novidade da indústria cinematográfica. Estimando um público maior, a organização do evento baixou o preço dos ingressos para estudantes e crianças, nas sessões das 9h30 e 14 horas¹¹¹, ampliando a oportunidade de escolha das pessoas.

¹¹⁰ **Tribuna do Norte**, 05.02.1955.

¹¹¹ **Tribuna do Norte**, 28.10.1955.

Nos anos 1950, os filmes americanos continuam ocupando a programação do Rio Grande, embora a produção nacional com o humor burlesco das chanchadas da Atlântida Filmes trouxesse para a tela as comédias com Grande Otelo e Oscarito, um grande sucesso de público. Os filmes “proibidos” eram exibidos tarde da noite. Nem todas as mocinhas assistiram “A um passo da eternidade”, produção americana de 1953, considerada um escândalo na época por conta do tórrido beijo da atriz Deborah Kerr e Burt Lancaster na praia. Os rapazes “maiores de 21 anos” puderam assistir em sessão única “Veneno Lento”, filme com conteúdo adulto que levou ao cinema uma plateia eminentemente masculina, assim relembram Carlos e Fred Sizenando:

Uma multidão impressionante já os aguardava em frente ao Rio Grande. Era ‘macho demais’ se acotovelando nas filas – que filas? – em busca de um ingresso, muita confusão. No empurra-empurra, os três se separaram. Algum tempo depois, Sizenando viu por entre cabeças, ombros e solavancos, lá na frente quando João Peixoto, já sem camisa, conseguiu entrar no cinema. Não sem antes acertar um murro no queixo de um desconhecido que tentara bater-lhe a carteira. A dentadura voou longe e foi pisoteada pela multidão¹¹²

A diversificação dos gêneros dos filmes e uma programação semanal com diversas sessões contribuíam para sedimentar o costume de ir ao cinema. Os rapazes com seus ternos e as moças com vestidos caprichados. A classificação etária estava ligada ao conteúdo, mas não era suficiente para se alertar sobre as cenas impróprias, ao menos na interpretação da Igreja católica, classificava se o filme era recomendável ou não. Para ela, o cinema poderia ser usado tanto para o mal quanto para o bem. Quase sempre, enxergavam-se influências negativas nas películas, que atentavam ao pudor e à moral, com muitos filmes não sendo recomendados – principalmente para as chamadas “classes menos letradas”, ou seja, o povo, como mostra uma nota do Papa Pio X publicada em A Ordem:

E o mais lastimável é que o cinema nem sempre venha desenvolver bons sentimentos, mas, ao contrário, se apegue muitas vezes a endeusar vícios, erros e crimes. É muito comum o cinema atentar contra a família [...]. Ele propaga o *flirt*, o amor livre, o adultério, o divórcio. Dir-se-ia mesmo, que para muitos filmes não há o lar constituído e muito menos com filhos [...]. Muito rapaz, muita moça, muito senhor e muita senhora, vão achando aquelas coisas naturais. Vão depois, imitando

¹¹² PINHEIRO, Carlos. S. R.; PINHEIRO, Fred. S. R. **Dos bondes ao hippie drive-in**: fragmentos do cotidiano na cidade do Natal. Natal, RN: EDUFRN, 2009.

aqueles protagonistas. E a família e a hora são os maiores prejudicados¹¹³

Embora publicasse anúncios de cinemas da cidade, O jornal A Ordem seguia a linha editorial em voga no País e no exterior fazendo pequenas resenhas dos filmes. Eximia-se, entretanto, da responsabilidade de concordar ou recomendá-los, visto que, a quase totalidade das películas comentadas que estavam em cartaz tinha alguma cena imprópria.



FOTO 18 – O imponente prédio do Cine Rio Grande. Atrás dele, o Centro Social Divina Providência. Em primeiro plano, à direita, a Praça Pio X. A linha do bonde que ia para Petrópolis passava à frente. Foto: Jaeci Emerenciano.

Apesar das tentativas católicas de por em xeque a grande maioria do conteúdo dos filmes, e mesmo ainda não existindo o Cine Rio Grande, esta prática não desestimulava o público, que só crescia nos anos seguintes. Ir ao cinema tornava-se uma diversão a partir da qual se podiam vivenciar experiências privadas fora da própria casa, e, muitas vezes, o que não era permitido em público se praticava no escurinho durante a projeção. No cinema era possível viver sonhos, assumir papéis e encarnar situações impossíveis de se vivenciar na realidade, principalmente numa cidade como Natal, onde ainda se “conhecia o outro” de vista, numa manipulação simbólica que contribuía para desenrolar as relações sociais.

No Capítulo 3, a diversão ocupa as ruas e os clubes da elite de Tirol e Petrópolis, com o público e o privado delimitando os seus papéis na festa mais popular do País, o

¹¹³ A Ordem, 19.02.1947.

Carnaval. Veremos que os desfiles cívico-militares se consolidam como a segunda maior manifestação de rua na cidade, a beleza feminina como consumo e a dessacralização dos rituais religiosos abrindo espaço para o profano.

Capítulo 3

Brotos e juventudes: lugar e espaço na sociedade local

O fortalecimento das práticas sociais no decorrer do século XX teve na juventude uma participação efetiva na consolidação de uma participação juvenil voltada para o prazer, num momento quando há uma intensidade na valorização da imagem, ao mesmo tempo em que a ocupação dos espaços públicos e privados mantém suas regras repletas de códigos de conduta comportamentais, cívicos ou religiosos. Nesse cenário, o Carnaval afirma-se como a festa mais importante da cidade, ocupando ruas e avenidas, elegendo o corso e os bailes nos clubes da elite como exemplos máximos para a representação desta felicidade.

Esta liberdade não era livre de sanções. Na rua ou no clube, os códigos sociais, religiosos e militares tentavam dar ordem à diversão (o que não diminuía a participação e efusividade na festa). Da mesma forma, havia toda uma reverência característica ao evento cívico de comemoração da Semana da Pátria, no qual o respeito e a ordem às instituições militares e escolares eram nítidos. Considerada o segundo maior evento de rua de Natal, os desfiles de 7 de Setembro também levavam milhares de cidadãos à Avenida Deodoro, principal artéria do cortejo, para verem perfilados o poderio militar e as escolas, que tinham um horário à parte para sair às ruas, tal a importância da educação na formação dos cidadãos, tão representativa naquele momento.

A participação feminina na sociedade tem no culto à perfeição física a continuidade dos concursos de beleza, ainda na década de 1920¹¹⁴, e atingem sua expressão máxima nos anos 1950. Em Natal, as garotas de *sociedade* concorriam em concursos de Miss que movimentavam o principal cinema, ginásio e clubes. A emergência das festas de Debutantes (realizada em grupo) e a comemoração dos 15 Anos (que aconteciam individualmente em casa e/ou no clube) reuniam a fina-flor de uma sociedade que se via representada naquelas meninas-moças em momentos artísticos e de glamour.

A festa profana tomando cada vez mais espaço nos eventos sagrados conta com a participação efetiva da juventude natalense, principalmente quando as festas religiosas não mais se restringem à procissão ou aos novenários, passando a ocupar as ruas e clubes com quermesses, quadrilhas juninas, concursos de forró, barracas de jogos,

¹¹⁴ MARINHO, Márcia. Id., *ibid.*, p. 100.

apresentações de arte. O São João no Aero Clube e a Festa de Santa Terezinha, ambas no Tirol, retratam estas apropriações na religiosidade pela diversão.

3.1. Abram alas para o Carnaval

Enquanto sansões aconteciam no Carnaval da Capital Federal¹¹⁵, e embora Natal continuasse vivenciando o difícil momento da Segunda Guerra Mundial como participante ativa, a festa não deixou de acontecer na cidade, afinal, era o seu grande acontecimento, o que levava milhares de foliões às ruas e aos clubes, sejam como espectadores ou ativos brincantes. Diferentemente de outra grande manifestação popular, como o desfile de 7 de Setembro, era esta possibilidade de se expressar espontaneamente, fora da “rigidez” cívica tão respeitosa às Forças Armadas e mesmo ao próprio desfile escolar. Naqueles quatro dias de muita música, fantasias, lança-perfume e liberdade, o folião era a personagem principal.

Na capital potiguar, essa festa tomava rumos próprios, mas não deixava de acontecer no Alecrim, Vila Naval, Rocas, Quintas, Cidade Alta e Ribeira (Pedreira, 2005). Os pracinhas tinham seus clubes privados: os *United Service Organization* (ou USO's, como eram chamados); no *Beach Club*, em Petrópolis, só freqüentavam os oficiais e os expoentes mais abastados da cidade. Mais popular, a Ribeira era a sede do *Town Club*, destinada às patentes menores.

Os militares americanos faziam apresentações musicais abertas para o público local. As orquestras estadunidenses davam o seu show nas praças da cidade, enquanto o Carnaval fechado acontecia nos clubes. A população também tinha outras opções, que poderiam ser o desfile na Tavares de Lira e os bailes no chique Grande Hotel, ambos na Ribeira. Na Cidade Alta aconteciam diversas manifestações festivas, como a famosa guerra de confetes e os desfiles de corsos, tendo como um dos palcos para a diversão popular o Grande Ponto, atual Praça Kennedy, na Avenida Rio Branco.

A guerra acontecia intercontinentalmente, mas aqui, algumas vezes, as relações também não eram tão amistosas entre locais e “passantes”. A convivência não era, de

¹¹⁵ PEDREIRA, Flávia de S. **Chiclete eu Misturo com Banana**: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal. Natal, RN – EDUFRN – Editora da UFRN, 2005, p. 237.

todo, pacífica, e isto servia para chamar a atenção dos lugares de diversão na cidade frequentados tanto por locais e quanto por estrangeiros, principalmente porque os ritmos importados eram ouvidos em muitos estabelecimentos, fazendo nascer o questionamento de que o Carnaval legitimava, segundo Pedreira, a nossa “pretensa identidade nacional”¹¹⁶.

A historiadora registra que houve diversos casos de conflitos envolvendo potiguares e americanos durante o Carnaval na capital potiguar. Os “assaltos” nas residências (visitas programadas dos blocos às casas) tomaram em algumas ocasiões a feição da bandidagem, passando a ser proibidos. Porém, a tensão com a iminência de um ataque a Natal ou um combate no seu território, não foi suficiente para o entrudo perder o brilho. Quando o conflito chegou ao fim, a população foi às ruas comemorar novos tempos de paz e esperança com muito empenho.

Pra mim e melhor festa foi a dos Carnavais, eram festas maravilhosas nos anos 40; durante a Guerra foi maravilhoso. Me lembro o Carnaval de 45... *ou* Carnaval bom danado (...) O Carnaval de 46, a Guerra já tinha terminado e o povo ainda na euforia (...) O primeiro Carnaval depois aí foi um festão.

Pery Lamartine

Uma grande mudança deu novo rumo ao Carnaval de rua de Natal. O ponto alto era o desfile, que tinha a avenida Rio Branco, na Cidade Alta, como lugar principal para o desfile de carros e blocos. Após anos acontecendo nesta artéria, foi transferido, em 1952, para a avenida Deodoro da Fonseca, num trecho que se alongava do Tirol a Petrópolis. Esta era considerada mais larga, porém, sem tantos estabelecimentos comerciais que servissem de apoio – para a venda de bebida alcoólica, principalmente – para a multidão festeira, já acostumada ao trajeto anterior.

Tal mudança no caminho do curso causou polêmica entre os foliões e comerciantes. A princípio, tratado como um boato que logo depois se confirmou, daria outra feição a este festejo popular. Ademais, era uma mudança que não se limitava apenas à troca de avenidas e de percurso, mas trazia outras implicações, como para o comércio – ou a falta dele. Esta nova proposta não obteve apoio maciço da população, principalmente, a princípio, para a maioria dos foliões, por se tratar de uma área ainda “nova”, calma, ampla, “afastada” do centro e não totalmente iluminada.

¹¹⁶ PEDREIRA, Id. p.276.

Outros argumentos contrários, por exemplo, valiam-se da topografia de um determinado trecho da Avenida Deodoro, mais precisamente entre ela e as ruas Seridó e Manoel Dantas, onde existia uma depressão. Havia o receio de faltar breque nos carros, o que obrigaria ao uso do freio de mão. Imaginava-se o perigo a que poderiam ser expostas as pessoas que iriam em cima dos automóveis durante o corso.

Apesar das incertezas que se formavam em torno de tanta novidade no Carnaval de Natal provocadas por conta da mudança do itinerário do desfile, o comércio investiu em produtos para serem comercializados especificamente durante a festa. O posto de propaganda Cinzano, instalado anexo ao Cinema Rio Grande, distribuiu gratuitamente durante os três dias de folia doses de vermute e gin, apesar do boato de que a cerveja estaria em falta, o que não se concretizou. Entretanto, a mudança do percurso interferiu nos valor dos itens, e alguns estabelecimentos chegaram a baixar o preço da cerveja. De acordo com a imprensa, o aumento do preço do entorpecente lança-perfume, que era usado indiscriminada e livremente, e de artigos carnavalescos, contribuiu para a pouca animação das ruas.

Parte da imprensa local assumia a postura contrária à mudança, passando a publicar uma série de depoimentos de pessoas importantes da cidade acerca da nova proposta¹¹⁷. Entretanto, a participação popular, em 1952, no sábado de Carnaval, no início da manhã, registrou pequenas troças e automóveis alegóricos, com o movimento aumentando no período da tarde. À noite, alguns blocos foram às ruas, juntando-se ao corso organizado pelas autoridades policiais em desfile pela Avenida Deodoro. Naquele ano, as controvérsias relacionadas à troca das avenidas traduziam o “comportamento” dos foliões, conforme observou um jornalista: “Notava-se aqui e acolá um certo constrangimento e desânimo em muitas pessoas, que sómente a custo se conformaram com a mudança procedida pela polícia (...)”¹¹⁸.

¹¹⁷ Por diversas vezes, a Tribuna do Norte assumiu a preferência do trajeto anterior, já consolidado, como o ideal para o desfile do corso e dos blocos em 1952.

¹¹⁸ **Tribuna do Norte**, 24.02.1952.

Entretanto, num aspecto geral, de acordo com o jornal Tribuna do Norte, o Carnaval de rua deste ano foi um “absoluto fracasso”¹¹⁹. Uma das causas apontadas pelo periódico foi a grande extensão da Avenida Deodoro e a iluminação insuficiente:

(...) e nem por isso o povo da rua que é quem faz o melhor carnaval se animou. Vimos foi um povo frio quase indiferente perdido na Avenida (...) ¹²⁰

O sentimento de liberdade misturava-se à felicidade dos foliões, que pareciam não se importar com as condições físicas por onde o desfile passava. O Carnaval entrou no seu segundo ano com a avenida esburacada, lixo, animais fétidos, poeira¹²¹. A desorganização do curso na Deodoro, o baixo número de automóveis participantes, a iluminação deficiente e a fraca ornamentação foram algumas reclamações da festa.

Apesar das dúvidas geradas com a mudança, a rua continuava exercendo o fascínio para curtir a folia na capital. A festa, consolidada, envolvia pessoas, agremiações, concurso, e confirmava a predileção do natalense pela data. A despeito do “esperado” aumento de preço dos artigos mais utilizados, como o lança-perfume, o confete e a serpentina – limitando a compra para quem podia pagar -, a cidade vivia o clima festeiro já em janeiro:

(...) todos os recantos da cidade já ressoam as batucadas, os clubes e as escolas de samba que se apresentam para a grande temporada. O natalense, confirmando a ‘tara’ vai sair á rua, em blocos e troças, pulando e gritando, cantando e batucando, num carnaval que marcará época (...) ¹²².

Uma “féérica iluminação” fora instalada entre as Ruas Apodi e Manoel Dantas – ou seja, em quase toda a extensão da Avenida Deodoro, numa determinação do prefeito Creso Bezerra. À polícia, caberia a função de colocar a ordem¹²³. A coluna “Carnaval – Festa do Povo” publicou a importância do investimento em infra-estrutura naquele momento:

¹¹⁹ **Tribuna do Norte**, 28.02.1952.

¹²⁰ **Tribuna do Norte** Id.

¹²¹ **Tribuna do Norte**, 21.02.1954.

¹²² **Tribuna do Norte**, 24.01.1954.

¹²³ Naquele ano, a imprensa publicava que havia pouco estoque de lança-perfume na cidade, o que contribuiria para que fossem praticados “preços astronômicos” na comercialização do produto. **Tribuna do Norte**, 01.02.1953.

É inegavelmente a Avenida Deodoro, a nossa principal artéria, o local mais apropriado para a realização do tradicional curso carnavalesco. Merece elogios a medida da Prefeitura, providenciando nos primeiros dias da semana, o conserto do calçamento em alguns pontos da avenida¹²⁴.

O desfile do sábado gordo foi organizado pela Federação Carnavalesca. De acordo com essa coluna jornalística, “mais de duas dezenas de blocos, ranchos e escolas de samba tomaram parte no desfile”¹²⁵.

Por outro lado, a mudança do trajeto foi recebida tão negativamente por determinado segmento da sociedade que ainda colocaria em xeque o sucesso do Carnaval de Natal. Por isto mesmo, tal otimismo não foi compartilhado por outro ponto de vista publicado por outra edição da Tribuna do Norte, com o título “Será que houve mesmo carnaval?”, na reportagem assinada por Francisco Macedo,

(...) Os clubes, blocos, troças, escolas de samba, ranchos, etc., praticamente elipsaram-se. Apenas um ou outro, marcando o passo quase que em cadência marcial, se dispuseram a atrair os olhares dos espectadores da Deodoro. O curso não valeu a pena ser visto. Pouca movimentação e nenhum atrativo. Apenas os ‘Deliciosos na Folia’ apresentaram algo de original (...) ¹²⁶

Entretanto, as fantasias originais e o ritmo do batuque ainda transformavam o curso no maior acontecimento popular da cidade. A lembrança daqueles momentos ainda é viva para quem ia às ruas, cada qual que dava o seu significado pessoal ao momento, dependendo de qual lado estivesse: na calçada ou desfilando nos automóveis.

Tava todo mundo na rua, rapazes e moças. Naquele tempo rapazes não tinham carro não. Só tinha um carro na família pessoas mais abastadas.

Nilda Cunha Lima

A rua corroborava para bem-receber o encantamento de sair em posição de destaque durante o curso. Diferentemente de quem assistia ao espetáculo das calçadas, sair nos carros poderia ser, para alguns, um momento mágico, uma espécie de conagração mesmo se apresentando realidades e visões distintas:

¹²⁴ **Tribuna do Norte**, 15.02.1953.

¹²⁵ **Tribuna do Norte**, Id.

¹²⁶ **Tribuna do Norte**, 19.02.1954.

(...) eu e as mocinhas *tudo* em cima dos carros, fantasiadas, muito confete, muitas serpentinas, muita lança-perfume, e tinha uns blocos que era da alta sociedade, dos rapazes, “Os Cafajestes”, que hoje a maioria é tudo médico (...) [Ia no] carro do meu irmão, que era muito vaidoso... era uma época linda, muito bonita, linda, linda, linda...

Luiza Dantas

Os foliões que participavam do desfile teriam de cumprir algumas exigências feitas pela administração municipal e pela entidade responsável pela organização da festa, no caso, a Federação Carnavalesca. Os donos dos automóveis deveriam se inscrever na Inspetoria de Trânsito da capital. Além de interditar importantes ruas da cidade, o Carnaval também modificava o itinerário dos transportes coletivos, que tinham suas linhas alteradas por conta da folia. Emergencialmente, novas praças de táxi eram criadas. Em ambos os casos, Petrópolis e Tirol “se enquadravam” na Portaria da Inspetoria.

Da Avenida Deodoro à Rua João Pessoa, na Cidade Alta, trecho obrigatório do percurso era enfeitado com cordões de luzes “pisca-pisca”. Um palco em cada artéria funcionou nos dias de festa; orquestra de frevo tocava das 19:00 às 22:30h. Bonecos de madeira desenhados pelo pintor Souza Lima foram afixados em postes por onde o curso e os blocos passavam; nesse ano, trinta e nove agremiações carnavalescas desfilaram pela Avenida Deodoro¹²⁷. A apresentação era analisada por uma comissão julgadora, que premiava com taças aqueles que mais se destacavam.

A animação saía dos domínios de Tirol e Petrópolis e reunia muita gente nas ruas do bairro do Alecrim, famosas por suas batalhas. Era lá que o período pré-carnavalesco reunia grande parte das agremiações da cidade. O Carnaval do bairro das Rocas, embora famoso pelas suas manifestações populares - como as tribos de índio e escolas de samba - com direito a palanques e iluminação especial durante os dias de folia, não deixava de ser classificado como “festa de pobre”¹²⁸, talvez por ser vizinho à Ribeira, bairro que teve por um bom tempo uma rixa com a Cidade Alta, conforme vimos no início desta Pesquisa.

¹²⁷ **Tribuna do Norte**, 27.02.1960 (O jornal A Ordem em edição do mesmo dia, informava que 35 blocos já haviam feito as inscrições na Federação Carnavalesca, dia sete do corrente mês).

¹²⁸ **Tribuna do Norte**, 18.02.1955.

3.1.1. Carnaval – Festa vigiada

O carro-chefe do Carnaval, a música, era item indispensável na folia. No clube ou na rua, as marchinhas, sambas, variavam de temas inocentes à malícia. A variedade dos assuntos nas letras instigava a imaginação e desafiava as “leis” com seu conteúdo provocativo, malicioso e de duplo-sentido, tornando-se alvo das proibições do Serviço de Censura das Diversões Públicas, localizado no Rio de Janeiro, cujas ações reverberavam por aqui.

Bem antes de se iniciar a folia de 1953, no mês de novembro do ano anterior, o serviço baixou portaria interditando diversas músicas, seja pelo título, pronúncia “duvidosa” ou pela “inconveniência” da letra. O chefe da SCDP recomendou às gravadoras da capital do país e dos Estados,

submeterem á Censura prévia as letras dos discos que pretenderem gravar, bem como quando, e se julga em necessário, solicitar a presença de um funcionário do Serviço de Censura das Diversões Públicas, para opinar sobre gravações, no ato de sua realização, ou então logo após (...) ¹²⁹

Assim, foram vetadas por inconveniência de título “Filho da Pulga”, de J. Piedade; por defeito de pronúncia “A se escondeu”, de Alcebides Nogueira e Norval Rios; pela letra, “Voltinha da Maçã”, de Manezinho Araujo e Carvalinho, “Bá, ba, ba, Babando”, de Antonio Luis e “Estou Ficando Doida”, de Romeu Gentil e Paquito, além de outros exemplos¹³⁰. Tal produção fonográfica não poderia ser tocada na televisão, nem nos bailes públicos, tampouco em locais que tivessem acesso do público.

A entidade responsável pela ordem e organização do Carnaval de Natal era a Federação Carnavalesca. As instruções deveriam seguir as regras prescritas pela Chefia de Polícia. Havia inscrições e alvarás a serem preenchidos pelos donos de veículos que desejassem esbanjar alegria com seus convidados em cima dos automóveis. Também não era permitido, por exemplo, o uso de máscaras após as 22 horas, assim como, entoar hinos nacionais e sacros nas ruas¹³¹.

¹²⁹ **Tribuna do Norte**, 28.11.1952.

¹³⁰ **Tribuna do Norte**, Id.

¹³¹ Neste ano, os alvarás foram exigidos para diversos “conjuntos”, que dão uma idéia de quão diversificadas elas eram. Assim, a documentação chegou para os Índios Potiguaras, Jardim de Infância, Índios Guaicurus, Clube os Remadores, Índios Pele Vermelha, Ferroviários no Samba, Conjunto Asa Branca, Diabos na Quadriga, Pioneiros do Samba, Sebastiana e Januário, Ases da Folia, Corsários do Amor, Aí vem a Marinha, América Futebol Clube, Ases do Ritmo, Escola de Samba Turma do Morro,

A censura municipal ia de encontro à liberdade do folião. A festa, que era sinônimo de liberdade, acontecia em lugares públicos e privados de Natal regidos, cada qual, por suas leis. A julgar pelo espírito da comemoração, o folião sentia-se à vontade para transbordar felicidade. Sozinho ou em grupo, elegia seus espaços preferidos e usufruía deles como melhor lhe conviesse. Mas para que se pudesse aproveitar plenamente, outras regras deveriam ser seguidas em prol da ordem e da boa convivência, seja em lugares públicos ou privados.

Desse modo, não bastava apenas ser sócio para ter acesso às dependências dos clubes da cidade em dias de festa momesca. Além da imposição do traje (alguns clubes ditavam o que vestir para se ter acesso às suas dependências), fazia-se uma série de exigências para os foliões. Os regimentos internos não faziam jus ao propósito libertário da festa e refletiam uma liberdade vigiada, visto que não era permitido desviar-se do que se esperava de pessoas de tão boa estirpe, tanto no comportamento, quanto na vestimenta.

Porém, em alguns casos, como os dois principais clubes elitizados – o Aero Clube e o América - não bastava pagar para ter acesso à festa. No Carnaval do Aero Clube de 1952, que foi antecipado com o primeiro “Assustado”, os foliões poderiam *optar* por vestir os trajes passeio ou esporte, necessários para adentrar às suas dependências¹³². No mesmo ano, o América Futebol Clube realizou diversos bailes noturnos e *matinéés* destinadas aos filhos dos sócios; para seu Baile de Máscaras, as exigências eram: traje a rigor, meia máscara ou fantasia de luxo como passaportes para a folia.

Assim como acontecia com o ordenamento e as mudanças no trânsito durante os desfiles de Carnaval, nas ruas e avenidas de Natal, a Portaria era o instrumento jurídico usado para coibir a presença do público menor de idade e atos que envolviam o consumo de bebida alcoólica (ou se o adolescente estava acompanhado por algum responsável). Percebia-se, claramente, que era uma forma de garantir que os jovens não fossem prejudicados na sua formação moral.

Aero Clube do Rio Grande do Norte, Índios Guaranis, Boi do Rei, Índios Aimorés, Garotas no Folia e Nacional na Folia. Todas desfilavam pela avenida Rio Branco, rua João Pessoa, Avenida Deodoro e retornavam até encontrar a rua Ulisses Caldas, e concorriam a prêmios. **Tribuna do Norte**, 20.02.1955.

¹³² **Tribuna do Norte**, 27.01.1952.

Dessa forma, nos bailes, proibia-se o acesso de quem tivesse menos de 18 anos e o consumo de álcool por eles era ato passível de multa para quem comercializasse. Esta proibição teria desdobramentos nos anos seguintes. Nos bailes públicos realizados em “cabarés” e “cafés concerto”, a entrada só era permitida para quem fosse maior de 21 anos.

Os anos passavam e a Portaria continuava focando principalmente os bailes que duravam até altas horas da noite, mais os cordões e blocos carnavalescos¹³³. Além da bebida alcoólica, tornava-se comum o uso de éter no Carnaval. O combate ao consumo de substâncias como esta dentro do salão fazia-se intensamente. Esta medida era carregada de simbolismo. O comportamento do folião que era flagrado não harmonizava com o dos demais sócios, também considerados da melhor sociedade, além do que, considerava-se o ato deselegante.

3.1.2. Música e lança-perfume no rastro da festa

Para prever a situação que se avizinhava com o Carnaval, a diretoria do Aero Clube prometia punir o associado pego em flagrante inalando éter aplicando-lhe a suspensão, que poderia durar um mês inteiro. Como medida de disciplinamento, a Direção publicou um comunicado em que um dos itens visava a “suspender por 90 dias os associados portadores das carteiras [especifica numericamente], por terem sido encontrados inalando éter (...)”¹³⁴.

Mesmo com a retaliação, o consumo se fazia presente e era mola propulsora para aumentar a alegria, conforme se vê nos versos do jornalista Berilo Wanderley, publicados na Tribuna do Norte em 1955:

“Carnavalescos”
“Dá-me um beijo. Toma éter. Não faz mal...
Tudo é possível neste carnaval,

¹³³ A presença de crianças que “não contavam com mais de 12 anos” no desfile noturno do tradicional bloco dos “Índios” era alvo da Portaria. Urgia saber se a agremiação cumpria as ordens do Juiz de Menores, visto que, “os pequenos ‘peles vermelha’ pulavam durante todo o percurso, num exercício estafante e prejudicial á saúde”; no dia 01 de fevereiro, selavam-se a Lei com a publicação da Portaria I-947, que também proibia a presença de menores de 14 anos em “Cordões” e “Ranchos Carnavalescos”, as Vesperais Infantis deveriam terminar às 20 horas (os foliões de até 14 anos só poderiam tomar parte da folia acompanhados dos pais ou responsáveis). **A Ordem**, 31.01.1947.

¹³⁴ **Tribuna do Norte**, 27.01.1952.

Quando a Virtude oscila, mas não cáí...
Brinquemos, sem vexame e sem canseira,
E deixa que, depois, na quarta-feira,
Irei ajustar contas com teu pai...”

O consumo de substâncias psicotrópicas nas dependências dos clubes torna-se cada vez mais usual. Ironicamente, até mesmo o Chefe de Polícia, de quem se esperaria um comportamento exemplar, que fora surpreendido inspirando éter durante baile no América¹³⁵, outro clube que proibia a inalação desse líquido.

O lança-perfume, entorpecente feito à base de éter, livremente usado nas ruas e nos clubes, era consumido por jovens e adultos. O usar em questão, nem sempre significava inalar, pelo menos não se assumia “abertamente” em público. A brincadeira era mirar no outro folião, provocando, por exemplo, a sensação de frio causada pelo contato com a roupa e o corpo, ou mesmo com o intuito de se promover a paquera. Entretanto, quando se tinha a intenção de sentir os efeitos que a substância provocava no cérebro, se revelava o que era permitido e o que não o era:

Cheirava escondido, no banheiro do clube, às vezes em casa quando ninguém tivesse vendo... porque não podia. Todo mundo tinha uma lança-perfume na mão, mas pra jogar nos outros. Lança-perfume era para isso: jogar na roupa (...) mas gente de bem e os outros ninguém cheirava lança-perfume. Cheirávamos escondidos

Nilda Cunha Lima

O permitido, principalmente para as moças, era o que se esperava para comportamento da época: jogar nos outros e deixar o cheiro no ar; desejava-se perfumar o ar, provocar a sensação de frio. Também havia a intenção de chamar a atenção para o(a) pretendente, num jogo de sedução, dando à lança um significado social:

Era irresistível, porque aquilo era perfumado, não é? Uma lança de metal, dourada, muito bonita, então era ‘status’. Ter a lança de vidro era pobreza [risos](...). A gente botava, a gente ia dançar com as moças...

Dorian Gray

Em alguns momentos, nem todo mundo tinha acesso a este tipo de prazer. Apesar de descender de família rica e conceituada, Pery Lamartine, estudante na época e com trânsito livre tanto no Aero Clube quanto no América, não tinha poder de escolha para comprar, mesmo sendo fácil o acesso ao produto dentro do clube:

¹³⁵ **Tribuna do Norte**, 04.03.1954.

Tinha um cara vendendo dentro do Aero, um tal de Boquinha. Chegava lá e: ‘Me dá um lança-perfume aí!’, aí ele dizia: ‘Dou’. Era um tubozinho, tinha de vidro e tinha metálico. Eu comprava a de vidro que era mais barato... estudante, né?

A inocência e a brincadeira de um Carnaval até certo ponto pueril davam lugar a novos costumes, que adentravam nos salões mais recatados da cidade, onde comportamentos mais ousados já não eram bem-vistos àqueles cujos princípios se mostravam mais rígidos:

Hoje em dia é o predomínio das musicas e letras, substituindo as máscaras e as fantasias. (...) as marchas e sambas, têm um sentido impróprio para menores (...) Nos clubes elegantes, vêem-se, agora, mulheres decotadas em grande escala, pulando e gritando no delírio do éter, da música e dos vapores do álcool.¹³⁶

Algumas restrições “oficiais” visavam ao vestuário: fantasias que “contrariassem” os preceitos de moral e atentassem contra símbolos religiosos, como padre ou freira, ou mesmo contra as autoridades, eram expressamente proibidas no Aero Clube. Fantasias e máscaras saíam cada vez mais de cena nos clubes da cidade. Percebiam-se novas maneiras de brincar e de interagir dos hístriões. Se antes o que se via era o Carnaval do espírito, o corpo do folião se fazia mais exposto do que nunca.

3.1.3. A fé avessa à festa: religiosidade e salvação

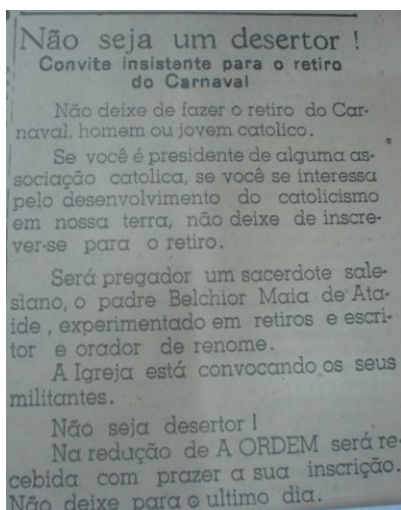
Decerto que nem todos os moradores da cidade eram foliões, incluindo-se os de Petrópolis e Tirol. Para a parcela católica contrária à festa, havia a opção dos retiros espirituais promovidos pela Federação Mariana e Ação Católica, voltados para os públicos masculino e feminino. A mocidade religiosa era praticamente “intimada” pela Igreja para se recolher e não participar de nenhum momento pecador com os cidadãos que saíam às ruas e frequentavam os clubes nos dias de Momo.

O compromisso religioso era uma exigência da instituição: caso não houvesse justificativa para a falta ao recolhimento espiritual, não seria dispensado do retiro nenhum congregado, morasse na capital ou no interior do Estado¹³⁷. Quem não comparecesse era considerado desertor. Normalmente a intensa programação começava

¹³⁶ **Tribuna do Norte**, 28.02.1954.

¹³⁷ A adesão era feita diretamente com o secretário da Federação, na sede deste jornal. **A Ordem**, 25.01.1947.

no sábado de Carnaval até a quarta-feira de Cinzas. Em 1952, o público religioso avesso ao Carnaval aumentou de tal forma que o colégio Nossa Senhora das Neves, localizado no Alecrim, apareceu como mais uma opção para as pessoas.



Fonte: A Ordem, 14.02.1947

Os momentos de recolhimento nestes retiros eram preenchidos com rigorosa programação e duravam os três turnos. Os “santos exercícios espirituais” se iniciavam logo cedo, às 5h15 da manhã, com o recolher às 21 horas. Orações, missas, ofícios, terços, ladainhas, conferências, vias-sacras, faziam parte da programação intensa promovida pela Igreja. Os homens, por exemplo, atendiam ao chamado religioso numa nítida confirmação contra o resistente “Cabaré High Life” nas ruas e nos clubes da cidade durante esses dias¹³⁸.



¹³⁸ A Ordem, 14.02.1947.

FOTO 19 – Homens “exercitantes” que participaram do Retiro de 1946 no Colégio Santo Antônio Marista. O Retiro das Moças acontecia no Colégio Imaculada Conceição. Fonte: A Ordem, 15.02.1947.

Ao Chefe de Polícia, a Igreja pedia que se coibisse a presença nos clubes de foliões fantasiados com insígnias e vestes insinuando figuras sagradas, como freira e padre, e figuras militares. As “ameaças” não eram só visuais. Certa feita, causou indignação quando o tradicional hino católico “Queremos Deus”¹³⁹ fora entoado em plena festa.

Além de serem considerados dias barulhentos, o Carnaval ia de encontro à moral e à fé cristã, numa prova de que o divertimento espontâneo do folião era superior aos seus prejuízos morais e financeiros, como pregava a Igreja. Para esta instituição, o Carnaval era uma frivolidade que só trazia malefícios para a alma, para o bolso e para o corpo.

3.1.4. O profissionalismo dos blocos

O Carnaval se consolida como uma festa de confraternização que acontece tanto em lugares públicos quanto nos privados. Guardadas as devidas proporções, conhecidos e desconhecidos passavam a compartilhar da alegria que se instalava no espírito do folião enquanto durava a festa mais popular do país. Cada um brincava e pulava como queria, e justamente por se permitir – e ser permitida –, esta “mobilidade” ajudava a consolidar as diversas configurações que já faziam parte do cenário festivo de anos anteriores. Entretanto, estas representações surgiam e se consolidavam de acordo com a criatividade, as características e o “regimento” de cada agremiação, principalmente nos blocos, que tentavam se diferenciar uns dos outros de diversas maneiras.

Fundado em 1940, o Clube (de carnaval e futebol) Balança Porém Não Cai era um dos mais organizados. A agremiação tinha uma agenda repleta de eventos e cronogramas festivos, cujos foliões eram empresários, políticos e outras pessoas importantes na cidade, como o prefeito Creso Bezerra, animado histrião da agremiação

¹³⁹ A Ordem, 15.02.1947.

em 1952. Sua diretoria não admitia penetras nem “balanceiros” retardatários durante os encontros, sempre precedidos de um juramento de fidelidade ao “Rei da Folia”.

Às vezes, os “compromissos” deste bloco começavam à meia-noite. As paradas estratégicas, chamadas de “inaugurações”, eram marca do Balança e aconteciam em sua grande maioria em locais previamente divulgados – como edifícios, escolas, hospitais etc. -, com direito a discursos dos balanceiros. Partidas de futebol, tênis, basquete, banhos à fantasia na piscina do Aero, bailes, etc. ampliavam o extenso leque de compromissos, alguns, mais curiosos, como a presença na instalação do aparelho de ar condicionado do Cine Rio Grande, com oferecimento de coquetel e sessão cinematográfica¹⁴⁰.

O bloco tinha até mote, onde ser superlativo em alegria era um diferencial da agremiação. Tudo era muito: a bebida, a alegria, a comida. Não tinha igual, segundo o conteúdo da glosa.

Mote:

É SEMPRE ASSIM O BALANÇA
NAS FESTAS DE CARNAVAL

Glosa:

Com feijoada na pança,
Balanceiros em bagaço,
Zerôncio, louco, no “passo”
É SEMPRE ASSIM O BALANÇA
Durante o frevo, não cansa,
Come e bebe sem igual,
Demonstrando que Natal
Possui um Clube de estouro,

¹⁴⁰ **Tribuna do Norte**, 24.02.1952.

Era cada vez mais forte a agregação de jovens na formação dos blocos carnavalescos. Os componentes destas agremiações nem sempre moravam no mesmo bairro, o que denota companheirismo e amor ao bloco, a ponto de o jovem se deslocar do bairro onde mora para cumprir extensa programação em outros locais.

Algumas agremiações eram conhecidas pela organização, outras, pelas exigências. Quando reuniam estas duas particularidades, como era o caso de “Os Deliciosos na Folia”, era sucesso na certa. Para participar desta agremiação, o cidadão tinha de ter algum dote musical e colocá-lo em prática nas andanças do bloco. Fantasias caprichadas também eram outro diferencial.



FOTO 20 – Componentes do Deliciosos da Folia em 1958. Acervo de Carlos Roberto de Miranda Gomes¹⁴², ex-integrante do bloco. Enviada por Paulo Sérgio Martins. <http://nataldeontem.blogspot.com/search?updated-max=2010-03-14T21%3A29%3A00-03%3A00&max-results=5> Acesso em 02.06.2011.

Surgido em 1949, o “Deliciosos na Folia” era uma agremiação que prezava pelo cuidado nas apresentações e no capricho das vestimentas dos integrantes. Seus componentes vestiam ricas fantasias, desfilavam em carro alegórico e eram acompanhados por batucada, que aliás, era item imprescindível para qualquer folião que

¹⁴¹ **Tribuna do Norte**, 17.02.1952.

¹⁴² Professor universitário aposentado, membro do IHGRN (Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte) e ex-Diretor da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil)-Secção RN, Carlos Roberto de Miranda Gomes, que cedeu a foto acima, foi folião dos Deliciosos (é o primeiro agachado da esquerda para a direita). Em visita informal à sua casa, dia 4.6.2011, revelou que ainda guarda a roupa e o chapéu que compuseram o visual. De acordo com ele, saía de casa a pé, no Barro Vermelho, para encontrar os companheiros. Tem parentesco com outro entrevistado da pesquisa, João Maurício Fernandes de Miranda.

nele quisesse participar: saber tocar algum instrumento. Tanto empenho resultava em taças e prêmios oferecidos pela Federação Carnavalesca.

Ficava patente que a festa conseguia reunir a juventude local com o mesmo interesse: brincar juntos, fazer parte de um grupo, se destacar dos outros blocos concorrentes e, de certa forma, chamar a atenção da sociedade, nem que fosse apenas naqueles quatro dias.

A organização dos blocos, que teve início da década de 1960, se firma não só pelo número dos seus participantes, na fidelidade, na produção das vestimentas, na evolução nas ruas. Alguns se destacavam na produção musical e tinham até calendário de eventos, incluindo visitas programadas durante o período momesco. Consolidam-se os eventos específicos promovidos pelas agremiações, cada uma procurando ser mais original do que a outra.

O chamariz era a própria magnificência da fama que haviam conquistado ano a ano perante a sociedade local, tal qual a festa que o Bloco do Shangay, comandado por 20 homens, promoveu no Aero. Para comemorar sua fundação, realizou em “*avant-première*” um baile, aproveitando a ocasião para “homenagear o mundo elegante da cidade”¹⁴³. Na mesma noite, o bloco Os Peraltas escolheu o América para se esbaldar principalmente junto aos seus.

Parte do universo masculino folião nem sempre permitia que a diversão fosse acessível ao sexo feminino. Assim como a proposta de “Os Deliciosos na Folia” e dos “shangainos”, integrados pelo sexo varonil, havia bloco composto quase que exclusivamente por homens. Esta tendência se confirmava pela realização de festas cada vez mais exclusivas, tanto de público, quanto na organização e produção.

O Baile dos *Pierrots*, outro evento com participação restrita, fazia festas consideradas as mais “fechadas do ano”. Era promovido e produzido por 30 amigos que brincavam obrigatoriamente fantasiados do palhaço triste. As relações sociais entre eles se amalgamavam em torno da literatura, do jornalismo e do direito. A maioria integrada por rapazes solteiros; os casados só participariam com a permissão da mulher (havia poucas colombinas representadas no bloco) e outros integrantes sequer permitiam que seus nomes fossem divulgados para não comprometê-los.

¹⁴³ **Tribuna do Norte**, 13.02.1960.

Na festa dos *Pierrots*, armavam-se orquestra e bar em algum clube afastado da cidade, sem divulgação prévia, para que se pudesse brincar exclusivamente ao som das marchinhas de outrora. Evitava-se, assim, a presença de penetras e de gente que não estivesse fantasiada. Os jovens artistas Dorian Gray e Newton Navarro ornamentaram festa dos *Pierrots*.

3.1.5. Os clubes investem na folia

Diferentemente da folia aberta das ruas, mais democrática, sem distinção de público, os clubes reuniam quem pudesse pagar. Entretanto, em alguns destes lugares, nem somente esta possibilidade era permitida. Só quem fosse sócio poderia ter acesso, configurando-se uma seletividade composta, nestes casos, pela elite foliã, que se esbaldava em *matinéés* e *soirées*, embalada pelas orquestras.

Investir em um musical diferenciado, serviço de bar e em ornamentação era um atrativo a mais que os clubes faziam, até porque, já condizia com o que a sua seleta assistência esperava encontrar. Para receber foliões à altura da festa, alguns clubes investiam em apresentações musicais e em bailes, muitos deles, temáticos.

Os salões eram onde mais se despendia dinheiro, principalmente com a ornamentação, tudo para receber atrações artísticas e sócios que caprichavam nas fantasias. Diversos temas decorativos despertavam a curiosidade quando divulgados antecipadamente e eram argumentos a mais para se escolher onde pular nos dias da festa, misto de empreendedorismo, competitividade e originalidade.

Artistas renomados da cidade eram contratados para dar cara nova aos salões. Os salões do Aero Clube foram transformados por Dorian Gray em um palácio encantado, o que inspirou o título para o “Carnaval em Veneza”, classificado como “feérico e deslumbrante”¹⁴⁴; com o tema “As Mil e Uma Noites”, o mural do artista foi considerado como o melhor do Carnaval 1960 no América¹⁴⁵.

¹⁴⁴ **A Ordem**, 27.01.1956.

¹⁴⁵ **Tribuna do Norte**, 27.02.1960.

Se a festa de rua era mais democrática e reunia diferentes classes sociais, nos clubes acontecia o inverso. Os investimentos eram feitos para superar o concorrente e um motivo a mais para confirmar e fortalecer sentimento de pertença do seletos folião. Havia quem comprasse fantasias confeccionadas em outros Estados. Como o público dos dois clubes era seletos, ficava muito mais fácil (re)conhecer o outro e, quiçá, surgisse um(a) provável pretendente amoroso(a). Os bailes transformavam em lugares ideais para quem quisesse se destacar.

Lá para Aero Clube, eu fui de fantasia de Eva. Fantasias no Aero eram muito ricas, muito bonitas. As pessoas mais ricas [se] fantasiavam com muitos requintes

Nilda Cunha Lima

Alguns foliões conseguiam participar dos bailes do América e do Aero em uma só noite. Para aproveitar a oportunidade, Jaeci Emerenciano se dividia entre os dois clubes de elite para fotografar as pessoas e ganhar dinheiro. De acordo com ele, no quesito fantasia, tanto fazia a clientela pertencer a qualquer um dos dois clubes, o que valia era a máxima: “Cada um que quisesse aparecer mais”.



FOTO 21 – Jovens fantasiadas em baile carnavalesco no Aero Clube, final dos anos 1950. Detalhe para os detalhes da produção e a padronização da vestimenta, mais o tubo de lança-perfume Rodouro na mão das garotas, e a foto de autoria de Jaeci Emerenciano. Acervo: Luiza Dantas.

Pery Lamartine partia da casa dele, na esquina da Rua Trairi com a Avenida Rodrigues Alves, para pegar o bonde e ir ao Carnaval do Aero Clube. De acordo com ele, esta era uma atitude corriqueira, ia sozinho mesmo, para encontrar com os amigos no salão do sodalício. A distância não era problema:

Todo mundo pegava o bonde. Aqui em Natal, naquela época, se tivesse 50 carros tinha muito, a cidade todinha. Então, minha família não tinha carro, ninguém da minha família, quando chegava na época do Carnaval a gente pegava o bonde e ia.

Os bailes garantiam a diversão de um público cada vez mais participativo. O hábito de se vestir com roupas e adereços do sexo oposto continuava a fazer parte dos costumes instituídos nos quatro dias de folia. Para o homem, adornar-se com roupas femininas no Carnaval e para a mulher se fantasiar com trajes masculinos, era uma maneira irreverente de ser diferente e, até certo ponto, desafiar comportamentos só permitidos para cada gênero.

Esta era uma dentre tantas primazias que transformava o Carnaval um rito que reunia diversos personagens e funções, classes sociais díspares, quando se usava a sexualidade e o gênero para confundir e provocar. Realidade e fantasia dividiam o mesmo espaço.

Observando a festa carnavalesca nacional, o antropólogo Roberto DaMatta averiguou sua multiplicidade abrangente, elegendo diversos fatores, dentre eles, a exibição e a mistura de classes sociais. Para ele, o Carnaval tinha até o seu espaço, que se achava instado em significados díspares:

(...) espremido entre a fantasia e a roupa do trabalho, a mulher e o amante, o machão e o homossexual, a riqueza e a pobreza, o dominador e o dominado, a família e a associação voluntária, a igualdade e a hierarquia. Como ocorre nos ritos de passagem na sua fase mais dramática, o Carnaval cria uma realidade que não está nem aqui nem lá; nem fora nem dentro do tempo e do espaço que vivemos e percebemos como ‘real’.¹⁴⁶

DaMatta chega à conclusão de que as fantasias que surgem no Carnaval são “figuras periféricas do mundo social brasileiro”. Ele justifica que ladrões, palhaços, prostitutas, caveiras, homossexuais, nobres etc. e até personagens de mundos remotos

¹⁴⁶ DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ, 1978.

são “figuras liminares que o cotidiano só revela dolorosamente”, pois fazem parte “do mundo da periferia, do passado e das fronteiras da sociedade brasileira”¹⁴⁷.

Entretanto, nem sempre este universo plural dos personagens agradava a todos. O costume de assumir outra identidade era visto com arestas por parte sociedade. Numa “Recapitulação do Carnaval”, escrita por Fernando de Oliveira, o jornal eclesiástico *A Ordem* atribuiu valores ao travestismo dos foliões:

Ridícula a situação de um homem que se rebaixa até a sem cerimonia de trajar saíotes e “maillots” de mulheres num grupo em que a vergonha desaparece da face de muitos filhos de Adão...¹⁴⁸

Fantasiar-se de morte, demônio, caveira, vestir-se como o sexo oposto, era mais um retrato da irônica relação do indivíduo com seus medos e proibições, mas também era uma liberdade que o folião tinha para, além de se expressar, assumir uma “relação” de provocação com tais personagens trazendo-os para o mundo real em época de Carnaval. Nilda Cunha Lima se fantasiava de “sujo” e saía pelas ruas de Petrópolis e ia até a Cidade Alta, batendo lata com outras garotas. O anonimato garantia a folia:

Eu e uma prima minha e outras pessoas a gente botava um paletó, um chapéu, uma máscara, uma calça de homem, uma gravata e saía nas casas dos conhecidos pedindo lanches, pedindo comidas, mas sem se identificar (...) saíamos com lata na mão, cantando. Tinha um palanque ali na João Pessoa [Cidade Alta], ali onde é a [loja de Departamentos] Rio Center. Domingo e terça de manhã a gente ia pra cima do palanque, ficava pulando, tocando lata, tocando pau, o que diabo aparecesse... de sujo (...) com as piores roupas do mundo (...)

¹⁴⁷ DAMATTA. Id.

¹⁴⁸ *A Ordem*, 21.02.1953.



FOTO 22 – Nilda Cunha Lima e amigas fantasiadas de “sujo” na Praça Pedro Velho. Ao ser questionada sobre quem era ela dentre as seis folias, ela não conseguiu se identificar. Foto: cedida.

Se se apresentava um pequeno panorama das preferências por determinados trajes fantasiosos no Carnaval, abria-se uma janela para que surgissem outros vieses opinativos:

Olhando os blocos que passam, a gente vai analisando as inclinações de cada um. (...) Freud teria muita materia para observação. As tendencias manifestadas através de um divertimento que faculta a todos tirar a mascara invisivel do seu comportamento e usar a mascara visivel na face afim de agir mais livremente. Não é o mesmo caso de dizer que o Carnaval é uma epoca durante a qual os homens depõem a mascara com que viveram durante o ano inteiro?¹⁴⁹

Saindo do panorama da fantasia individual, que continuava em meados do século passado em Natal com uma verve irônica, brincalhona e provocadora dos foliões de ambos os sexos – muito embora ainda causasse certa repulsa por parte da sociedade mais apegada aos costumes tradicionais – nem todas as agremiações eram bem-aceitas, quiçá “compreendidas”. As tribos de índios ainda traduziam o olhar de estranhamento, preconceito e de superioridade de alguns segmentos da sociedade:

Diga-se, entretanto, que no meio desta babel Carnavalesca ha muita cousa engraçada e ate bem digna de nossa apreciação. Os blocos de indios, por exemplo. Com aquelas danças interessantes lembrando os nossos irmãos das selvas, bem podiam aparecer fora do Carnaval. Melhor ainda se seus orientadores procurassem o mais possivel fazer de seus blocos escolas de educação, mostrando a muitos estudantes como vivem os selvagens na floresta.¹⁵⁰

¹⁴⁹ **A Ordem**, 28.02.1948.

¹⁵⁰ **A Ordem**, 21.02.1953.

O resgate de povos e danças tradicionais tinha no Carnaval uma oportunidade de estes não caírem no esquecimento, de manterem-se vivos numa festa cheia de significados, ritmos, personagens e grupos. Apesar de todo o preconceito em torno do tema, a resistência das tribos de índios em forma de agremiação carnavalesca continua se fazendo presente, mesmo decaindo, como se veria em anos posteriores. Este era um pequeno panorama de quão plural era a festa de Momo em Natal e de quantos olhares diferentes se observava sobre a apropriação dos lugares por personagens até certo ponto vistos com estranhamento.

3.1.6. Obrigações de uma Rainha do Carnaval

O Carnaval abria espaço para a beleza da mulher com a realização de concursos da representante feminina oficial da festa mais popular do país. Alguns bailes tinham um propósito específico: escolher a Rainha do Carnaval. Ser a representante da festa mais popular do ano implicava em comparecer a diversos compromissos sociais; sempre acompanhada de numeroso séquito, que às vezes era composto por cerca de 25 garotas, a soberana tinha de visitar todos os clubes da cidade.

Para a eleita surgia uma oportunidade de destaque, não só em relação ao clube que a moça representava, mas pelos significados de fausto e orgulho que a coroa proporcionava. Além da beleza, as candidatas deveriam se sobressair nos quesitos: fantasia, graça, elegância e simpatia. Eram “jovens da fina flor social da Cidade que representam os melhores clubes e melhores blocos da Capital potiguar”¹⁵¹.

¹⁵¹ **Tribuna do Norte**, 01.03.1957.



FOTOS 23 e 24 – À esquerda, Célia Pereira, candidata pelo Aero Clube à Rainha do Carnaval 1957. Ao seu lado, Nina Carvalho, sua concorrente representando o bloco “A Plebe”. Jóias, cabelos armados, roupa recatada, pose idem. Antes de ser rainha, tinha de ser – e aparentar ser - boa-moça. Fonte: Tribuna do Norte, 01.03.1957

Se ser Rainha de Carnaval carregava o simbolismo de representar a festa mais popular do Brasil, durante os quatro dias de folia, com direito a séquito e um Rei para dividir com ela a responsabilidade do “comando”, outros concursos também elevavam a beleza feminina. Entretanto, diferentemente das obrigações impostas ao cargo, outras oportunidades do mesmo modelo se faziam mais frequentes na cidade, só que, ao invés da brevidade do Carnaval, o que se verá acontecer é o reinado no seu formato mais característico: quando as mocinhas que ganhavam o cetro e a coroa representavam muito mais do que a formosura suficiente para reinar no Carnaval.

3.2. Beleza feminina e representação social

A beleza física juvenil ganha terreno na cidade, conforme se verifica na proliferação de eventos e concursos de promoção estética. A juventude feminina natalense se espelhava na tendência mundial que valorizava a perfeição do corpo, já em moda desde a década de 1920¹⁵². Dos concursos de Miss às rainhas de festas, as chances de se conquistar o pódio mais alto neste quesito significava prestígio social e um diferencial a mais para as mocinhas da cidade. As instituições promotoras eram plurais e ofereciam anualmente um catálogo extenso para aquelas que desejavam se candidatar. O leque que se apresentava era variado: podia-se representar clube, profissão, barraca

¹⁵² MARINHO, Id., *ibid.*

profana de festa religiosa, associação ou a garota se encaixar apenas na faixa-etária exigida.

Nos anos 1950, já era bastante frequente a quantidade destes eventos na cidade. As jovens tinham de ser prendadas, ter algum dote (se possível, artístico), pertencer a boa família e, logicamente, se enquadrar no quesito boniteza conforme padrão da época. Eram o exemplo ideal do que se esperava para as *ladies* locais, misto das deusas do cinema, até certo ponto inalcançáveis naqueles momentos de competição. Cada vez mais, estes concursos aconteciam em locais elitizados, como o Clube América, o Cine Rio Grande e ginásio como o Sylvio Pedroza.

O Miss Natal de 1951 foi fartamente anunciado na Tribuna do Norte. Cada etapa de votação era publicada, com a apuração divulgando as posições que as candidatas alcançavam no *ranking*. O título do corrente ano foi anunciado em evento realizado no Aero Clube. A mais bela natalense ganhou prêmios como colchão de molas, *pick-up* magnético, entradas permanentes para os cinemas Rex, São Luiz e Rio Grande, par de brincos de ouro com rubis, fotografias, álbum de discos, estojo de perfumes e, ainda, uma “surpresa”, oferta do comércio local.

As misses eram homenageadas em vários locais da cidade. A graça e beleza da Miss RN recebiam honras com coquetéis em lugares antes voltados ao esporte, como o ginásio Sylvio Pedroza. Martha Rocha, Miss Brasil 1954 e Adalgisa Colombo, Miss Brasil 1958, estiveram em Natal no auge destes eventos. O comparecimento delas dava legitimidade ao acontecimento; eram a prova de que era “possível” alcançar o Olimpo local da beleza. Nem tão famosas quanto, porém, candidatas de outros Estados também visitavam Natal, numa espécie de intercâmbio da beleza, no qual a presença das garotas reforçava a importância das pretendentes locais.

A depender da candidata, as relações entre a família e o clube contavam pontos, mas nem sempre eram decisivos para que se pudesse ganhar o título. Outros fatores completavam o conjunto até que a moça saísse vencedora. Não importava apenas a classe social, que não era decisiva, mas fatores como a sua maturidade, desenvoltura, educação. Ser bem comportada e “de família”, ou seja, ter boa proveniência também era tão importantes quanto a beleza.

De acordo com a Miss América F.C. e Miss Natal do ano 1957, Luiza Dantas, eleita com 17 anos, os predicados também se somavam à boa relação social:

Eu me lembro que quando fui convidada eu não queria, não gostava disso. Eu gostava de tocar piano. Meu pai era muito amigo de Ruy Barreto, que era o presidente do América. Ruy Barreto disse: ‘Olha, Miguel, (...) toda diretoria só quer sua filha, todos os sócios do América só quer sua filha’. Papai disse: Mas ela não quer’ (...). Aí veio a diretoria conversar comigo (...); eu fui mais para atender a seu Ruy, que era amigo de papai no clube, nem com a intenção de ganhar (...), queria perder pra ficar quieta no meu canto. Então, fui lá e ganhei.

O Cinema Rio Grande foi o local onde Luiza Dantas sagrou-se Miss América F.C. e Miss Natal. Como prêmios oferecidos pelos dois principais clubes da cidade, ela ganhou um brinco de pérolas (do América) e um anel de pérolas (do Aero Clube). A rigidez da educação da época, como o controle dos pais sobre os destinos das mocinhas ainda era recorrente. Vencer um concurso não significava ter independência. “Esse negócio de buscar prêmio, ir atrás, meu pai nem deixou eu ir”.



FOTO 25 – Luiza Dantas, aos 17 anos, Miss Natal, concurso realizado no Cinema Rio Grande, 1957. Também foi Miss América F. C. no mesmo ano. Para o cabelo ficar armado usou-se cerveja: “Não existia laquê na época”. Foto cedida.

3.2.1. A pluralidade dos concursos

Ser Rainha e Princesa de clubes, instituições religiosas e outros estabelecimentos da cidade aumentavam a possibilidade de se “sobressair” para muitas moçoilas, algo como “*status*” adquirido. Mesmo abaixo da hierarquia-mor da beleza, as Princesas também tinham seu dia de glória. Eram alunas como as que frequentaram escolas como o Colégio Estadual e Imaculada Conceição, que concorreram à Rainha do Estudante de 1952, promovido pela Associação Potiguar de Estudantes. Alguns concursos eram inusitados, como o que fora promovido pelo Externato Nossa Senhora de Fátima, localizado na Rodrigues Alves, que promoveu o concurso “Rainha das Garçonetes”¹⁵³, numa prova de que o glamour, às vezes, suplantava profissões.

Ainda mais abaixo da linha de soberania das Princesas, meninas mais novas também tinham sua chance de brilhar e de chamar a atenção. Havia espaço para mais uma “categoria”: a dos Brotinhos, garotas mais jovens ainda, mas já inseridas na cultura destes concursos. Apesar de não haver tanta mistura social, eram oportunidades que se abriam para uma adolescência que já tinha nesses concursos uma forma de se sentirem admiradas, amadas. E mais: elas estariam, de certa forma, prontas a adentrar na sociedade com certa maturidade, respeito, sucesso e visão de futuro. Assim, as oportunidades se multiplicavam e aumentavam as chances para garotas de diversas idades, representantes de diversas instituições.

A década de 1950 avançava e os motivos para a realização dos concursos de beleza também se tornavam cada vez mais diversificados Brasil afora, e em nível local, as razões seguiam a mesma tendência. O Miss Verão 1955 fora realizado para comemorar o 21º aniversário do clube Santa Cruz. Na ocasião, dez garotas representando os principais clubes da cidade desfilaram no local onde seria construída a futura sede do sodalício, na Avenida Circular, praia do Meio. O acontecimento foi considerado como um dos maiores já concebidos na cidade¹⁵⁴.

As principais ruas e avenidas da cidade foram utilizadas simbolicamente como o tapete vermelho automobilístico para valorizar este evento. Numa manhã de novembro, as candidatas deste certame saíram em carreata pela cidade antes da grande final. A beleza das meninas passou pela Praça Pedro Velho, Avenida Marechal Deodoro da

¹⁵³ **Tribuna do Norte**, 11.11.1953.

¹⁵⁴ **Tribuna do Norte**, 27.11.1955.

Fonseca, Rua João Pessoa, Avenida Rio Branco, Rua Apodi, Avenida Hermes da Fonseca, Rua Potengi, Avenida Nilo Peçanha, Avenida Getúlio Vargas, praia de Areia Preta, Avenida Circular, praça do Obelisco e, finalmente, chegada na sede do Santa Cruz (em construção).

3.2.2. A menina-moça é apresentada à sociedade

A juventude feminina, especificamente as garotas mais novas que porventura ainda não concorriam aos concursos de beleza, tinham sua entrada triunfal na sociedade com um grande baile a rigor produzido em sua homenagem. Ser debutante era pertencer a uma família respeitada. Era carregar consigo qualidades como: virtude, bons modos, ser educada em bons colégios, possuir algum dote cultural. Era estar pronta para ser apresentada à sociedade local, e se este local reunisse todas as qualidades para que este reconhecimento fosse firmado, esta admissão seria coroada com sucesso.

Não necessariamente as amizades da escola eram as mesmas dos passeios na praça, da ida à Igreja. Pertencer ao mesmo bloco carnavalesco ou morar no mesmo bairro eram motivos para se dividirem importantes momentos sociais. Ser convidado para de uma festa de 15 anos também seguia estes preceitos. Já no início dos anos 1940, mais precisamente em 1941, a revista norte-americana *Life* publicou uma matéria que apresentava meninas-moças alheias a este rito, até então importante para a juventude feminina¹⁵⁵.

Desavindo ao que encontramos em nossa pesquisa, crescia nos Estados Unidos um grupo de garotas que eram alheias a este tipo de evento. Tidas como consumistas assumidas, as “*subdebs*” falavam gírias, andavam em gangues e já faziam parte de grupos voltados para a cultura cinematográfica, da música e da cerveja, tal qual corroborava com o pensamento da classe média daquele país.

Em nível local, continuava a inexistir esta liberdade para as adolescentes mais de uma década depois de apresentado o modelo americano. Lá, o comércio já produzia

¹⁵⁵ Para mais informações sobre o nascimento do universo *teenager*, ver: SAVAGE, Jon. **A Criação da Juventude** - Como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro, Rocco 2009.

para este público jovem feminino, intensificado pelo poder de compra e necessidades do pós-Guerra, enquanto aqui, pouco ou nada tinha-o como potencial e ativo consumidor.

O grupo formado pelas primeiras debutantes a se apresentarem oficialmente para a sociedade natalense escolheu o pomposo salão de danças do Aero Clube para a realização da grande festa. As meninas pertenciam às famílias nobres da cidade e muitas eram moradoras de Tirol e Petrópolis. Com pompa, grande show de orquestra, salão especialmente ornamentado com flores naturais, o rito de passagem tinha seu ápice com a valsa, momento em que as meninas-moças se faziam acompanhar pelos respectivos paraninfos. À meia-noite, o presidente do clube apresentou uma a uma, sendo precedido por uma saudação em versos feita pela poetisa Palmira Wanderley. As debutantes mais prendadas completaram o programa da noite com um *show* de acordeons¹⁵⁶.

No início dos anos 1950, a maioria das festas individuais de 15 anos que encontramos em nossa pesquisa, nos dois bairros, eram realizadas, em sua maioria, nas residências das mocinhas. Porém, algumas adolescentes comemoravam a “entrada na sociedade” tanto em casa quanto em clubes, como quando aconteceu num grande baile no Aero Clube, dia 13 de novembro de 1954, com a presença de Vera Lucia, conhecida como “estrelinha da [Rádio] Nacional”. Presente na cidade por conta de outros eventos, a cantora estava sendo considerada como o ponto alto da festa das meninas.

Esta noite, considerada a maior festa social do ano pela Diretoria do Aero Clube, foi abrilhantada não só pela presença graciosa das 18 meninas-moças que desfilaram no salão do sodalício. A Festa das Debutantes tinha caráter competitivo, com direito a júri. A presença da Miss Brasil e vice-Universo (1954), baiana Martha Rocha, no estrado desfilando para o público e como presidente da Comissão que julgou a debutante mais elegante, tornou aquela que foi considerada uma das inesquecíveis noites também para quem lá compareceu¹⁵⁷. A segunda mulher mais bonita do mundo estava na cidade a convite da Rádio Nordeste e fora escalada para ser jurada na Festa das Debutantes do Aero Clube¹⁵⁸.

¹⁵⁶ **Tribuna do Norte**, 28.11.1952.

¹⁵⁷ **Tribuna do Norte**, 07.07.1955.

¹⁵⁸ **Tribuna do Norte**, 05.08.1955.

Confirmavam-se as relações estreitas entre os moradores de Tirol e Petrópolis, que frequentavam os eventos dos dois principais clubes em momentos distintos de suas vidas, como convidados os associados:

Eu fui apresentado a Martha Rocha, fui à mesma festa de debutantes. A festa foi maravilhosa. Naquela época estava no começo Miss Brasil, Miss Rio Grande do Norte, Festa de Verão... Eu fiz parte de muito julgamento

Dorian Gray

O significado da festa se apresentava tão consolidado a ponto de não se comemorar apenas individualmente. Apesar de todo o sucesso da quando realizada na própria casa, também fazê-lo em companhia de outras tantas boas meninas era o reconhecimento social mais do que garantido.

A concentração das casas próximas umas das outras, as conexões que surgiam em outras situações fora do círculo de amizades (até mesmo com moradores que não eram vizinhos), contribuíam para que estes personagens vivenciassem importantes momentos, fortalecendo as relações sociais. Nilda Cunha Lima não teve festa de 15 anos. Apenas algumas pessoas foram à sua casa comemorar a data com ela e sua família. Colega de Luiza Dantas, ela foi uma das convidadas para a festa, classificada por ela de “sofisticada”.

Apesar de ter comemorado os 15 anos no Clube da Rampa, às margens do rio Potengi, a festa, também realizada na residência em Petrópolis, foi cheia de conotações para Luiza Dantas, um misto de relações sociais com religiosidade marcante para o momento, reflexo de sua tenra vida de adolescente:

Meus 15 anos foi muito lindo (...), teve um significado muito grande: como eu nasci de oito meses, e minha mãe tinha perdido nove filhos entre mim e eu meu irmão, ela fez uma promessa que meu nome fosse Luiza Maria. Luiza em homenagem a rei Luiz da França e Maria homenagem às oficiosas. Porque uma tia freira minha Dorotéia, irmã Correia, teve um sonho que se ela [a mãe da debutante] tivesse uma criança, botasse o nome de Luiz ou Luiza Maria, em homenagem a este dois santos, e que usasse até 15 anos, azul e branco. E até o dia dos meus 15 anos botei azul e branco. Aí, quando eu termino de dançar a valsa com o meu pai, minha mãe disse: ‘Você precisa ir lá no toailete, que eu fiz um vestido verde pra você. Quando fui saindo, chega a primeira professora de piano, Lourdes Guilherme (...). Quer dizer, é significado que até hoje eu me recordo, porque na hora que tiro o azul e branco eu ganho uma santa de uma professora minha.

As festas de debutantes consolidaram um mercado voltado para a diversão que envolvia o aluguel de onde se realizaria a festa, mais a banda de música, alimentos e bebidas, fotógrafo etc., como se cada momento tivesse de ser o melhor de todas em seu gênero. A produção em uma festa destas era importante, deveras, até, indispensável.

Fausto, luxo e uma pitada de originalidade eram ingredientes certos para o sucesso da festa, e para os comentários (que se esperava serem positivos) que surgiriam logo depois. As colunas sociais dos jornais rasgavam elogios à jovem e à família. Quanto maior o esmero, maior o espaço publicado.

Com valsa à meia-noite, orquestra do maestro Paulo Lira dando o tom das danças e uma audição de piano feita por alunas do Instituto de Música do Rio Grande do Norte, mais apresentação da aniversariante com a dança espanhola, foram algumas atrações da Festa da Primavera – os 15 anos – de Estefania Zieny, realizada na residência dos seus pais, à praça Pedro Velho¹⁵⁹ (além da festa primorosa e criativa realizada na própria residência, a adolescente também foi uma das participantes da citada Festa de Debutantes do Aero Clube).

3.3. As celebrações cívico-militares

Entre os principais usos dos espaços públicos da cidade para fins cívicos, sobretudo as ruas, avenidas e praças, estavam as cerimônias da Independência do Brasil. Esses rituais, que tiveram início desde as primeiras décadas da República, fortaleceram o caráter civil e militarista depois da experiência da II Guerra Mundial, tornando-se o segundo principal evento de rua de Natal, perdendo apenas para festa mais popular do país: o Carnaval.

No auge do conflito mundial, o evento se consolidava nas ruas e avenidas de Tirol, Petrópolis e Cidade Alta. As festividades do 7 de Setembro duravam cerca de uma semana de comemoração. O momento mais aguardado pela população eram os desfiles de instituições militares e educacionais. Dois anos após o término da guerra, o evento não perdeu o prestígio e a aura inalcançável representadas pelos militares e pelos estudantes. As Forças Armadas e o Departamento de Educação eram responsáveis pelos

¹⁵⁹ **Tribuna do Norte**, 16.04.1955.

desfiles. Cada um com sua função conseguia atrair milhares de pessoas que ocupavam as calçadas para verem o cortejo passar.

A programação ocupava as ruas com a Parada da Mocidade, representada por quase todas as instituições de ensino da capital, associações esportivas e os grupos de escoteiros. O desfile militar geralmente era representado pelos diversos Grupamentos e suas Bandas de Música, exibindo um significativo aparato de veículos e armas. Verdadeira multidão ia às ruas prestigiar as comemorações, consolidando o sucesso do evento que primava pela participação, conjunto, organização e beleza plástica do grupo.

A Parada Militar era um dos eventos públicos mais esperados da cidade. Chegava a reunir 30 mil pessoas que iam às ruas para assistir aos desfiles¹⁶⁰. As unidades da Aeronáutica, do Exército, da Marinha de Guerra e da Polícia Militar se apresentaram pela manhã. Em 1952, 1.600 homens formaram os destacamentos da Marinha de Guerra, Exército e Aeronáutica, com os Grupamentos da Infantaria do Exército (16º R.I.), Infantaria da Polícia Militar do Estado e Artilharia do Exército¹⁶¹.

Naquele ano, à tarde, mais de 10 mil estudantes compuseram as unidades escolares que se apresentaram na Parada: os Grupos Escolares do “primário oficial”; “primário particular”, com os externatos, escola e ambulatório, orfanato, escola profissional, ginásio, a Escola Industrial, escolas particulares, mais os escoteiros e o grupamento secundário. Juntos, desfilaram pelas ruas do Tirol, com o percurso começando pela avenida Deodoro e finalizando na Praça Pedro Velho, em Petrópolis¹⁶².

A heterogeneidade reunia estabelecimentos de ensino públicos, particulares, cursos e até instituições filantrópicas. Não causavam o impacto visual dos jeeps, dos grandes caminhões e do equipamento bélico apresentado pelas instituições militares, mas quebravam a rigidez masculina, inatingível e forte, contrastando em beleza, harmonia, nos uniformes limpíssimos, no orgulho de desfilar pela sua escola. O Departamento de Educação programava uma série de eventos durante a Semana da Pátria. No cronograma, incluíam-se palestras, sessões cívicas em escolas, cinema

¹⁶⁰ **Tribuna do Norte**, 09.09.1951.

¹⁶¹ **Tribuna do Norte**, 05.09.1952.

¹⁶² **Tribuna do Norte**, 07.09.1952.

campal nos bairros, torneios esportivos entre os Grupos Escolares e, o mais aguardado de todos, o desfile de 7 de Setembro.



FOTO 26 – Alunas da Escola Doméstica de Natal perfiladas no 7 de Setembro de 1952. Nilda Cunha Lima é a primeira à esquerda. Tocou tambor e marchou durante os três anos que estudou neste estabelecimento de ensino. Foto cedida.

Quem morava no trajeto dos desfiles tinha o privilégio de poder assistir à movimentação sem praticamente sair de casa. Acompanhava das imediações desta, na rua. A apropriação deste espaço ia além da observação, permitindo que grupos aproveitassem a oportunidade para se relacionar socialmente com o sexo oposto.

(...) depois que terminava o desfile, colocava as cadeiras aqui na calçada debaixo dos pés de ficus na Floriano [Peixoto, avenida]. Ficava lá conversando até chegar a hora do almoço. Ia ver a Parada, aqueles homens lindos de morrer, aí depois sentava (...) rapazes, quando vinham voltando, ficavam por ali, na pracinha

Nilda Cunha Lima

A juventude encontrava sua maneira de melhor participar e aproveitar a Semana da Pátria¹⁶³. Por outro lado, sua contribuição ao momento cívico-político mais representativo do país e o que isto significava eram qualificadas com desconfiança pelo clero local.

¹⁶³ As especulações e reclamações inerentes ao Carnaval de rua de Natal muitas vezes obtinham espaço na imprensa local. Fatores como o comportamento dos foliões, as normas, a infra-estrutura das ruas e avenidas para o desfile do curso e das agremiações eram fartamente publicadas. Com o 7 de Setembro, tais problemas pareciam não existir. Talvez pelo próprio simbolismo respeitoso da data, não encontramos em nossa Pesquisa nenhum tipo de comportamento ou falta de organização que desabonasse a comemoração e o seu público.

À comunidade católica, a Igreja lembrava que, acima dos deveres patrióticos, estava o compromisso sagrado. A instituição não pregava abertamente que a preferência devesse ser para um ou outro, mas, ao invés de assumir a sua posição, escondia seus intentos dirigindo ao público fiel a mensagem de que ambos caminhavam juntos: que a fé poderia ser conciliada com o patriotismo.

Para A Ordem, não se dissociava a fé da civilidade. Embora publicasse a extensa programação das comemorações de 7 de Setembro, ele também abria espaço na publicação para deixar clara que a importância de Deus estava em primeiro lugar. O discurso tomava outro foco, se arrefecendo em conteúdos do tipo: “No Dia da Pátria, portanto, vibremos todos, com a mocidade e os homens de todas as idades, pelo Brasil cada vez maior, cada vez mais integrado em sua tradição cristã”. Era uma forma de assegurar a unidade espiritual do país e “proteger” os fiéis de ameaças como o comunismo, o espiritismo e outras “seitas heréticas” em ascensão.¹⁶⁴

3.4. Vivo São João

Se a ida aos bares, clubes e cafés tornar-se-ia corriqueira na vida do natalense no decorrer da primeira metade do século XX, a ponto de ditar modas e comportamentos, assim como foi o surgimento das festas de debutantes e concursos de misses, outro costume bastante forte desde o século XIX, carregado de simbolismo, resistia firmemente na capital. As festas juninas, bastante presentes na cidade, adaptavam-se às mudanças sociais e buscavam novos espaços, conseguindo reunir os públicos devoto e profano. Se antes os acontecimentos se restringiam às paróquias, passaram a tomar uma dimensão maior em 1930 ocupando as ruas – principalmente as procissões que aconteciam na Ribeira e na Cidade Alta – além da festa nos clubes em homenagem aos três santos do mês de junho: Santo Antônio, São João e São Pedro.

De acordo com a antropóloga Luciana Chianca, este tipo de diversão migrou para bairros considerados de emigrantes, como o Alecrim, ao mesmo tempo em que a cidade sofria um notável crescimento entre os anos de 1928 até 1940. As ruas de bairros como o Alecrim durante o São João - como já se tornaram conhecidas as festas juninas -

¹⁶⁴ **A Ordem**, 06.07.1947.

ficavam repletas de gente, eram decoradas com bandeirinhas e bandas de músicas animavam o arrasta-pé. Chegava a ser tão animado que atraía moradores de outros bairros, que para lá iam de bonde¹⁶⁵.

O jeito de vestir do homem do interior passa a ser a principal característica identitária destas celebrações, quando surge, nos anos 1930, a figura do “matuto”, motivado pela vinda de moradores do interior do Estado para a capital. O roceiro, que já havia ganhado as ruas, passa a ser a principal “atração” dos salões dos clubes da cidade. Ao invés de roupas “comportadas”, o traje matuto para homens e mulheres era essencial para se destacar nas danças¹⁶⁶, numa estereotipia explícita apropriada pelos cidadãos, tornando-se uma característica nacional.

Ruas e clubes tinham seus públicos distintos e formas específicas de se comemorar a festa junina na cidade. Entretanto, adentrando a década de 1950, os clubes de Tirol e Petrópolis são bastante citados pelas nossas fontes como preferenciais das festas de junho, embora durante a nossa pesquisa, não tenhamos encontrado referência ao São João sendo realizado nas ruas desses bairros.

Os clubes passam a ser locais onde se realizavam as concorridas quadrilhas juninas para público selecionado, ao som das orquestras e *jazz band*, como aconteceu no Aero Clube (com Câmara Cascudo sendo o primeiro marcador da primeira quadrilha em 1940), ou mesmo no mais popular Brasil Clube¹⁶⁷. Para receber os associados, dando à festa um caráter regional, caprichando na decoração do salão, o Aero Clube promoveu grandes bailes. Na festa de São Pedro, matutas mais originais, representadas pelo “belo sexo”, concorriam a prêmios. Palhoças, fogueiras e grande distribuição de quitutes juninos completaram a noite no sodalício do Tirol¹⁶⁸.

¹⁶⁵ A antropóloga Luciana Chianca diz que há uma relação estreita entre o crescimento da cidade e o São João: “Enquanto a migração interna no Rio Grande do Norte permanece expressiva nas décadas de 1940 e 1950, o desenvolvimento da cidade apresenta novos caminhos através da festa junina”. A autora também cita outros espaços de lazer onde a festa se realizava entre 1940 e 1960, como o Alecrim Clube, América Futebol Clube, Brasil Clube, Clube da ASSEN, Clube dos Radiadores, Clube Hípico, o Cobana, Grill Room, Ícaro Clube, SESC, Sociedade Recreativa Foliões do Norte e Centro Esportivo Feminino. CHIANCA, Luciana e O. **A Festa do Interior**. São João, migração e nostalgia em Natal no século XX. EDUFRN, Natal, 2006.

¹⁶⁶ CHIANCA. Id. p. 41.

¹⁶⁷ CHIANCA, Id. *ibid.*, p. 63.

¹⁶⁸ **Tribuna do Norte**, 22.05.1952.

Outras grandes festas de caráter junino marcaram este clube. Em 1954, um grande Baile Regional com Jonatas e sua Orquestra, a participação de Chico Alencar e seu Conjunto Regional foram oferecidos aos sócios. Nesta mesma noite diversas músicas foram executadas por 15 moças, a “fina flor” da elite natalense se apresentou. Os festejos juninos do Aero foram palco da primeira festa caipira infantil (só para os filhos dos associados). Houve prêmios para os matutos mirins melhor caracterizados.

A festa de São João era muito concorrida. Papai dançava quadrilha, eu dançava com ele, ganhávamos mais de um prêmio no Aero Clube; depois ganhamos prêmio do casal mais bem caracterizado... Eu tocava acordeom [com outras amigas]. Então, nós, junto com a orquestra, nós três no palco, caracterizadas. Todo mundo ia ao Aero Clube fantasiado de matuto

Nilda Cunha Lima

A presença paterna era um indício de que a mocinha não tinha total liberdade e permissão para dançar com os rapazes tão proximamente. Não tendo outra opção, restava a elas ter o genitor como par. Talvez pela idade avançada de alguns, com experiência em executar ritmos mais antigos, o resultado se mostrava satisfatório:

Tinha a quadrilha, o forró, o xote, que o povo não sabe dançar xote pensa que sabe, tinha uma dança belíssima que eu dançava com o meu pai - que tinha idade de ser o meu avô -, era Jararaca¹⁶⁹, eram danças matutas, então forró que eu me lembre era só São João e São Pedro.

Luiza Dantas

Adentrando os 1950, as danças regionais ao som de violões e sanfonas começavam a se firmar nestes eventos. No dia 25 de junho, o mesmo clube foi o lugar escolhido pelo Santa Cruz para promover a Festa da Chita. De caráter junino, as orquestras animaram a noite, que culminou com um inusitado concurso: a escolha das 10 mais elegantes da chita¹⁷⁰.

Do outro lado do Tirol, a boite do América também faria seu baile junino em 1955, com direito a casamento matuto, concurso de dança e três orquestras para animar o público. Porém, seus bailes não eram tão divulgados pela imprensa, de acordo com as

¹⁶⁹ “Dança popular do interior nordestino, na sua região do agreste. É uma espécie de *schottische*”. CHIANCA apud CASCUDO: 188: 400

¹⁷⁰ **Tribuna do Norte**, 24.06.1955.

nossas fontes. Das duas principais referências festeiras privadas dos dois bairros estudados, o Aero Clube foi quem mais investiu e inovou nas festas juninas.

Assim como o São João, a reapropriação dos espaços privados para festas religiosas adentra a metade dos 1900 se (a)firmando com diversos eventos, compondo o calendário oficial anual da Igreja Católica. Porém, diferentemente do período joanino que se firmou nos clubes dos bairros de elite da cidade, outras festas assumiam datas dispersas do calendário, com cunho, a princípio, mais religioso do que o caráter assumidamente dado pela população àquelas do meio do ano.

3.5. O templo, a festa e a rua

As festividades nas noites de novembro da cidade tinham data certa para acontecer, com uma programação voltada para as homenagens à padroeira de Natal, Nossa Senhora da Apresentação, cujos eventos aconteciam nas imediações da igreja matriz, na Cidade Alta, e no Paço da Pátria, como procissões e novenários compondo a parte religiosa, e shows, quermesses, concursos de beleza, procissão fluvial no rio Potengi, apresentações de folguedos e bares formando a programação profana. Paróquias do Alecrim e Ribeira também rendiam homenagens aos seus patronos.

Com a Igreja se apropriando de um público “consumidor” festeiro e vice-versa, cada vez mais abrangente, programações oficiais e oficiosas tornar-se-iam comuns com o passar do tempo, com as iniciativas apresentando-se diversificadas. Algumas vezes, pouco – ou nada - se falava sobre religiosidade. O evento em si parecia se deslocar da função precípua que o fazia existir, como verificamos na Festa da Primavera, promovida pelas Senhoras da Ação Católica, que organizaram uma quermesse na Associação Atlética Banco do Brasil em benefício da construção do prédio que abrigaria as mães operárias e domésticas de Natal.

A farta e diversificada programação foi direcionada a diversos públicos e proporcionou momentos agradáveis no parquinho infantil, nas barracas, nos jogos, pescaria, shows, nas “horas de arte”, música, bailados, correio, telégrafo. Dentre outras opções, abria-se espaço até para concurso de beleza. A autonomia em relação à fé se firmava a tal ponto que a organização incluía bar e restaurante, não faltando música

animada nos alto-falantes. Durante a divulgação pela imprensa¹⁷¹, não se falou em nenhum momento religioso, o que denota uma diminuição da importância teológica para se abrir um espaço cada vez mais aceito e solidificado da programação laica.

Com o passar do tempo, outras igrejas foram arregimentando mais fiéis e promovendo os seus encontros. O crescimento da cidade teve papel fundamental nesta nova relação. Quanto Tirol e Petrópolis passaram a ser mais habitados, principalmente, em decorrência da Segunda Guerra, a Igreja católica construiu nestes bairros dois templos: a igreja Santa Terezinha (Tirol), inaugurada em 1930, na avenida Rodrigues Alves e a capela São Judas Tadeu (Petrópolis), localizada na mesma artéria e inaugurada em 1951. Não tardou para que ambas promovessem eventos. O clero dava continuidade à secularização comentada no início deste trabalho, quando o profano e o sagrado se imbricavam cada vez mais fortemente entre a sociedade.

A festa oficial da padroeira de Tirol adentra os anos 1940 com uma programação que durava cerca de 10 dias, reunindo fiéis em torno de ritos sagrados como a pregação e bênção do Santíssimo Sacramento¹⁷². Em meados da década seguinte, outra configuração é percebida por nós, como as novenas noturnas, cuja festa popular acontecia em torno das concorridas barracas do Cordão Azul e Cordão Encarnado. Pela divulgação detalhada, presumia-se a presença dos moradores dos bairros trabalhando na festa, com boa parte dos momentos religiosos sendo de responsabilidade dos homens. O evento da paróquia entrou para as datas festivas da arquidiocese local e contava com uma divulgação que se fazia nos jornais pesquisados, tanto em A Ordem quando na Tribuna do Norte, seja na forma de anúncio ou como extensas reportagens.

Prova de que o sagrado e o profano se tornaram comuns na cidade eram eventos voltados exclusivamente para a o público juvenil. “O Clube dos Jovens Pelo Mundo Melhor”, por exemplo, promoveu a Festa dos Solteiros na avenida Rodrigues Alves. O motivo não impediu que o encontro acontecesse nos pavilhões onde se realizavam os festejos da consolidada padroeira do Tirol¹⁷³.

¹⁷¹ A Ordem, 06.09.1947.

¹⁷² A Ordem, 18.09.1948.

¹⁷³ **Tribuna do Norte**, 25.09.1960.

O reuso dos espaços passa a dar novos significados aos templos religiosos de Natal, arrefecendo toda uma representação em torno das edificações e seus significados de fé, obediência e compromisso, pilares da religião católica. Conforme lembra Crinaura Dantas, um dos eventos mais marcantes foram as sessões de cinema na Santa Terezinha, famosos pelo conteúdo exclusivo exibido:

Teve os filmes de cultura e isso aí era uma coisa muito boa. Os melhores filmes que não passavam [nos cinemas oficiais da cidade], passavam lá no salão paroquial da igreja.

Durante o recorte temporal da nossa pesquisa, a festa da Padroeira do Tirol teve ampla divulgação, com a programação diária detalhada por todo o período em que ela acontecia. Não só a parte profana, mas os momentos religiosos, principalmente retratados pelo jornal A Ordem, enfatizavam a importância social do clero nos dois bairros, construindo momentos em que, muitas vezes, não se sabia onde terminava a fé e começava a festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade do Natal passou por grandes mudanças ao longo do século XX. Na esteira do desenvolvimento, caminharam lado a lado as interferências da Administração Pública no seu espaço urbano e a participação de parte da população, representada pelas elites política, intelectual e econômico-financeira. Esta parcela da sociedade local foi privilegiada por morar em um bairro planejado e organizado para atender às suas demandas; para ela, criou-se a Cidade Nova, o terceiro de Natal.

Nesta circunscrição, viam-se novas práticas sociais se estabelecerem ao mesmo tempo em que se mantinham antigos costumes. Justamente na Cidade Nova, logo depois desmembrada em Tirol e Petrópolis, os cidadãos - em especial os moradores - dava um novo ressignificado às suas ruas, praças, clubes, cinema, aos festejos como o Carnaval e a Parada Militar. Esta crescente relação entre homem e espaço acontece indiferentemente à concretização imediata dos serviços de infra-estrutura incluídos nos três marcantes Planos Urbanísticos propostos para a área.

As famílias abastadas da cidade passam a ocupar os enormes lotes disponíveis nestes bairros. Chalés com aparência francesa e palacetes recebiam seus distintos habitantes, gente rica de dinheiro ou de sobrenome tradicional na cidade e no Estado. A cidade cresce, mas o planejamento daquele que seria a principal referência espacial da elite, o bairro da Cidade Nova, não acompanha a ida, embora lenta em alguns períodos, dos novos moradores. Faltavam investimentos em infra-estrutura e transportes; algumas ruas, em plena década de 1950, ainda não tinham pavimentação e nem luz elétrica.

Entretanto, a cidade não parou. O pós-Guerra deixou como lição uma Natal mais preparada, com mais serviços e opções de lazer e cultura, ideal para receber a elite. Adaptando-se ou criando suas modas, esta gente suplantou a falta do serviço público eficiente e marcou o seu espaço naquele solo urbano. Neste universo de luxo, abundância e de apego às artes, uma parcela se sobressaía: a juventude. Este grupo social freqüentava as mesmas escolas particulares, tinha aulas de instrumentos musicais, jogava voleibol e basquetebol, viviam nas *matinéés* do Aero Clube e do Aero Futebol Clube, era presença cativa nas sessões cinematográficas do Cinema Rio Grande, por exemplo, configurando um universo diferente de outros bairros da cidade.

A participação ativa na sociedade local fazia dos filhos dos ricos, atores principais de um mercado cada vez mais em expansão, peça fundamental para se entender como o espaço do bairro fora sendo ocupado por eles. A depender da ocasião, os grupos se formaram de acordo com suas preferências, e assim surgia uma sociabilidade cada vez mais identificada com o seu público. O público era o lugar e o lugar era esse público. Essa vivência é concretizada em 1950, quando fica mais evidente a observação deste público. Suas escolhas, muitas vezes, iam em conformidade com o que o momento exigia; caso não o fosse, uma nova configuração social para a diversão se re-inventava.

A ascensão e a profissionalização no esporte apresentam uma realidade em que a brincadeira do sexo masculino, seja jogando basquete, tênis, futebol e futebol-mirim, por exemplo, deixa o seu lado amadorístico para promover grandes embates e movimentar cifras de dinheiro. Tirol e Petrópolis vêem a consolidação dos jogos de futebol no Estádio Juvenal Lamartine ao mesmo tempo em que são edificadas lugares fechados como o Ginásio Sylvio Pedroza, considerado um dos mais modernos do Norte-Nordeste.

Às mocinhas, diferentemente da moral que se exigia nas poucas décadas anteriores, se permitia – e se esperava – além de um bom comportamento e de algum dote artístico, expor-se à vaidade consentida. A perfeição física feminina, até certo ponto inalcançável e inatingível como as estrelas de cinema, se confirma como um marco da liberdade da mulher, ao se expor publicamente sem qualquer sanção, desde, porém, que seguisse as normas sociais da época. Os concursos de beleza, já corriqueiros na década de 1920, têm seu auge nos anos 1950 na capital, a ponto de passarem a existir em bairros populares como o Alecrim, e surgissem motivos diversos para se eleger uma rainha.

As ruas, as avenidas e as praças são palcos preferidos para as manifestações populares, verdadeiro encontro de multidões. Sagrado e profano no Carnaval no curso e nos blocos, civilidade e respeito no desfile de 7 de Setembro, os comícios na Praça Pio X. A espontaneidade das ruas vai para os salões dos clubes da elite, porém, cada um com suas regras, com suas demarcações comportamentais. Ambos, local de prazer e liberdade, onde se cheirava lança-perfume escondido, mantinha-se o anonimato sob máscaras e quando a fantasia era feita no Rio de Janeiro tal o luxo da produção.

Os elementos de distinção conhecidos fortalecem o caráter de exclusividade que permeava Tirol e Petrópolis e foram fundamentais para se conhecer as sociabilidades da época, quando o público e o privado estavam ali, lado a lado, mas cada um conhecendo seu espaço. A diversão, cada vez mais organizada e profissional, ditava as regras na medida em que o comércio passa a reconhecer e a valorizar essa juventude, cada vez mais ciente de seu poder de “consumo”. Sempre afeita às novidades, era ela que lotava as sessões de cinema no Rio Grande, que iria às *matinéés* no fim de semana. Era esta mesma parcela da população que se aventurava pelos rincões de Tirol até chegar a uma Lagoa Manoel Felipe ainda com a natureza conservada, que saía em serenata em busca das moçoilas proibidas para o amor.

Entretanto, apesar de estarem ligadas a um passado recente, algumas destas instituições não mais existem; umas fecharam, outras foram derrubadas para dar lugar a outros estabelecimentos comerciais ou novas habitações. O Carnaval de rua perdeu a sua força, o corso não mais existe. Os palacetes dia-a-dia vão ao chão. Não se faz mais serenatas, não se frequenta tanto as praças para passear de bicicleta ou para o *footing* de fim de tarde, quando se usava roupa nova e bem-passada. A praça deixou de ser cenário para fotos e o cinema fechou as portas.

Não mais se caminha sem medo pelas ruas de Tirol e Petrópolis. Usar o lugar, como diz Michel de Certeau¹⁷⁴ e o bairro, como prega Mayol¹⁷⁵, é coisa do passado. A vida pública deixa de existir a partir do momento em que os grupos ficam cada vez mais isolados. A vida privada passa a ocupar mais o tempo do cidadão, e assim a cidade envelhece. Os caminhos continuam os mesmos, mas as práticas são outras.

Assistimos ao apogeu de uma vida social que imitava a arte e fazia dela uma prática. Vimos uma elite que se auto-identificava, que criava seus códigos e usava os espaços sem culpa, quando a juventude ia para a festa religiosa mais interessada na programação pagã. A cidade cresceu e seu público também. Esta mesma cidade foi testemunha da importância que as sociabilidades tiveram em meados do século passado. Hoje restam alguns vestígios deste apogeu. Outros, nem isto. Uma coisa restou: o espaço e o lugar de hoje ainda existem, nem que sejam para uma reflexão.

¹⁷⁴ CERTEAU, Michel de. Id. *ibid.*

¹⁷⁵ MAYOL, Pierre. Id.

BIBLIOGRAFIA

ARRAIS, R., ANDRADE, A., MARINHO, M. *O corpo e a alma da cidade: Natal entre 1900 e 1930*. Natal: EDUFRN, 2008.

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de velhos*. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo nas metrópoles*. São Paulo: Contexto, 2001
- CASCUDO, Luis da Câmara. *História da cidade do Natal*. Natal: Editora RN/Econômico, 1980.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis-Rio de Janeiro: Ed. Vozes Ltda, 1990.
- CHIANCA, Luciana de Oliveira. *A Festa do Interior*. São João: migração e nostalgia em Natal no século XX. Natal-RN: EDUFRN, 2006
- COSTA, Ricardo José Vilar da. *Habitação e modernização: Cidade Nova e maneiras de viver em Natal no início do século XX*. Dissertação PPGH, UFRN, Natal, 2008.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis*. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro-RJ: Editora Guanabara Koogan S.A., 1978.
- EMERENCIANO, João Gothardo Dantas (Org). *Natal Não-Há-Tal: Aspectos da História da Cidade do Natal/ Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo*, Natal: Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística, 2007.
- FERREIRA, A. L., EDUARDO, A. R. B., DIAS, A. C. D., DANTAS, G. A. F. *Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal - 1850 a 1969*. Natal: IAB/RN: CREA/RN, 2008.
- LIMA, Ary Guerra Cunha Lima. *Histórias que Vivi*. Natal: Edições Sebo Vermelho, 2008.
- LIMA, Jailma Maria de. *Partidos, Candidatos e Eleitores: o Rio Grande do Norte em campanha política (1945-1955)*. Tese. Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2010.
- LOPES JR., Edmilson. *A Construção Social da Cidade do Prazer*. Urbanização turística, cultura e Meio Ambiente em Natal (RN). Natal: EDUFRN, 1997.
- MARINHO, M. M. Fonseca. *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense (1900-1930)*, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História, UFRN. Natal, 2008.

MAYOL, Pierre. *Primeira Parte: Morar*. Capítulo 1. O Bairro. In: CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano*. 2. Morar, cozinhar. Petrópolis-RN: Ed. Vozes, 1994.

MIRANDA, João Maurício Fernandes de. *380 anos de história foto-gráfica da cidade de Natal 1599 – 1979*. Natal, UFRN. Ed. Universitária, 1981.

MIRANDA, João Mauricio Fernandes de. *Evolução Urbana de Natal em 400 Anos: 1599 – 1999*. Natal, RN. Prefeitura do Natal, 1999.

NOBRE, Paulo José Lisboa. *Entre o cartão-postal e a cidade real: um estudo sobre paisagem e produção imobiliária em Natal/RN*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFRN, Natal, 2001.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. *A Cidade e a Guerra: As transformações urbanas e a militarização da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial*. Tese. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

PEDREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu Misturo com Banana: Carnaval e cotidiano de guerra em Natal*. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2005.

PINHEIRO, Carlos S. R. PINHEIRO, Fred S. R. *Dos bondes ao hippie drive-in: fragmentos do cotidiano na cidade do Natal*. Natal, RN: EDUFRN, - Editora da UFRN, 2009.

PROST, Antoine. Fronteiras e Espaços do Privado. *A família e o indivíduo*. In: PROST, Antoine, VINCENT, Gérard (Org). *História da Vida Privada*. V-5 - Da Primeira Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SANTOS, Pedro Antônio de Lima. *Natal século XX, do urbanismo ao planejamento urbano*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

SANTOS, P. A. de L. A questão sanitária e o disciplinamento de Natal: 1850 – 1935. In: FERREIRA, Ângela Lúcia de Araújo, OLIVEIRA, Giovana Paiva de (Org.). *Natal: intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade*. In: Natal, RN: EDUFRN, 2006, Natal: intervenções urbanísticas, morfologia e gestão da cidade. Natal, RN: EDUFRN, 2006

SAVAGE, Jon. *A Criação da Juventude* - Como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco 2009.

SOUZA, Itamar de. Nova História de Natal. 2.ed. *Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008.*

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. *Da cidade de Deus à cidade dos homens: a secularização do uso, da forma e da função urbana.* Natal, RN: EDUFRN, 2009.

TEIXEIRA, Rubenilson B. *A agonia do velho Natal face ao novo – Secularização e modernidade urbana.* In: FERREIRA, Ângela L., DANTAS, George. *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940).* Natal: EDUFRN, 2006.

ANEXOS

Cronologia das principais instituições e intervenções urbanas de ruas e avenidas que compunham a Cidade Nova, já Tirol e Petrópolis, 1945 - 1940:

Av. Prudente de Moraes

1940-1950	Primeiros trechos calçados com paralelepípedo (até a rua Apodi, em 1954). Adiante desde ponto havia muito mato, enormes buracos, desníveis no terreno, impossibilitando o tráfego de automóveis
-----------	---

1954- 1974	Calçamento do trecho entre a Apodi e a Lagoa Manoel Felipe
---------------	--

Av. Deodoro da Fonseca

1902	Colégio Imaculada Conceição
1934	Iniciado o calçamento com paralelepípedo
1941	Rádio Educadora de Natal (1944, Rádio Poti)
1943	Avanço da pavimentação, da praça Pio X até a rua Apodi
1944	Praça Pio X
1947	Fundação da Associação dos Subtenentes e Sargentos do Exército (ASSEN)
1949	Cine “Rio Grande”
1950	(Novo) Auditório da Rádio Poti

Av. Floriano Peixoto

1939	Calçamento em paralelepípedo (entre a Potengi e a Trairi, com meio-fio, arborização e passeios decorados com mosaicos)
1949	Calçamento da Praça Pio X até a rua Mipibu

Av. Campos Sales

1954	Colégio Estadual do Atheneu Norte Rio-grandense (Atheneu Norte-riograndense, fundado em 1834, também funcionou nas avenidas Rio Branco antes na rua Junqueira Aires)
------	--

Av. Hermes da Fonseca

1951	Retirada dos trilhos do bonde no Tirol
1952	Escola Doméstica de Natal (anteriormente, funcionava na Ribeira desde 1914)
1953	Instituto Maria Auxiliadora

Av. Afonso Pena

1959	Inauguração da sede social do ABC Clube (funcionando até 1978 -1980; data imprecisa). Antes havia o campo do ABC no mesmo local.
Anos 1950	Em meados desta década, embora não tenhamos a data precisa, inaugurou-se o Centro Esportivo Feminino de Vôlei, voltado para a prática do esporte pelo “belo sexo”. O voleibol já era praticado na cidade desde a década de 1940. Turmas de jovens se encontravam na Praça Pedro Velho, que tinha duas quadras: uma de basquetebol e outra de voleibol. “Fundado em 07.10.1934, funcionava inicialmente no prédio da Associação Feminina de Atletismo (AFA). Era considerada a supremacia do vôlei feminino do

	Rio Grande do Norte. “(...) com o desaparecimento da AFA, o Centro ficou quase extinto. (...) uma comissão, afim de angariar fundos para o Centro, que terá em sua nova fase, departamentos esportivos, para senhoras, senhorinhas e crianças. Ficou também assentada a <i>realização</i> de uma grande festa ainda sem data marcada, cujo resultado financeiro reverterá em benefício as obras do Ginasio Esportivo, em construção na Avenida Afonso Pena. Este Ginasio, magnificamente instalado, será dotado de dependencias modernas se equiparando com os melhores ginásios do nordeste. A quadra terá o piso de taco e neste sentido, será realizada a Campanha do Taco esperando a diretoria do Centro encontrar apoios dos desportistas da cidade. “(...) Fonte: Tribuna do Norte , 08.02.1952
--	---

Av. Rodrigues Alves

1930	Igreja Santa Terezinha
1949	Nova sede do Clube de Radioamadores do RN
1950	*Brasil Clube (não temos a data exata da inauguração do Clube. A primeira informação que obtivemos foi de uma “matinal esportiva <i>dansante</i> dia 5 de outubro de 1950, na Tribuna do Norte)
1951	Capela São Judas Tadeu
1952	Externato Nossa Senhora de Fátima
1953	Quartel da Polícia Militar
1956	Inauguração da concha acústica e auditório da Lagoa Manoel Felipe
Década 1960	Grande reforma da lagoa Manoel Felipe durante a gestão do governador Aluizio Alves  FOTO 27 – (Foto da lagoa na década de 1930 ou 1940. Não foi possível identificar o autor e a data precisa do cartão postal)

Rua Seridó

1954	Ginásio Sylvio Pedroza
------	------------------------

Rua Jundiá

1941	Primeiro trecho calçado com paralelepípedo
1944 - 1945	A pavimentação estende-se para quase o restante da rua

1955- 1958	O Atheneu Feminino encerra suas atividades. Em seu lugar, é instalada a Faculdade de Filosofia
---------------	--

Rua Apodi

1953	Pavimentação com paralelepípedo
------	---------------------------------

Rua Mipibu

1957	Pedra fundamental do prédio da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras
1972	Conclusão total da pavimentação

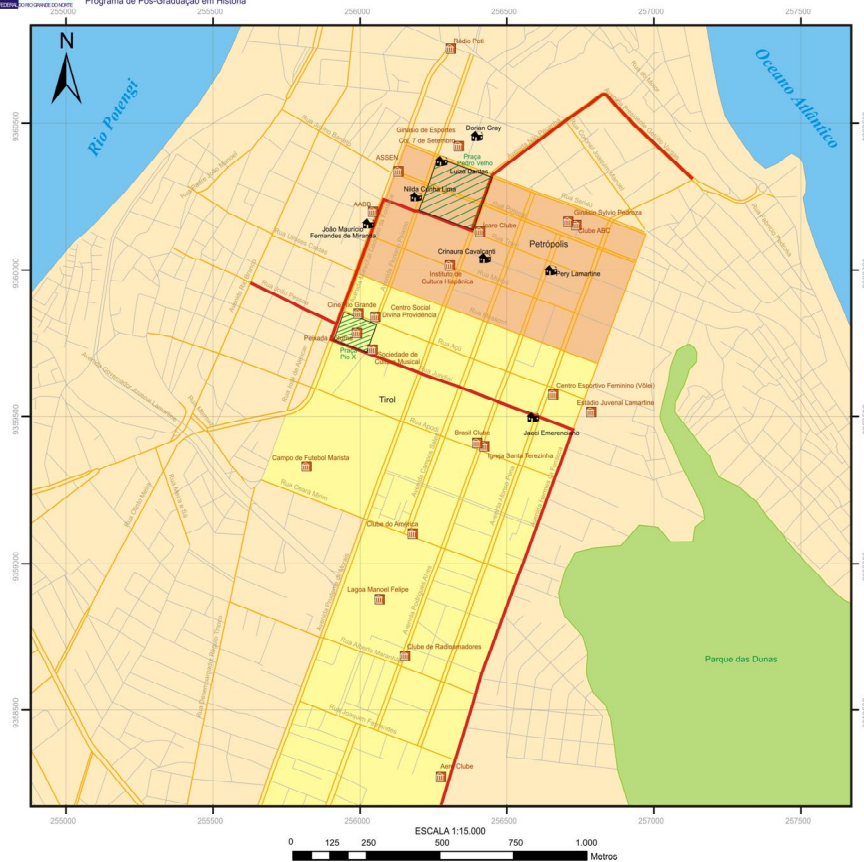
Rua Mossoró

Década 1950	Início da pavimentação a paralelepípedo (a próxima etapa só ocorreria em 1967)
----------------	--

Rua Maxaranguape

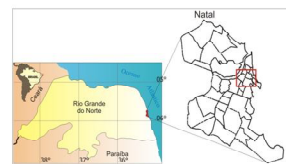
1945	Sede do América Futebol Clube
1951	Casa de Saúde São Lucas

Fontes: SOUZA, Itamar de. **Nova História de Natal**. 2.ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2008; *Tribuna do Norte*



Convenções Cartográficas:

-  Locais de Lazer da época
-  Residência dos Entrevistados
-  Trajeto do Bonde nos bairros destacados
-  Principais Avenidas e Ruas
-  Arruamento Atual
-  Praças de Interesse
-  Bairro de Petrópolis segundo o Plano de Poldirelli (1904) e Natal hoje
-  Bairro do Tirol segundo o Plano de Poldirelli (1904) e Natal hoje



Natal 1945 - 1960: Sociabilidades nos Bairros de Tirol e Petrópolis

Notas:

- Sistema de Coordenadas Projetadas Datum SAD 09 Zona 25;
- Dados vetoriais cedidos pela SEMURB;
- Trajeto do antigo bonde: adaptado em SANTOS (1998) com base em MIRANDA (1981);
- Traçado dos bairros Tirol e Petrópolis: adaptado em SANTOS (1998) com base em MIRANDA (1981);
- Layout: Daniel Kim Ferreira.